



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO – DEDC I
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
MESTRADO PROFISSIONAL – MPEJA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO
GESTÃO E TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

KARLA SUANE DA SILVA SANTOS LEITE

**OS DILEMAS E AS POSSIBILIDADES PARA A INCLUSÃO DIGITAL
NA EJA: A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA**

SALVADOR
2024

KARLA SUANE DA SILVA SANTOS LEITE

**OS DILEMAS E AS POSSIBILIDADES PARA A INCLUSÃO DIGITAL
NA EJA: A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Campus I, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação de Jovens e Adultos. Área de concentração: Gestão e Tecnologias Educacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria da Conceição Alves Ferreira.

SALVADOR
2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Biblioteca Professor **Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I**
Bibliotecária: Célia Maria da Costa – CRB5/918

L533d Leite, Karla Suane da Silva Santos

Os dilemas e as possibilidades para a inclusão digital na EJA: a elaboração de uma proposta pedagógica / Karla Suane da Silva Santos Leite .-Salvador, 2024.

141 f. : il.

Orientadora: Maria da Conceição Alves Ferreira.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA, Campus I. 2024.

Contém referências, apêndices e anexos.

1. Educação de jovens e adultos – Inclusão digital. 2. Tecnologia e educação. 3. Educação de Jovens e adultos – Inovações tecnológicas. 4. Ensino auxiliado por

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Reconhecido Homologado pelo CNE (Portaria MEC nº 1009, DOU de 11/10/13, seção 1, pág. 13.)

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E

ADULTOS - MPEJA

DEDC - CAMPUS I
Departamento
de Educação



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

“OS DILEMAS E AS POSSIBILIDADES PARA A INCLUSÃO DIGITAL NA EJA: A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA”

KARLA SUANE DA SILVA SANTOS LEITE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos – PPGEJA, em 27 de setembro de 2024, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:

Maria da Conceição Alves Ferreira

Profa. Dra. **MARÍA DA CONCEICAO ALVES FERREIRA (UNEB)**
Doutorado em educação
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Talamira Taita Rodrigues Brito

Profa. Dra. **TALAMIRA TAITA RODRIGUES BRITO (UESB)**
Doutorado em educação
Universidade Federal de
Uberlândia

Joceniides Zacarias Santos

Profa. Dra. **JOCENILDES ZACARIAS SANTOS (UNEB)**
Educação e
Contemporaneidade
Universidade do Estado da
Bahia

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, pelo exemplo de simplicidade, coragem em suas metas e que com muito carinho me ensinou o caminho da persistência e a lutar pelos meus objetivos; a meu esposo pelo apoio incondicional em todos os momentos e aos meus colegas de trabalho e alunos da EJA, fontes de inspiração que contribuíram para meu crescimento e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela realização dos sonhos, projetos e conquistas.

A minha mãe, Solange, agradeço a vida, amor, apoio, educação e orientações. Gratidão pelo apoio neste projeto de vida do Mestrado e em todos os projetos e etapas da vida em que esteve sempre comigo.

A minha querida e amada filha, Beatriz, agradeço pela alegria e luz que você transmite desde o dia que nasceu. Essa luz que me iluminou e muito me fortaleceu a caminhar nessa etapa de forma tranquila, através do seu sorriso, inocência e amor.

Ao meu companheiro de vida, Adriano, por vivenciar e caminhar comigo nessa etapa de formação. Obrigada pelo apoio, idas e vindas na rotina diária entre casa, trabalho, rodoviária e pela força nas madrugadas, domingos e feriados.

Em especial agradeço as minhas amigas Cíntia, pelo incentivo e atenção comigo nos momentos difíceis; a Juliana pelo apoio e parceria durante todo o processo de jornada para o MPEJA em Salvador.

A minha orientadora, a Professora Doutora Maria da Conceição Alves Ferreira pelas orientações e paciência. Gratidão por compreender e respeitar a luta de mãe de autista, dona de casa, profissional, esposa e pesquisadora. A Mércia, minha querida vice-diretora pelo incentivo desde o início da minha chegada ao colégio e no suporte diário na minha atuação como coordenadora pedagógica. Impossível mensurar a minha gratidão a vocês!

LEITE, K. S. S. S. **Os dilemas e as possibilidades para a inclusão digital na EJA: a elaboração de uma proposta pedagógica.** 2024. 129 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos) – Programa de Pós-graduação em Educação de Jovens e Adultos - MPEJA. Departamento de Educação, Campus I, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, 2024.

RESUMO

Os alunos da EJA percebem as demandas oriundas da inserção das tecnologias na sociedade, em especial as digitais, e direcionam para a escola a expectativa de construir competências para se apropriar e interagir com essas tecnologias. Assim, esta pesquisa tem por objeto a elaboração de uma proposta pedagógica para o componente curricular Inclusão Digital, buscando responder à seguinte pergunta: Como os estudantes da EJA podem superar e potencializar as suas possibilidades através da Inclusão Digital? Para isso, foi empregada a Etnopesquisa Crítica/Formação enquanto abordagem metodológica da pesquisa, sendo intermediada por uma perspectiva qualitativa, em que o pesquisador tem contato direto com os colaboradores/participantes da investigação imersos em seu ambiente, não os olhando de fora, mas sim, envolvendo-os no estudo, favorecendo com que se tornem coparticipes do processo. As análises das informações foram realizadas a partir das vivências e escuta sensível nas observações participantes na turma da EJA, análise de questionário e entrevistas semiestruturadas. Buscando refletir, junto aos participantes da pesquisa, sobre quais os dilemas e as possibilidades do componente curricular Inclusão Digital nas turmas de EJA, foi possível identificá-los e analisá-los possibilitando assim a construção de uma proposta pedagógica para o referido componente Inclusão Digital. Os resultados obtidos comprovaram que é necessário e urgente que o componente Inclusão Digital seja inserido e trabalhado interdisciplinarmente nas escolas e que este não seja um componente fechado, engessado, com conteúdo técnicos e pontuais. Nessa direção, esta pesquisa apresenta como produto uma proposta pedagógica para a inclusão digital na EJA que é de suma importância para o campo educacional porque promove aos alunos da Educação de Jovens e Adultos as habilidades básicas para as tecnologias digitais de forma a inseri-los no mundo tecnológico, possibilitando a sua inclusão social e mercadológica, sem perder de vista o desenvolvimento do pensamento crítico e ético.

Palavras chave: Inclusão digital; Proposta Pedagógica; Tecnologias digitais; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

Students in EJA perceive the demands arising from the insertion of technologies in society, especially digital technologies, and direct to the school the expectation of building skills to appropriate and interact with these technologies. Thus, the object of this research focuses on the study of understanding how a pedagogical proposal for the Digital Inclusion component can overcome the dilemmas and enhance the possibilities for Digital Inclusion in EJA classes? To this end, Critical Ethnoresearch/Training was used as a methodological approach to the research, being mediated by a qualitative perspective, in which the researcher has direct contact with the collaborators/participants of the investigation immersed in their environment, not looking at them from the outside, but rather involving them in the study, favoring their becoming co-participants in the process. The analyses of the information were carried out based on the experiences and sensitive listening in the participant observations in the EJA class, questionnaire analysis and semi-structured interviews. By seeking to reflect with the research participants on the dilemmas and possibilities of the Digital Inclusion curricular component in EJA classes, it was possible to identify and analyze them, thus enabling the construction of a pedagogical proposal for the aforementioned Digital Inclusion component. The results obtained proved that it is necessary and urgent that the Digital Inclusion component be inserted and worked on interdisciplinarily in schools and that it should not be a closed, rigid component, with technical and specific content. In this sense, this research presents as a product a pedagogical proposal for digital inclusion in EJA that is of utmost importance for the educational field because it promotes basic skills for digital technologies to students of Youth and Adult Education in order to insert them into the technological world, enabling their social and market inclusion, without losing sight of the development of critical and ethical thinking.

Keywords: Digital inclusion; Pedagogical Proposal; Digital technologies; Youth and Adult Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

EJA – Educação de Jovens e Adultos

NTE – Núcleo Territorial de Educação

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

SEC – Secretaria de Educação

TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Etapas metodológicas da pesquisa.....	27
Quadro 2	Interlocutores da pesquisa.....	28
Quadro 3	Tempos Formativos.....	45
Quadro 4	Segmentos do Fundamental e Ensino Médio.....	45
Quadro 5	Dilemas e as possibilidades para o ensino do componente inclusão digital.....	81

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Narrações formativas e profissionais.....	11
1.2 Estrutura e Organização da pesquisa.....	17
2. A ETNOPESQUISA EM FOCO: APONTANDO OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO.....	20
2.1. As escolhas metodológicas.....	20
2.2 As etapas do percurso.....	22
2.3 O Contexto da pesquisa.....	27
2.4 Os interlocutores da pesquisa.....	27
3. CIBERCULTURA E A INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	29
3.1 Cibercultura. O que significa?.....	29
3.2 Cibercultura na EJA.....	30
3.3 Inclusão Digital na EJA: Quais dilemas? Quais possibilidades?.....	34
4. A INCLUSÃO DIGITAL COMO COMPONENTE CURRICULAR.....	40
4.1 O currículo e a linguagem digital na EJA.....	40
4.2 As Tecnologias Digitais: Uma proposta pedagógica para EJA Uma proposta pedagógica para EJA com as tecnologias digitais.....	44
5. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....	49
5.1 Escolha Metodológica.....	51
5.2 Procedimentos Metodológicos.....	51
5.3 Observação Participante.....	52
5.4 O que diz o professor.....	61
5.4.1 Compreensão sobre o componente curricular Inclusão Digital e a sua importância na EJA.....	62
5.4.2 Suporte pedagógico para o ensino do componente curricular Inclusão Digital.....	65

5.4.3 Dilemas e possibilidades para o ensino de Inclusão Digital na EJA.....	66
5.5 O que dizem os estudantes sobre o componente curricular Inclusão Digital.....	68
5.5.1 Compreensão sobre Inclusão Digital.....	68
5.5.2 Dificuldades para compreensão do componente curricular nas aulas.....	69
5.5.3 Possibilidades que a inclusão digital pode oferecer para a vida dos sujeitos da EJA.....	72
5.5.4 Apresentação da proposta pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos..	74
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	84
ANEXOS.....	92
Anexo 01 – Termos de consentimento livre e esclarecido.....	92
APÊNDICES.....	101
Apêndice 01 – Roteiro de observação.....	101
Apêndice 02 – Questionário - professor.....	102
Apêndice 03 – Roteiro para entrevista (alunos EJA/etapa VI).....	105
Apêndice 04 – Roteiro para entrevista (alunos EJA/etapa VI).....	107
Apêndice 05 – Roteiro para entrevista (alunos EJA/etapa VI).....	109
Apêndice 06 – Fotos da escola.....	111
Apêndice 07- Proposta Pedagógica	112

1.INTRODUÇÃO

"Somos o que pensamos. Tudo o que somos surge com nossos pensamentos. Com nossos pensamentos fazemos o nosso mundo."

(Buda)

1.1 NARRAÇÕES FORMATIVAS E PROFISSIONAIS

O presente trabalho iniciou-se por meio da apresentação de minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal, bem como, a contextualização da pesquisa e de seus objetivos, com a apresentação geral do estudo. É importante destacar que essa estrutura se fez necessária, pois a pesquisa veio da busca por um olhar direcionado e construído ao longo dos meus percursos.

Desde o início da minha trajetória a educação se fez presente de forma significativa em minha vida. Sou filha de professora da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e cresci vendo minha mãe, professora leiga, planejar aulas criativas e cheias de significado para os seus alunos e foi a partir daí que ainda menina, decidi que esta iria ser a minha profissão. Minha mãe, “a pró Solange da EJA”, era conhecida como uma professora dinâmica, cheia de ideias e artifícios que nos tempos de hoje, autores contemporâneos consagrados chamam de “metodologias ativas”. Isso me inspirava muito porque sempre acreditei que qualquer pessoa era capaz de aprender qualquer conteúdo na escola, se a forma de ensinar fosse diferente do modo tradicional.

Acreditando nisto, consegui terminar o fundamental II e finalmente me matricular no Colégio Estadual Gastão Guimarães, em Feira de Santana-Ba, para dar prosseguimento aos meus estudos. Durante o curso, almejava fazer o vestibular para Pedagogia, intuía que as oportunidades seriam melhores se cursasse uma Universidade, de preferência pública. Ao me formar, decidi fazer o cursinho pré-vestibular. Tinha ciência de que não seria fácil entrar na universidade após finalizar o magistério por conta das dificuldades na consolidação de alguns conhecimentos matemáticos, e em especial, redação, visto que, a formação advinda do curso de magistério e a prática vivida nas salas de aulas serviriam somente para lecionar nas séries iniciais.

Depois de muito tentar, consegui passar no vestibular em agosto de 1999, o que me deixou extremamente feliz, afinal o sonho estava se tornando realidade e

agora eu era de fato uma estudante universitária do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). O período da Universidade foi sem dúvida um desafio, pois só de estar lá e poder viver a Universidade pude perceber o quanto eu não estava preparada para ler e interpretar, o quanto era difícil ler textos de autores clássicos que discutiam Educação. Para mim, compreendê-los e sintetizá-los era um verdadeiro “parto normal” de tão dolorido. Ainda assim, com toda dificuldade meu lema era seguir em frente.

Consegui me formar em 2005, num dia simbólico e cheio de significado, O Dia do Professor. Desde então, enveredei nos cursos preparatórios para concursos na área de Educação. Um ano após muito estudo e disciplina, fui aprovada em 2006 para o concurso da rede estadual baiana. A partir deste momento, ao assumir o cargo de coordenadora pedagógica, segui aprendendo no fazer diário da minha profissão que o coordenador tem uma função muito importante no ambiente escolar, dentre as suas diversas ações, o suporte que ele dá aos professores em sala de aula e o fornecimento de *feedbacks* para melhoria contínua do ensino é de fundamental importância e repercute positivamente em toda a comunidade escolar, em especial para os sujeitos da EJA. É nessa perspectiva que o presente trabalho reflete, não apenas a minha trajetória, mas tudo aquilo que me serviu de inspiração na educação desde pequena. Nessa árdua e ao mesmo tempo prazerosa caminhada fui me formando profissional da educação com o público EJA sempre presente em todo meu percurso pedagógico.

Ao se configurarem como indivíduos que estão em busca de equidade e contemplação dos direitos que não lhe foram adicionados ao longo de suas vidas, isto é, o acesso à educação básica, os estudantes da Educação de Jovens e Adultos surgem neste panorama contemporâneo dotados de conhecimentos e habilidades que se diferem do que ficou convencionalizado como saber escolar, a sabedoria, a maturidade e as experiências dos indivíduos da EJA possuem pouco valor dentro desta ordem sistêmica, o que é muito preocupante.

Dessa forma, é preciso que a Inclusão Digital esteja intrinsecamente associada ao contexto da EJA, pois a sua não utilização pode dar espaço para pensamentos como: “isso não é para mim”, “não consigo entender e por isso não preciso”, “tecnologia é para pessoas ricas”. Quando não é assim, os muitos que têm acesso podem achar que é um recurso feito apenas para se inserirem em determinados modelos e padrões das suas realidades, geralmente em busca de igualdade com os estilos da elite dominante, ou então, preencher as horas superficialmente, sem

observar o caráter pedagógico e a função política e de resistência dos aplicativos oriundos das tecnologias contemporâneas.

Como discutido ao longo da pesquisa, a inclusão digital precisa estar presente no ensino para uma aprendizagem significativa que contemple as histórias de vida dos sujeitos envolvidos no processo. A inclusão digital na EJA precisa ir além de uma perspectiva puramente mercadológica. Embora a inserção no mercado de trabalho seja importante, a inclusão digital deve ser discutida e encarada de forma mais ampla, considerando seus aspectos sociais (interação social), culturais (aproximação com a própria cultura) e políticos (educação crítica sobre a utilização das tecnologias).

Em 1997, durante a V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, o Brasil assinou a Declaração de Hamburgo, documento que tinha como concepção, ampliar a educação para pessoas jovens e adultas e compreendê-las na dinâmica dos contextos em que atuam, dando conta das complexidades que formam o seu território, tendo em vista emular algo que esteve constantemente tangenciado em propostas anteriores ao longo de décadas: permitir que o aluno aprenda durante e além da vida escolar.

O interesse por Inclusão Digital justifica-se plenamente pela atualidade e relevância do tema escolhido, pela importante contribuição na área educacional e social. Como coordenadora pedagógica e professora da modalidade EJA desde os anos 2010, observo que os jovens e adultos, tal como os seus docentes, são desafiados constantemente a ter que dar conta das necessidades de ordem material para seu cotidiano, bem como às exigências oriundas de um mundo globalizado e que se modifica constantemente de maneira muito veloz, o que dificulta bastante o acesso destas pessoas já prejudicadas de alguma forma pelo “atraso”, bem como pelo estigma social que os acompanha cotidianamente.

Refletir sobre a EJA na sociedade da informação é refletir primeiramente sobre o direito ao conhecimento. Os alunos da EJA percebem as demandas oriundas da inserção das tecnologias na sociedade, em especial as digitais, e direcionam para a escola a expectativa de construir competências para se apropriar e interagir com essas tecnologias. O acesso às tecnologias digitais como forma de combater a exclusão social é elemento que impacta diretamente a EJA, visto que essa apropriação tecnológica perpassa pelo direito ao conhecimento, pela inserção no mercado de trabalho e pela participação ativa na sociedade. Ao se refletir as tecnologias digitais na EJA faz-se necessário compreender que a referida modalidade

carece “desraigar-se” da função reparadora, ir além. A inserção dessas tecnologias na EJA clama o fortalecimento das funções equalizadora e qualificadora. Equidade pressupõe a igualdade frente à aquisição e à construção do conhecimento; e qualidade demanda inclusão social, consciência crítica e aprendizagem ao longo da vida.

É fato indiscutível que a inserção das tecnologias digitais na sociedade impacta, entre outros aspectos, na maneira como as pessoas se comunicam, como adquirem informação e como o mercado de trabalho se organiza, gerando mudanças que recaem diretamente sobre as demandas de aprendizagens do alunado da EJA. Todavia, a inserção das tecnologias digitais na prática pedagógica da EJA passa pelas funções e objetivos que lhes são atribuídos e recai efetivamente sobre o modo como o professor compreende o processo de ensino e de aprendizagem. Como também, perpassa a visão que o professor tem do conhecimento, da educação, das tecnologias e da sociedade. Visto que a simples presença das tecnologias digitais na sala de aula não caracteriza por si só a sua inserção pedagógica

Ciente desta realidade e da missão tão imprescindível do coordenador pedagógico no contexto de um mundo cada vez mais conectado com tecnologias digitais, percebe-se a necessidade de tecer contribuições acerca da inclusão digital nas turmas da Educação de Jovens e Adultos – EJA, que já são tão estigmatizadas no contexto escolar, com muitos alunos considerados excluídos sociodigitalmente. O atual componente curricular, implementado em 2022 nas escolas públicas estaduais baianas, deixa uma lacuna em como deve ser trabalhado em sala de aula, visto que ao se pensar na inclusão digital na EJA, é preciso considerar que esse público-alvo é composto, em sua maioria, por imigrantes digitais.

Diante do exposto, reitero que este tema é muito relevante por várias razões. Uma delas, talvez a mais importante tenha sido o fato de as Tecnologias Digitais serem recursos usados em todas as práticas sociais, econômicas e pedagógicas e por isso devem ser discutidas em sala de aula, não somente como recursos de mediação do processo de ensino e aprendizagem, mas também como dispositivos que influenciam a forma como pensamos, nos comportamos, nos relacionamos, produzimos conhecimento e consumimos (tanto a própria tecnologia como seus produtos) em nosso dia a dia.

A sociedade contemporânea, rodeada de tecnologias digitais, vem experimentando diferentes formas de relações sociais entre os seus usuários. As

redes sociais digitais possibilitam que os indivíduos interajam com outros usuários da rede, que leiam notícias, opinem, reivindicuem, produzam seu próprio conhecimento, divulguem informações e até mesmo se mobilizem coletivamente. São muitos os avanços nesse âmbito, com novas formas de compartilhar, usufruir e fazer parte desse mundo hoje tão digital.

Tais avanços estão inseridos na sociedade, fazendo parte de nosso cotidiano, principalmente no cenário educacional, tendo em vista que vivemos em uma sociedade considerada globalizada, com diversos suportes tecnológicos. Portanto, a educação, nas suas diversas modalidades deve estar harmonizada com esse contexto social. Em face do exposto, a EJA, enquanto uma importante modalidade de educação não pode e nem deve ficar de fora dessa realidade.

Recentemente, em 2022, com a implantação do componente curricular Inclusão Digital, como componente obrigatório na nova matriz curricular da EJA, através de portaria 44/2022 publicada pela Secretaria Estadual de Educação, tornou-se necessário e urgente a preparação do professor para o ensino do componente aos alunos da EJA, de modo que eles saibam não somente ligar um computador ou acessar a internet, mas que sejam também autônomos na construção de conhecimentos relacionados às tecnologias digitais.

As metodologias usadas e as dificuldades encontradas para o ensino e aprendizagem na EJA pelos professores ainda são um desafio a aprimorar a qualificação do ensino, em busca de aprendizagens significativas e da construção do conhecimento. Esse contexto despertou a atenção para a investigação de proposições que possam contribuir para o quadro da qualificação do componente em questão.

As sugestões pedagógicas apontadas na construção do documento norteador da disciplina estão estruturadas na relevância do aprendizado, pois nessa modalidade a necessidade do ensino deve ser voltada para o cotidiano do estudante e devem ser respeitados os tempos humanos sociais, culturais e mentais de aprendizagem. Nessa perspectiva, o uso de tecnologias digitais nas turmas da EJA alicerçados pelo componente curricular inclusão digital podem ser um grande aliado para facilitar o acesso à informação e ao conhecimento dos alunos. Através da internet, por exemplo, é possível acessar uma grande quantidade de materiais educacionais e recursos multimídia, o que aumenta significativamente as possibilidades de aprendizagem em qualquer componente curricular. Para além disso, as tecnologias digitais permitem o

acesso a diferentes formas de comunicação, como fóruns online e redes sociais, que podem ser utilizados para troca de experiências e discussões entre os alunos.

Isso posto, o domínio das tecnologias digitais também pode promover a autonomia e a autoestima dos sujeitos da EJA, através do uso de plataformas digitais para pesquisa, produção e apresentação de trabalhos, os alunos têm a oportunidade de desenvolver suas próprias habilidades e competências, o que contribui para a construção de sua identidade como sujeitos capazes e autônomos. Vale salientar que além de importante, é urgente que as instituições de ensino e os professores estejam preparados para utilizar de forma eficiente e inclusiva as tecnologias digitais, garantindo que todos os alunos da EJA possam se beneficiar dessas oportunidades.

Diante do exposto, este estudo estruturou-se com base na seguinte questão norteadora: Como uma proposta pedagógica poderia superar os dilemas e potencializar possibilidades para a inclusão digital na EJA? Para isso, foi necessário identificar e analisar os dilemas e as possibilidades acerca da disciplina inclusão digital entre aluno(s) e professor(es) da EJA e, com base na análise dessas informações elaborar uma proposta pedagógica para a disciplina em questão.

Portanto, o objetivo principal desse estudo foi: Compreender como uma proposta pedagógica para a disciplina inclusão digital pôde superar os dilemas e potencializar as possibilidades para a inclusão digital na EJA. Os objetivos específicos foram:

- Identificar os dilemas e as possibilidades acerca do componente curricular Inclusão Digital entre estudantes e professores da EJA no Colégio Estadual Professora Carminda Mascarenhas Vieira.
- Analisar os dilemas e possibilidades a partir das reflexões com os estudantes e professor(es) da EJA;
- Apresentar proposta pedagógica para o componente curricular inclusão digital na EJA do Colégio Estadual Professora Carminda Mascarenhas Vieira.

Com o objetivo de atender aos critérios normativos da ética na pesquisa com seres humanos, esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), sendo aprovada pelo referido comitê com o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética de nº 70840123.7.0000.0057. Após a aprovação da pesquisa pelo referido Comitê, prosseguimos com os trâmites legais que envolviam a instituição escolhida, bem como o objeto de estudo para realização da pesquisa. Posteriormente, mantivemos contato e efetuamos o convite aos sujeitos que iriam

compor a pesquisa, isto é, 3 (três) estudantes matriculados no Colégio Estadual Carminda Mascarenhas Vieira e 1 (um) professor regente do componente curricular Inclusão Digital, todos pertencentes à modalidade EJA. Utilizamos como instrumento o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), o qual foi lido coletivamente para todos os participantes com intuito de esclarecê-los quanto às implicações que envolviam sua participação na pesquisa, todos os contactados consentiram em participar da pesquisa.

Considerando as características específicas do objeto de estudo desta investigação, optei como perspectiva metodológica a realização de uma Etnopesquisa Crítica. Esse tipo de estudo é um dispositivo que procura a descrição e compreensão do feixe semiótico realizado pelos atores sociais (professores e alunos). No processo de construção do conhecimento, a etnopesquisa não considera os sujeitos sociais da pesquisa componentes descartáveis.

A Etnopesquisa é, portanto, um modo de pesquisar radicalmente situado, ao mesmo tempo em que cultiva uma perspectiva interativa. Para os etnopedagogos, os sujeitos da pesquisa, no processo de construção do conhecimento, são fundamentais na elaboração do conhecimento por vias dialógicas e dialéticas.

Este estudo se justifica, pois, a inclusão digital não se trata apenas de saber utilizar dispositivos e aplicativos, logo, é importante desenvolver habilidades como o pensamento crítico, a capacidade de resolver problemas, a criatividade e a comunicação digital. Nessa direção, pensar uma proposta pedagógica sobre inclusão digital para a EJA é relevante para o campo educacional e fundamental para garantir que todos os estudantes tenham acesso às tecnologias digitais e ao conhecimento necessários para utilizá-las, capacitando-os para o mundo contemporâneo e promovendo sua inclusão social e profissional.

Para além disso, a inclusão digital também contribui para a inclusão social dos alunos da EJA que, ao aprenderem a utilizar as tecnologias digitais, têm acesso a informações e podem participar das discussões e interações sociais que ocorrem constantemente online. Dessa forma podem contribuir para que se sintam parte da sociedade, ampliando seus horizontes e inserindo-os em uma vida social mais ampla.

1.2 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DA PESQUISA

Para formalizar a estruturação desta pesquisa e fomentar a discussão, o estudo foi estruturado em seis seções que estão organizadas de acordo com as fases de desenvolvimento da pesquisa, delinearemos, pois, o que foi desenvolvido em cada uma destas seções para compor esta investigação.

A primeira seção traz a introdução e nela estão contidas as narrações formativas e profissionais vivenciados pela pesquisadora, em seguida apresenta, de forma representativa, as questões norteadoras que apontam o problema da pesquisa, os objetivos gerais e específicos e a justificativa que, de forma enfática, demonstra a relevância da temática em questão.

A segunda seção direciona-se a explicar as escolhas metodológicas utilizadas, o *locus* e os sujeitos da pesquisa, como também o itinerário metodológico percorrido. Nesta seção, são detalhados quem são os sujeitos investigados, qual foi o *locus* da pesquisa e a estrutura científica da investigação. Além disso, são abordados os parâmetros utilizados para análise das informações levantadas e quais são as estratégias investigativas utilizadas para realizar o levantamento dessas informações.

A terceira seção é de cunho teórico e discute a Cibercultura e a Inclusão Digital na EJA, dando um enfoque ao conceito de Cibercultura. Além disso, aponta as necessidades e as caracterizações da EJA relacionadas à implantação do componente curricular Inclusão Digital.

A quarta seção versa sobre a discussão de Currículo e a linguagem digital na EJA, direcionando a discussão para as possibilidades e dilemas que o componente curricular obrigatório pode trazer para os sujeitos da EJA. Esta sessão toma como base a análise das informações obtidas pelos alunos e professor(es) da EJA para a elaboração da proposta pedagógica.

A quinta seção aborda as considerações finais, não somente a título de sintetizar o que ocorreu durante a investigação, mas de contextualizar a teoria com a prática para que se possa identificar quais dos objetivos iniciais da pesquisa foram atendidos, quais foram reformulados, quais surgiram e quais não foram superados. Quando se trata de uma pesquisa qualitativa, existirão variantes que definirão, reformularão e darão vida a nossas pesquisas.

A inclusão digital deve ser entendida como um direito e uma ferramenta de transformação social. Apesar da crescente importância das tecnologias no cotidiano, integrar significativamente a educação de jovens e adultos pode ser um processo demorado e cheio de obstáculos, porém, superar essas barreiras é fundamental para

garantir que os alunos da EJA não sejam abandonados em uma sociedade cada vez mais digital.

2. A ETNOPEQUISA EM FOCO: APONTANDO OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO

“Comecei a pensar
Que eu me organizando
Posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar.”

(Chico Science)

2.1 AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Esta seção versa sobre as escolhas metodológicas, discorrendo sobre a natureza e o contexto da pesquisa, as etapas do percurso e a caracterização dos interlocutores envolvidos no estudo.

A escolha metodológica aplicada nesta pesquisa tem um significado especial. Segundo Antunes (2001), ela está intimamente relacionada à forma como o pesquisador vai nortear o seu trabalho, pois auxilia na estruturação da pesquisa, na seleção dos colaboradores, na reflexão, na busca da solução dos questionamentos. Possibilitando a criação de estratégias coerentes com o que se acredita. Por esse motivo, optei pela abordagem qualitativa, pois trabalha “com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (Minayo, 2002, p. 21-22), e, especialmente, nos permitir a uma escuta sensível para com o(s) aluno(s) e professor(es), sujeitos da pesquisa.

Baseada nessa abordagem qualitativa e de inspiração na etnografia, o estudo tem sua base fundante na Etnopesquisa Crítica. A Etnopesquisa é um modo Intercrítico de fazer pesquisa, preocupa-se primordialmente com os processos que constituem o ser humano em sociedade e em cultura. Na Etnopesquisa, o pesquisador mostra as inteligibilidades do senso comum e com elas, constrói sua compreensão (Macedo, 2010, p. 9). Concordo com Macedo quando este afirma que para os etnopedquisadores, os sujeitos da pesquisa, no processo de construção do conhecimento, não são produtos descartáveis, meramente utilitaristas, mas sim fundamentais na elaboração do conhecimento por vias dialógicas e dialéticas.

A etnopesquisa encontra na etnometodologia sua base teórica matriz, que tem por objetivo, segundo Coulon (1995, p. 17), “[...] a busca empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e, ao mesmo tempo, construir suas ações cotidianas: comunicar, tomar decisões, raciocinar”. Como uma teoria social, a etnometodologia abrange uma perspectiva de pesquisa que considera os fatos sociais como realizações de práticas passíveis de compreensão e interpretação, cujos objetos são os etnométodos dos atores sociais, isto é “[...] procedimentos que os membros de uma forma social utilizam para produzir e reconhecer seu mundo, para torná-lo familiar, ao mesmo tempo em que o vão construindo” (Coulon, 1995, p. 113).

A Etnometodologia como abordagem teórico-metodológica de pesquisa empírica surgiu nos anos 1960, nos Estados Unidos, desenvolvendo-se, ao longo desta década, mediante uma sistemática de pesquisas realizadas, em sua maior parte, por sociólogos, tais como Coulon (1995) e Heritage (1999).

Tomar o ambiente escolar como território para identificar e compreender os dilemas e as possibilidades acerca da implantação da inclusão digital como componente curricular regular na EJA e a partir dessas informações construir uma proposta pedagógica para a referida disciplina levou-nos a privilegiar tal escolha metodológica.

Corroborando com Ferreira (2013), a Etnopesquisa Crítica/Formação, contrariamente às linhas de pesquisa de caráter quantitativo, pautadas em mensuração, redução, em que a relação é binária de causa e efeito, variáveis e hipóteses, desempenha como perspectiva a formação, pois é na relação que pesquisador/pesquisado se transformam/formam mutuamente.

A autora defende a ideia de que essa linha de pesquisa está atenta às surpresas, às emergências, ao acontecimento dentro do processo de descrição e interpretação da realidade, por ser uma linha de pesquisa de caráter multirreferencial. Partindo desse pressuposto, a multirreferencialidade é uma abordagem que propõe uma leitura plural, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referências distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros (Ardoino, 1998).

O desdobramento de um estudo etnográfico, no qual se sobrepõem sujeitos e contextos escolares, pressupõe olhar esses sujeitos/agentes (professores e alunos) participantes da pesquisa e esses contextos/cenários de investigação a partir de uma dimensão mais extensa, denominado contexto sociocultural. A Etnopesquisa Crítica permite a descrição e análise em profundidade dos enredos, das complexidades que

constitui o sujeito, respaldado na matéria de suas vivências (dos atores), conexões, possibilidades e as interpretações das experiências vividas diariamente (em nosso caso, dentro do ambiente escolar). De acordo com Sacramento (2000), na Etnopesquisa Crítica/Formação, a realidade é um todo integrado, e não uma coleção de partes dissociadas e fragmentadas, é composta por múltiplas referências.

Tomando de empréstimo as ideias de Ferreira (2019), ao utilizarmos a Etnopesquisa Crítica enquanto linha de investigação, aprendemos a brincar (improvisação criativa no campo do método), partindo de articulações teóricas e metodológicas, para que possamos nos autorizar a fazer ciência de forma contrária à tradição positivista, entendendo que o dado não é apenas um dado, mas sim uma construção social que durante o processo da pesquisa se constituiu gradativamente a partir do interesse dos sujeitos colaboradores e do pesquisador, buscando estabelecer um ambiente de negociações e acordos para desenvolver o trabalho.

É diante desse contexto e apoiada nessa perspectiva metodológica que esta escrita se tece com o intuito de apontar os dilemas e as possibilidades acerca da implantação da inclusão digital como componente regular na Educação de Jovens e Adultos e, a partir de então, construir uma proposta pedagógica que supere os dilemas e potencialize as possibilidades para a inserção do componente curricular Inclusão Digital.

2.2 ETAPAS DO PERCURSO

Nas pesquisas científicas, os objetivos precisam estar entre o ideal e o possível, admitindo a presença das limitações (Vieira, 2009). Além disso, como uma atividade humana, devem ter uma orientação teórica existente e seguir uma metodologia rigorosa até que se encontre uma resposta. O papel da metodologia consiste em explicar os processos estruturais utilizados para alcançar os objetivos elencados pelo pesquisador (Lakatos; Marconi, 2003).

As investigações deste estudo começam pelas observações participantes. Foram realizadas observações em uma turma da EJA aleatoriamente selecionada, mas que possui em sua grade de disciplinas aulas do Componente Curricular Obrigatório Inclusão Digital. Assim, foi necessário observar o conjunto das regras formuladas, o entendimento que os sujeitos têm sobre a inclusão digital, como o componente curricular se apresentou no imaginário desses sujeitos que muitas vezes

estão implícitos nas atividades que desenvolvem em sala de aula. Também foi preciso observar como essas regras eram obedecidas ou transgredidas e como ocorreram os sentimentos de pertencimento, satisfação, antipatia ou simpatia com os conteúdos apresentados referentes ao componente em questão.

O ato de observar é um dos meios mais frequentemente utilizados pelo ser humano para conhecer e compreender as pessoas, as coisas, os acontecimentos e as situações. Observar é aplicar os sentidos a fim de obter uma determinada informação sobre algum aspecto da realidade. É mediante o ato intelectual de observar o fenômeno estudado que se concebe uma noção real do ser ou ambiente natural, como fonte direta dos dados. Foram necessárias 05 (cinco) observações na turma Etapa VI da modalidade Educação de Jovens e Adultos no Colégio Estadual Carminda Mascarenhas Vieira.

O pesquisador não está simplesmente olhando o que está acontecendo, mas observando com um olho treinado em busca de certos acontecimentos típicos. A observação ajuda muito o pesquisador e sua maior vantagem está relacionada com a possibilidade de se obter a informação na ocorrência espontânea do fato. Brandão (1999), no seu livro "*Pesquisa Participante*", situa as origens da pesquisa participante a partir da observação participante.

É no universo científico que a construção sistemática da Observação Participante se torna mais evidente, uma vez que, essa técnica modifica com frequência a ação do pesquisador, na busca de unidade entre a teoria e prática na construção e na reconstrução da teoria, a partir de uma sequência de práticas refletidas numa dimensão crítica.

Na observação participante, é preciso atentar-se para o aspecto ético e para o perfil íntimo das relações sociais, ao lado das tradições e costumes, o tom e a importância que lhes são atribuídos, as ideias, os motivos e os sentimentos do grupo na compreensão da totalidade do seu cotidiano escolar, verbalizados por eles próprios, mediante suas categorias de pensamento.

Pesquisar a escola e as turmas de EJA onde ocupo o cargo de coordenadora pedagógica se constitui, por excelência, em um espaço frutífero para a empreitada científica e rigorosa que significa a Observação Participante como mecanismo de acesso aos conhecimentos produzidos e contados pelos agentes da pesquisa.

No tocante às técnicas de produção de dados, além da observação participante, foram utilizados recursos metodológicos tais como: entrevistas

semiestruturadas e questionário. Na realização da investigação, foi empregada como forma de registo as gravações, conversas informais, bem como os relatos das atividades de pesquisa. No que tange à pertinência e relevância dos recursos metodológicos utilizados, temos que uma investigação qualitativa é aquela que nos permite reconhecer em profundidade a partir da descrição, análise e interpretação dos dados adquiridos durante o processo de pesquisa, os sentidos e significados dos atores sociais tornando-os contextuais e sem preocupação com as generalizações.

Numa relação entre objetivos e metodologia, tem-se o desafio de escolher a ferramenta mais adequada para a coleta de informações, seja de uma pesquisa quantitativa, qualitativa ou mista. Segundo Miranda (2020), o questionário é a ferramenta mais comum para essa tarefa, mas não necessariamente a mais adequada. Com ele (questionário), é possível buscar a informação primária direto com o sujeito pesquisado.

Um questionário pode ser definido como um conjunto de perguntas que obedecem a uma sequência lógica, sobre variáveis e circunstâncias que se deseja medir ou descrever. O questionário pode ser aplicado para que os sujeitos sejam conhecidos em suas crenças, conhecimentos, representações e informações pontuais ou para questões a respeito do meio em que vivem (Miranda, 2020). Apesar das respostas serem capturadas direto da fonte, não é uma tarefa fácil a aplicação de questionários. Até que se alcance uma boa ferramenta, nos bastidores é preciso muita cautela e muitos estudos (Medeiros; Neto; Zotto, 2000). Vieira (2009) aponta que é fácil construir um questionário, difícil mesmo é elaborar um bom questionário.

A entrevista semiestruturada é outro instrumento metodológico utilizado nesse estudo e é repetidamente utilizada no campo das pesquisas com abordagem qualitativa. Esse instrumento foi utilizado especialmente com 03 (três) alunos da turma de EJA, etapa VI. A entrevista semiestruturada consiste em um modelo de entrevista flexível. Ou seja, ela possui um roteiro prévio, mas abre espaço para que o candidato e entrevistador façam perguntas fora do que havia sido planejado. O diálogo se torna mais natural e dinâmico. Nesse caso, o entrevistador usa um roteiro para a entrevista, sendo flexível em sair do roteiro para que o entrevistado possa discorrer subjetivamente sobre a questão colocada (Lüdke; André, 2004).

O entrevistador segue o roteiro com perguntas gerais ou tópicos, focando na centralidade da pesquisa, sabendo ouvir, realizando novos questionamentos sem influenciar seu discurso, aprofundando o relato do participante e mostrando atenção

sobre detalhes importantes (Batista; Matos; Nascimento, 2017). Na entrevista semiestruturada, como uma entrevista guiada, há uma orientação mais qualitativa, buscando maior interação entre entrevistador e entrevistado.

As falas dos sujeitos/atores permitem reconhecer o nosso objeto de inquirição com maior detalhe e profusão, podendo a partir daí, (re)significá-los, percebendo as atitudes e os significados que dão sentido; ou seja, ir além das aparências que normalmente estão presentes nas pesquisas de cunho exclusivamente quantitativas.

Nesse processo, dá-se o que na investigação fenomenológica se denomina de variação imaginativa, que implica interrogar o texto sobre o pensamento do autor e sobre a intencionalidade do seu dizer. É em realidade um processo duplo de reflexão extremamente sutil. Como em qualquer estudo fenomenológico, procura-se o ponto de vista do sujeito pesquisado, para indagar-se sobre o que ele pensa, sente, analisa e julga (Macedo, 2010, p.19).

A ancoragem na perspectiva fenomenológica, recusa em absoluto considerar os acontecimentos fechados como se fossem realidades objetivas. A preocupação do pesquisador fenomenólogo deve persistir no interrogatório do mundo da vivência dos sujeitos, a experiência vivida como matéria fundamental, o que Macedo (2010) chamou de “região de inquerito”.

A metodologia científica escolhida para ir ao campo da pesquisa é carregada de significados, por conta do rigor epistemológico que se deve seguir é possível entrar e sair do campo, sendo capaz de identificar onde se ancoram as tramas sociais das quais somos atores e observadores. Tendo escolhido como eixo principal e metodológico a observação participante, os questionários e as entrevistas, essa pesquisa deve acompanhar o cotidiano dos sujeitos/atores – aluno(s) e professor(es) da Educação de Jovens e Adultos da etapa VI nas aulas de inclusão digital semanalmente.

A aproximação ao campo de pesquisa e seus atores permitem o acesso ainda que parcial à realidade vivida, bem como, suas regras, códigos e símbolos. Como forma de endossar os achados da pesquisa, o tratamento dos dados será cultivado a partir da descrição em profundidade e análise crítico-interpretativa. Uma vez esclarecido parte do percurso metodológico de pesquisa etnográfica em perspectiva crítica, acredita-se que as informações possam contribuir na pesquisa em educação que tenha como objeto de inquirição a inclusão digital no cotidiano escolar.

É imprescindível que a pesquisa esteja alicerçada por concepções teóricas e de abordagem, que os métodos e técnicas sejam rigorosamente escolhidos a partir dos objetivos traçados, o que resguardará o pesquisador da tentação de aferir verdades aparentes, construídas sob o amparo da superficialidade de fatos que deveriam ser conhecidos em profundidade. O receio desse erro exige do pesquisador escolhas fundamentadas e coerentes que respeite as dinâmicas e os contextos dos alunos.

Ainda é fundamental considerar para as pesquisas de cunho qualitativo como esta, o procedimento de análise das informações advindas dos resultados ocorridos das observações, dos questionários e entrevistas aos alunos(s) e professor(es) da EJA. Para isso é indispensável abandonar a superficialidade sobre o contexto e o objeto da investigação. Destarte, é basilar o constante movimento de aproximação e distanciamentos dos elementos que envolvem a pesquisa e silenciar-se oportunamente para ouvir de forma mais apurada os contextos e seus sujeitos.

Por fim, é fundamental ressaltar que esta pesquisa será alicerçada fortemente no que defende Ferreira (2013), quando se trata de uma “escuta sensível”. A autora reforça que é preciso desenvolvê-la e isso supõe um trabalho do pesquisador sobre si mesmo, em função de uma consideração sobre a nossa relação com a realidade, com a ajuda eventual de um outro que está à escuta.

Quadro 1: Etapas metodológicas da pesquisa

Etapa 1	Etapa 2	Etapa 3	Etapa 4
Fevereiro a Março de 2024	Abril de 2024	Mai de 2024	Junho a Julho 2024
Observação participante nas turmas da EJA e aplicação de questionário com professor(es)	Implementação de entrevista semiestruturada com estudantes da EJA;	Implementação de entrevista. Registro e análise dos dados produzidos	Elaboração e apresentação da proposta pedagógica com base na análise informações.

2.3 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida com 1 (um) professor e 03 (três) alunos da EJA. Foi realizada no Colégio Estadual Carminda Mascarenhas Vieira, NTE 19, da rede estadual de ensino do município de Feira de Santana-Ba. O Colégio atende as modalidades do Ensino Fundamental, Médio, Educação de Jovens e Adultos e o Tempo de Aprender. A unidade é composta fisicamente por 01 prédio, 01 biblioteca, 01 secretaria, 01 sala de direção, 01 laboratório de ciências, 01 quadra poliesportiva, 14 salas, 01 laboratório de informática, 01 refeitório, 01 sala de professores, 04 banheiros. A Instituição passou recentemente por uma reforma e construção de novos espaços pedagógicos.

Com a nova reformulação da EJA, todas as escolas da rede estadual de ensino que têm a modalidade EJA tiveram inseridas na grade curricular o componente obrigatório Inclusão Digital. A pesquisa foi realizada em 01 (uma) turma da etapa 3 da rede estadual do Ensino Médio noturno. A etapa 3 corresponde às séries do ensino médio (1º ao 3º ano).

O colégio, que já foi de grande porte, no presente é classificado como sendo de médio porte e tem cerca de 546 alunos matriculados. Atualmente, 424 estudam no diurno e 122 no turno noturno. Vale salientar que os professores que ensinam no diurno complementam a carga horária com as turmas da EJA e constantemente alegam cansaço e falta de material didático-pedagógico específico para essas turmas, que sejam condizentes com as necessidades educacionais dos sujeitos.

2.4 OS INTERLOCUTORES DA PESQUISA

Dentre 546 estudantes atendidos pelo Colégio Estadual Professora Carminda Mascarenhas Vieira em 2024 (ano de realização da proposta interventiva na unidade – *locus* da pesquisa), 122 estão na EJA, no turno noturno, evidenciando a baixa procura por essa modalidade na rede Pública Estadual em Feira de Santana-Ba. Dentre os 122 alunos matriculados, apenas 45 estão frequentando. A turma da etapa VI, equivalente à 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, onde foi realizada a pesquisa, é formada em sua maioria por mulheres – 10 (dez) estudantes do sexo feminino e 05 (cinco) do sexo masculino. A faixa etária da referida turma varia de 20 a 30 anos, sendo grande parte desses estudantes negros – pretos e pardos e residentes na área

urbana do município, em bairros periféricos. Esses alunos se deslocam todos os dias para cursar a EJA no Colégio Estadual Professora Carminda Mascarenhas Vieira, localizado no centro da cidade.

O professor, único responsável pelo ensino do componente Inclusão Digital, atua nas turmas da EJA, etapas VI e VII. A formação do referido professor é em Ciências Biológicas, entrou para a rede estadual recentemente, logo, possui pouco tempo no magistério. Segundo o professor, foi escolhido para ensinar o componente curricular porque possui habilidades com as tecnologias digitais. Quando questionado, afirmou que não recebeu nenhuma formação para a regência do componente curricular e salientou que, apesar de saber lidar com computadores, sente dificuldades em selecionar e ensinar os conteúdos relacionados à disciplina.

Interlocutor(a)	Tempo de Magistério	Tempo de EJA	Formação
Marcos Argolo	02 anos e 05 meses	02 anos e 05 meses	Ciências Biológicas

Interlocutor(a)	Idade
Alisson Souza	19 anos
Ohana Rafaela de J Silva	20 anos
Nicolas de Oliveira Almeida	18 anos

Fonte: Permissão Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Disponível em Anexo.

A segunda seção deste estudo tratará sobre a Cibercultura e a inclusão digital e como se dá esse desdobramento nas turmas de EJA. Nessa perspectiva, é apontado as necessidades e as caracterizações da EJA com as tecnologias digitais para compreender por onde caminham as possibilidades de uma inclusão digital que atenda às necessidades não só educacionais, mas também profissionais e pessoais dos sujeitos da EJA.

3. CIBERCULTURA E A INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

“Aprender é a única coisa que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende.”

(Leonardo da Vinci)

3.1 CIBERCULTURA. O QUE SIGNIFICA?

A era da conexão é a era da mobilidade. A internet sem fio, os objetos “sensitivos” e a telefonia celular de última geração vêm trazendo novas questões em relação ao espaço público e espaço privado, como a privatização do espaço público, a privacidade, a relação social em grupo através dos smartphones, etc. Estamos imersos numa Cibercultura. Mas o que de fato é Cibercultura? Edméa Santos (2019), nos diz que:

Em sua fase atual, a cibercultura vem se caracterizando pela emergência da mobilidade ubíqua em conectividade com o ciberespaço e as cidades. Do desktop ao tablet e celulares conectados à internet, temos maior fortalecimento da sociedade em rede que ganha com mais autoria dos usuários e mais exploração das vantagens das capacidades interativas do ciberespaço.

A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (home banking, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social.

A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. É uma cultura a partir do uso da rede de computadores e de outros suportes tecnológicos através da comunicação virtual, da indústria do entretenimento e do comércio eletrônico, no qual se configura o presente. O prefixo ciber vem da palavra inglesa cibernética e o termo Cibercultura tem vários sentidos, mas pode ser entendido como a forma sociocultural que advém de uma relação de trocas entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônicas graças à convergência das telecomunicações com a informática.

A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais, cria uma relação entre a técnica e a vida social denominada de Cibercultura (Santos, 2011; Lemos, 2013), termo que adquire visibilidade em meados da década de 80 com a expansão

da rede mundial de computadores. Essa palavra nasce da junção dos termos cibernética e cultura. Um dos primeiros estudiosos da cibercultura foi o filósofo Pierre Levy, que nos fez refletir acerca dessa nova denominação na qual possibilita que os seres humanos ressignifiquem o seu cotidiano e construam conhecimento a partir da apropriação dos diversos artefatos tecnológicos autorais e interacionais; uma cultura enredada nos ciberespaços, “um novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também o novo mercado da informação e do conhecimento” (Levy, 1999. p. 32).

A cibercultura está intimamente ligada às tecnologias digitais potencializadas pelo uso de dispositivos móveis, bem como pela utilização do computador. Santaella (2013 *apud* Ribeiro, 2015, p. 45) define o computador como “uma máquina semiótica, uma máquina inteligente, com produtos inteligentes e capaz de focar simultaneamente na informação, no conhecimento, na comunicação e no entretenimento”. Nesse sentido, por integrar todos os meios de comunicação e informação, anteriormente só possibilitado através de cartas, rádio e televisão, tal artefato permite basicamente novas configurações nos processos de expressões, aprendizagens e desenvolvimento cognitivo (Silva, 2003). Ribeiro (2015, p.45) ainda afirma que a “cibercultura, esta forma de cultura da sociedade contemporânea é marcada pelo uso das tecnologias digitais em várias atividades cotidianas dos sujeitos sociais”.

Corroborando com Pierre (1999), entende-se que a cibercultura é um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço. Ela é um fluxo ininterrupto de ideias, ações e representações entre pessoas conectadas por computadores.

A cibercultura não exclui as ações do mundo físico nem pode ser separada da cultura. Ela engloba fenômenos que acontecem fora do mundo digital, mas que de alguma forma são impactados pelas novas tecnologias, como produções artísticas e intelectuais e a relação entre as pessoas que acontecem constantemente. Lemos (2002) mostra que a cibercultura solta as amarras e desenvolve-se de forma onipresente, fazendo com que não seja mais o usuário que se desloca até a rede, mas a rede que passa a envolver os usuários e os objetos numa conexão generalizada.

3.2 A CIBERCULTURA NA EJA

As práticas ciberculturais interligam as experiências sociais do sujeito, tornando indissociáveis os espaços eletrônicos e os espaços físicos (Santos; Colacique; Carvalho, 2016; Ferreira, 2013; Couto Junior, 2018). Em outras palavras, mesmo que as pessoas não usufruem das experiências no ciberespaço, elas fazem parte do cenário sociotécnico contemporâneo, porque com a cibercultura multiplicam-se as misturas culturais, acelera-se a sociodiversidade, emergem novos valores, intensifica-se o volume de informações, abrem-se possibilidades para variadas formas de comunicação e de diferentes linguagens, o que potencializa os processos de aprendizagem e produção de conhecimento (Bonilla; Souza, 2011, p. 91).

As tecnologias já são parte da sociedade e vêm promovendo uma série de transformações nas estruturas e dinâmicas desse cotidiano. Dessa forma, é imprescindível que a escola não só traga as tecnologias para o seu interior, mas que sejam inseridas no seu cotidiano num processo natural, agregando valores e suscitando o desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras, visto que as tecnologias têm um potencial que pode ser explorado em prol de um processo de ensino aprendizagem mais significativo e contextualizado.

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na sociedade contemporânea têm implicações diretas e indiretas na vida dos alunos jovens e adultos, desde as relações familiares - enquanto importante meio de comunicação – até a relação com os espaços, com a aprendizagem, com o trabalho e com o conhecimento. Nessa perspectiva, Belloni (2010) afirma que a escola pública tem uma missão incontornável em todos os países, como o nosso, onde as desigualdades sociais são muito grandes que é a de formar o cidadão de todas as classes sociais também para a leitura e apropriação crítica e criativa de todas as mídias, funcionando desse modo, efetivamente, como dispositivo de democratização do acesso ao saber e não apenas como fator de reprodução das estruturas sociais desiguais. (Belloni, 2010, p. 165-166). Nesse contexto, Bonilla e Souza (2011) traz uma importante reflexão:

Entendemos que os computadores, aos estarem conectados em rede, tornam-se potencialidades para a criação e a comunicação, o que só se torna possível à medida que os sujeitos interagem com a máquina, fazem descobertas, se comunicam com seus pares, compreendem o significado social dessas tecnologias, seus princípios, suas potencialidades, e a racionalidade que as perpassam, se familiarizam com a cultura digital de forma plena e livre (Bonilla; Souza, 2011, p. 103).

Somente dessa forma, poderá efetivamente ser oportunizada a interação dos alunos da EJA com as tecnologias digitais estando a educação para a vida, também alicerçada no desenvolvimento da autonomia e do senso crítico desses alunos, para que eles possam transitar por todos os espaços sem nenhuma dificuldade, tendo em vista que a dimensão que as TIC ocupam nesses espaços demanda por saberes e competências que são constantemente reordenados, reconfigurados e a escola, nesse sentido, precisa assumir e dar conta de sua responsabilidade diante dessas demandas.

O cotidiano das escolas e, conseqüentemente suas salas de aula, tendem a não serem mais as mesmas em decorrência da inserção das Tecnologias Digitais no cenário contemporâneo. Mesmo que elas ainda não estejam efetivamente presentes no cotidiano das escolas, seguramente estão em outros espaços e instituições que os alunos das turmas de EJA frequentam ou transitam de alguma forma.

Deste modo, esses alunos precisam conhecer e se apropriarem delas para que possam transitar pelos espaços de forma autônoma, como também estabelecer e manter relações sociais e de aprendizagem por intermédio dessas tecnologias. Conforme nos aponta Kenski (2010), as TIC e o ciberespaço oferecem grandes possibilidades e desafios para a atividade cognitiva. Até aqui, os computadores e a internet têm sido vistos, sobretudo, como fontes de informação e como ferramentas de transformação dessa informação. Mais do que o caráter instrumental e restrito do uso das tecnologias para realização de tarefas em sala de aula, é chegada a hora de alargar os horizontes da escola e de seus participantes, ou seja, de todos. (Kenski, 2010, p. 66)

Caminhamos com Freire (1987), que argumenta que “o ponto de vista de uma educação libertadora é que os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutam o seu pensar e tenham sua própria visão de mundo”. Atendendo a essa proposta de educação libertadora e com base nas contribuições propostas por Lollini (1991), a utilização de tecnologia digital em sala de aula pode ser uma estratégia pedagógica importante para beneficiar os sujeitos da EJA, visto que estimula os alunos a desenvolverem habilidades intelectuais, explora a busca de informações e promove maior cooperação entre os educandos, entre diversos outros aspectos. Afinal, desde a Constituição Brasileira de 1988 (Brasil, 1988) todos têm (ou deveriam ter) direito a usufruir dos benefícios da sociedade, como o domínio do conhecimento, o acesso às fontes de estudos e a produção de bens culturais.

Diante do exposto, as escolas e conseqüentemente os professores precisam efetivamente desenvolver trabalhos com as TIC que vão além de saber ligar o aparelho tecnológico, seja ele computador, notebook ou celular, conectá-lo a internet e/ou “passear” em sites orientados e programados no plano de aula. É urgente que os professores se desafiem e incentivem os alunos para que desenvolvam não só habilidades e competências para utilização, mas uma concepção crítica para o uso significativo, de tal forma que possam assimilar as informações e construir conhecimentos com autonomia e conscientes das possibilidades e oportunidades que caracterizam a estrutura e dinâmica delas. No que tange a essa situação, Pretto (1996) nos diz que,

O problema posto na mesa, agora, é a necessidade de considerar que esse movimento contemporâneo proporciona a oportunidade sem igual de aproximar novas (e velhas!) tecnologias ao processo educativo como uma possibilidade única de superar as falácias dos sistemas tradicionais de ensino – as conhecidas Pedagogias da Assimilação partindo para compreendermos a educação enquanto processo que se constrói a partir da diferença, instituindo o que estamos chamando de Pedagogias da Diferença (Pretto, 1996).

Os alunos da EJA integram esse contexto de diferenças: modos e formas de se aprender e construir conhecimentos, de histórias de vidas das mais diversas, de situações sociais e culturais, dentre outras. Como afirma Pinto (2000, p. 29), o compromisso da escola é, sobretudo, o de garantir a seus estudantes os instrumentos necessários para a participação ativa e cidadã no contexto em que estão inseridos. Dito isso, reconhecemos a necessidade de que professores e alunos, com base no uso das tecnologias digitais na EJA, sejam capazes de (re)criar diferentes formas de ver/sentir o mundo, atuando colaborativamente com o intuito de potencializar os processos de ensinar-aprender. Para isso, defendemos uma educação preocupada em oferecer um ensino de qualidade, que preza pela formação de sujeitos autônomos, reflexivos e críticos dispostos a transformar seus respectivos contextos socioculturais, conforme Freire (1996).

Essa educação inclui o planejamento de ações que buscam, com a inclusão digital, meios de potencializar os processos de comunicação e conseqüentemente o de ensinar-aprender. As tecnologias digitais passam por um processo multidimensional e a escola precisa dialogar com as práticas sociais que vêm sendo cada vez mais mediadas pelo digital em rede. Freitas (2009, p. 9), analisando a centralidade do computador e da internet nas relações sociais cotidianas, ressalta que

“não podem os professores continuar trabalhando como se essa realidade [tecnológica] não existisse”. Ademais, não podemos ignorar a importância da inclusão digital na promoção de processos de ensino-aprendizagem mais colaborativos, críticos e que possam favorecer a participação dos estudantes da EJA “em uma sociedade cada vez mais programada pela tecnologia” (Souza, 2002, p. 75).

Entretanto, nem sempre ocorre a articulação entre as ações docentes e o uso de tecnologias digitais como estratégia pedagógica. Embora muitos estudantes, das mais variadas idades, estejam cada vez mais imersos no contexto das dinâmicas sociais da cultura digital (Alcântara; Osório, 2014; Ferreira, 2013; Couto Junior, 2018), muitas escolas ainda insistem em continuar colocando em funcionamento um modelo tradicional que prima pela transmissão de conhecimento.

As tecnologias podem contribuir não só para situações cotidianas, como comunicação e informação, mas também podem alargar as oportunidades quanto à construção de saberes, desenvolvimento profissional e pessoal, utilização de serviços, assim como no relacionamento com as outras pessoas, à medida que permitem novas formas de se comunicar, se relacionar, produzir e conhecer. As tecnologias digitais ocorrem de formas diferentes nas vidas dos homens e mulheres. Os usos que eles fazem ou desejam fazer está diretamente relacionado com o contexto de vida de cada um.

3.3 INCLUSÃO DIGITAL NA EJA: QUAIS DILEMAS? QUAIS POSSIBILIDADES?

Para saber acessar, fluir, compartilhar, enfim participar da Cultura Digital de forma efetiva e emancipadora, é necessário conhecê-la e compreender seus impactos no cotidiano e nas práticas. Tendo em vista que a Sociedade da Informação se fez mais presente desde o final dos anos 1990, é evidente que estamos passando por uma transição de comportamento e aquisição de habilidades para lidar com os meios, os dispositivos e as ferramentas desse domínio tecnológico.

Por muito tempo vem se discutindo a inclusão digital, as renovações das mídias sociais estão sempre se modificando intensamente. Partindo do pressuposto que inclusão digital é o processo de garantir a todas as pessoas o acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ou seja, acesso ao que existe no quesito tecnologia, seja ela mídias e/ou redes sociais, é importante questionar como acontece a inserção dessas tecnologias na prática pedagógica da EJA. Vale salientar que essa

inclusão não se configura em um processo arredondado, de viés predominante. Contrariamente, vem limitada por desafios que envolvem a visão de sociedade, do conhecimento, da educação e das tecnologias dos sujeitos que compõem a EJA.

Somado a essa questão, inclui-se o desafio de interligar uma concepção de ensino e aprendizagem baseada em uma perspectiva analógica de escola e de EJA, aos predicativos de uma prática pedagógica mediada pelo uso das tecnologias digitais. Kenski, em seu livro *Educação e Tecnologia* (2010) reforça que

As tecnologias digitais, mesmo não estando muitas vezes no interior da escola, e mais precisamente da sala de aula, estão em outros espaços e instituições que os alunos da EJA frequentam (Kenski, 2010, p.57).

Condição essa que aponta e fundamenta a necessidade de apropriação do uso dessas tecnologias para transitar de forma autônoma pelos distintos espaços, mantendo relações sociais e de aprendizagem por intermédio das tecnologias digitais. As demandas decorrentes da inserção dessas tecnologias na sociedade se interligam aos pressupostos da Aprendizagem ao Longo da Vida e fazem emergir objetivos, como a necessidade de formar cidadãos (professores e alunos) que possam atuar, em seu tempo histórico, de forma crítica fazendo uso com competência das tecnologias, sejam elas, tecnologias instrumentais, simbólicas ou organizadoras, bem como passam pela compreensão de cumprimento do direito legal em resposta às necessidades básicas de aprendizagens.

Vale ressaltar que constantemente e de modo repentino, os alunos da EJA tiveram que lidar com celulares e serviços de troca de mensagens, além das novas prioridades nas necessidades básicas que o digital atua como facilitador para a manutenção da casa e do cotidiano dessas pessoas. Todos esses sujeitos, em maior ou menor grau, estão trafegando no ciberespaço e têm direito de participação na Cultura Digital. Porém, nem todos conhecem ou cultivaram práticas consistentes para lidar com essas questões. Bonilla (2011, p. 23) afirma que:

A compreensão e problematização do termo inclusão digital tem importância crucial no contexto contemporâneo, uma vez que tem se constituído em pauta das políticas públicas e objeto das ações de diferentes instituições – ONG, universidades, empresas, escolas. Tanto pelos diferentes significados atribuídos ao termo pelos diferentes atores sociais envolvidos, quanto pelas resultantes socioculturais e políticas que emergem das ações e interações relacionadas, a percepção dos sentidos construídos em torno da inclusão digital (Bonilla, 2011, p. 23).

A forma como a tecnologia digital é empregada no contexto educacional influencia na sua potencialidade, uma vez que a utilização é significativa e incluyente potencializando o aprendizado. No entanto, quando acontece o contrário, por diversos motivos que a sociedade capitalista impõe, pode gerar o afastamento dos estudantes para acessar as tecnologias atribuídas. A inclusão digital é proposta hoje como um direito fundamental em uma sociedade cada vez mais conectada.

De maneira geral, muitos alunos e professores estão conectados à internet e fazem uso de redes sociais e aplicativos diversos. Entretanto, na EJA devido às questões geracionais e, principalmente, econômicas não raramente encontramos justamente o oposto nas salas de aula: adultos e idosos que não usufruem das experiências mediadas pelo digital em rede. Embora reconheçam a necessidade dessas tecnologias para potencializar a participação social em suas práticas cotidianas, muitos buscam saber como utilizar, uma vez que a linguagem tecnológica se encontra muito presente nas cidades nos aplicativos diversos para serviços, nos caixas eletrônicos, na biometria da marcação de ponto no trabalho e consultas médicas, no autoatendimento do cinema, entre outros

Diante do exposto, surge a necessidade de olhar com mais atenção para as práticas escolares em uma época marcada pelo aumento dos usos das tecnologias digitais na vida das pessoas. Conforme reitera Couto (2017), o avanço tecnológico da informática e da telecomunicação, além de impactar a economia, também provoca mudanças nas práticas culturais e sociais. Os desafios da inserção e domínio das tecnologias digitais na EJA não podem ser vistos apenas sob a ótica da instrumentalização, elas precisam ser compreendidas em conjunto com as funções de equidade e da qualidade atribuídas à EJA pelo Parecer 2000 (Brasil, 2000).

Paulo Freire (2006), traz à prática da EJA a lógica do diálogo, princípio este fundamental às tecnologias digitais. Para Freire (2006), o diálogo é o ponto central da atividade de ensinar, na qual professor e aluno são seres atuantes, igualmente importantes neste processo. É através da dialogicidade que ocorre a conscientização dos educandos, é a forma pela qual o professor demonstra respeito pelo saber que o educando traz à escola e sem o qual não se pode ensinar.

Freire (2006) propõe que a educação deva ocorrer através do diálogo, em que professor e aluno sejam igualmente sujeitos do aprendizado de maneira que o conhecimento que o aluno já possui, seja tão importante quanto àquele que o professor traz consigo, o que possibilita uma construção conjunta de saberes. Em

relação a inclusão na EJA, superados os desafios postos, pode representar a ampliação da dimensão dialógica e a abertura para um amplo campo de contribuição à construção da aprendizagem.

É urgente rever a perspectiva analógica do processo de ensino e aprendizagem da EJA de forma a possibilitar uma prática pedagógica inserida em uma sociedade de contexto digital. Refletir os desafios e as possibilidades a essa inserção configura um passo, significativo, à construção pedagógica desta modalidade de ensino.

Frente a esse cenário desafiador, Pretto (2000) defende a ideia de que a escola passa a ter um papel muito mais forte. Um papel significativo na formação das novas competências que não sejam, necessariamente, competências vinculadas à perspectiva de mercado que domina hoje toda a sociedade. Ainda, segundo o autor, o trabalho com as tecnologias digitais não pode se restringir a uma simples preparação para o mundo do trabalho, mas que os alunos sejam capazes de produzir uma sinergia entre competências e novas saberes e, que os professores saibam plenamente fazer uso desse digital em prol da aprendizagem emancipadora.

Há uma total desarticulação entre o modelo mecânico de ensino e a necessidade de uma educação marcada pela sociedade em rede. Oferecer aos sujeitos apenas a oportunidade de acessar computadores não atende às necessidades e desejos dos educandos e das comunidades. Vale frisar que, conforme já apontado, precisa-se de mais e melhores mediações, o que não é necessariamente garantido com a mera implementação das tecnologias digitais em rede na sala de aula (Santos, 2002).

Em relação a essa situação, Bonilla (2005) nos diz que cabe a escola trabalhar as informações, ressignificando à luz do contexto em que está inserida, dando abertura as múltiplas possibilidades de crítica, interpretação e compreensão, de estabelecimento de relações, de uso de diferentes linguagens, de tecnologias e de racionalidades que estruturam o cotidiano dos sujeitos que ali interagem. (Bonilla, 2005, p. 71).

O grande desafio atualmente é romper com currículos inflexíveis que simplesmente desconsideram as expectativas e reais necessidades dos alunos, colocando em xeque a reprodução do autoritarismo, a linearidade, a transmissão do conhecimento, características próprias da educação bancária (Freire, 2003). Afinal, “podemos nos inspirar no digital e nos seus desdobramentos (hipertexto,

interatividade, simulação), propondo práticas curriculares mais comunicativas, com mais e melhores autorias individuais e coletivas” (Santos, 2002, p. 115).

Caminhando nessa linha de raciocínio, Pretto (2013, p. 106) reforça ainda que os computadores e as redes nos trazem inúmeras possibilidades de produção de conhecimentos e de culturas e não apenas de consumo de informações e, se não forem aprisionadas por teorias pedagógicas estreitas e imediatistas, podem contribuir para a formação de uma geração de pessoas geniais que programarão máquinas, suas vidas, e, principalmente, os destinos do planeta e da humanidade.

As escolas que buscam articular a cultura digital à prática pedagógica, investem na formação de professores com o digital e contribuem para a maior participação social de seus estudantes na vida em sociedade. É fundamental que haja conectividade entre todos os sujeitos envolvidos no processo educativo alunos, docentes, gestores e funcionários. Como consequência, essa conectividade amplia a troca de saberes e conhecimentos, tornando os processos de ensino-aprendizagem mais colaborativos.

Conforme aponta Couto (2017, p. 177), é necessário colocar em prática uma educação que esteja alinhada com a sociedade em rede, ou seja, uma educação que centralize seus esforços em torno da “participação ativa, das trocas intensas, da colaboração. Assim, os valores do modelo de transmissão dos saberes devem ser substituídos por uma ética e estética do fazer coletivo”. Já não cabe nesse cenário do século XXI propostas pedagógicas e práticas escolares linearmente organizadas, rígidas e engessadas, distantes das dinâmicas e estruturas que caracterizam a sociedade contemporânea. É preciso dialogar com as possibilidades imersas nas TIC, utilizá-las para a promoção do desenvolvimento integral do cidadão.

Os alunos da EJA são jovens e adultos que enfrentam diversidades culturais, sociais e econômicas constantemente em seu cotidiano e sentem o quanto uma escolaridade com uma proposta pedagógica coerente e qualitativa lhes faz falta. Por essas e outras situações adversas enfrentadas por eles, não cabe mais uma postura pedagógica na qual haja uma lacuna entre o fazer pedagógico e as dinâmicas que caracterizam a contemporaneidade.

O desafio se torna ainda maior quando o componente curricular inclusão digital existe, está posto nos espaços da rede estadual de ensino, mas os profissionais e as instituições ainda não estão familiarizados ou não tem os materiais necessários que auxiliem uma forma de conciliar o contexto dos seus alunos ao uso das tecnologias,

tendo que encontrar configurações que possibilitem driblar esses desafios de forma superficial sem considerar as especificidades. Como fazer diante dessa situação, em que o investimento na capacitação desses profissionais, não aconteceu e a proposta pedagógica para o componente inclusão digital é inexistente no sentido pleno da palavra?

A linguagem digital representa uma transformação na cultura humana, potencializando os processos de comunicação e produção da informação com uma rapidez e criatividade nunca experimentadas. Frente a esse cenário, a escola enquanto participante ativa das transformações culturais de uma sociedade, precisa considerar que na tríade cibercultura, inclusão digital e EJA requer reflexão, criação e colaboração na promoção de situações de aprendizagens paralela as vivências e experiências de sujeitos praticantes de uma cultura mediada pelo digital em rede (Ribeiro, 2015).

Um dos desafios que se apresentam para a EJA, no contexto das dinâmicas ciberculturais, hoje é aproximar as experiências de sujeitos da EJA com tecnologias digitais em rede. Essas tecnologias conectadas à internet se popularizaram e ainda geram muitos desafios e tensões. Em contrapartida, se consideradas como fundamentais aos dias atuais apontam possibilidades como a importância no acesso dos professores aos recursos digitais e a formação desses docentes alinhada com as dinâmicas ciberculturais. A inclusão digital na educação de jovens e adultos precisa se tornar pauta de política pública, é preciso compreender que estar devidamente conectado se transforma em uma parte importante do acesso pleno à cidadania, logo, o acesso e domínio aos meios digitais é um pressuposto para a uma sociedade democrática incluyente.

4. A INCLUSÃO DIGITAL COMO COMPONENTE CURRICULAR

“O currículo não é o veículo de algo a ser transmitido e passivamente absorvido, mas o terreno em que ativamente se criará e produzirá cultura. O currículo é, assim, um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação, recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão.”

(Moreira e Silva)

4.1 O CURRÍCULO E A LINGUAGEM DIGITAL NA EJA

Esta sessão trata sobre o currículo e a linguagem digital na EJA, trazendo uma importante colaboração a respeito da política curricular organizada nessa modalidade de ensino e a chegada da Era Digital que tem impactado diretamente no ritmo das transformações sociais, influenciando comportamentos e expectativas por parte de todos os sujeitos envolvidos na EJA.

É por intermédio do currículo que se realizam fundamentalmente as funções da escola como instituição formadora. Atuando muitas vezes sem ter plena consciência disso, os professores conferem vida e significado ao currículo que cotidianamente é ajustado e posto em prática em seu fazer pedagógico. Mas o currículo não pode ser encarado como uma simples relação de conteúdos a serem trabalhados em um curso ou série, na verdade, ele é um documento que constrói identidades específicas.

O termo currículo deriva-se da palavra latina *Scurrere* e refere-se a corrida, curso. Dessa forma, a conceituação inicial de currículo definiram-no como curso a ser seguido, isto é, uma sequência linear para preparar o aprendizado. Assim, forjou-se o vínculo entre currículo e prescrição. Mas anterior à sua conceituação, o currículo sempre existiu. Desde o momento em que um professor ensinava algo a seus alunos, o currículo e seus elementos (conteúdo, avaliação, relações, conhecimento) estavam ali presentes.

Segundo Goodson (1999), é com a ascendência política do Calvinismo no século XVII que deriva o conceito de currículo como sequência estruturada ou “disciplina”. A partir de então, currículo e controle tornaram-se termos inseparáveis. Mesmo com toda essa efervescência, o currículo como campo de estudos só surgirá

nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos, devido às transformações ocasionadas pela industrialização e pelos movimentos migratórios que intensificavam a massificação da escolarização.

Apoiado nisso, surgem diversas abordagens e teorias curriculares buscando sempre respostas às questões: qual conhecimento deve ser ensinado? Para quem e a favor de quem? Tentando responder estas questões, as diversas teorias curriculares recorrem a discussões sobre a natureza humana, sobre a natureza do conhecimento, da cultura e da sociedade (Silva, 2000). A ênfase dada a cada um desses elementos diferencia as várias teorias do currículo. Ora com ênfase no como, ora no porquê fazer, as teorias tradicionais unanimemente referem-se aos critérios de seleção do que se deve ensinar e os modos de ensinar.

No cenário brasileiro, a educação e o currículo sofreram diferentes processos de transformação, evoluindo a reflexão para as necessidades específicas das práticas curriculares. Especificamente na Educação de Jovens e Adultos, pode-se inferir que o currículo desenvolvido no espaço formal das instituições de ensino, centrava-se em propostas curriculares pontuais, fundamentadas na perspectiva tradicional do currículo, que priorizava a transmissão do saber, com a incorporação de propostas curriculares prescritivas que explicitavam objetivos políticos estabelecidos. Contudo, analisando a historicidade da EJA no país, observa-se que ela não se restringiu aos espaços escolares institucionalizados.

A EJA foi considerada, a partir da década de sessenta, como um projeto de transformação social realizado em espaços de educação não formais, tendo no movimento operário uma matriz ideológica libertária, um modelo educacional inserido nesse contexto que proporcionalizou experiências educacionais coerentes com o projeto político democrático que a sociedade pensava em construir (Gadotti & Romão, 2011).

Nesse contexto, a educação libertária das pessoas jovens e adultas passa a ser compreendida não apenas como uma alternativa à educação formal, mas como uma possibilidade de conceber um projeto pedagógico que tivesse correspondência com o projeto societário em construção. Pode-se inferir que as principais contribuições da teoria crítica do currículo, que promovem a construção de políticas curriculares para a EJA e que se espelham nos ideários defendidos por Paulo Freire, estão na compreensão de que a experiência dos educandos se torna fonte primária na

constituição de conteúdos programáticos, considerada a partir de temas geradores, significativos para o processo educativo.

Segundo Freire (2003), não existe neutralidade na educação, pois educar é uma ação fortemente marcada por uma opção ideológica que se manifesta contra ou a favor de alguém. Da mesma forma, Freire (2003) ainda defende que é preciso garantir a autonomia do sujeito, pois o conhecimento não é estático nem é transmitido, mas dialogicamente construído. O autor ainda aborda a concepção de currículo transformador com a ideia de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para que o educando construa a sua própria produção ou a sua construção. Nesse sentido, o currículo deve abranger métodos nos quais os saberes dos alunos sejam valorizados e suas vozes não sejam silenciadas no contexto da aprendizagem escolar.

Para Freire (2003), o objetivo maior da educação e do currículo transformador é a busca pelo fortalecimento do processo de mudança, de conscientização do ser em processo de alfabetização. Isso significa dizer que é preciso rever os métodos de alfabetização das crianças, dos jovens e dos adultos para garantir às parcelas desfavorecidas da sociedade a construção e a consolidação de uma nova pedagogia escolar, para levá-las a entender a sua situação de oprimidas e agir em favor da própria libertação.

Pensar a Educação de Jovens e Adultos, nessa conjuntura, é romper com o paradigma da reprodução de uma sociedade desigual que, no contexto histórico da EJA, no Brasil, está intimamente ligada ao descaso que por muitos anos impera na formação educacional da maioria das pessoas das camadas populares.

É por isso que se tem aqui a mesma compreensão de Sacristán (2000) quando caracteriza a política curricular como sendo um aspecto específico da política educativa, que estabelece formas de selecionar, ordenar e mudar o currículo dentro do sistema educativo. Defende-se que, enquanto política curricular, toda decisão e prática do desenvolvimento do currículo deve se originar a partir das instâncias coletivas da escola. Nesta direção, a formulação de propostas curriculares para a EJA deve se constituir dentro de uma perspectiva crítica, coletiva, ouvindo os verdadeiros sujeitos da ação educativa. Esses princípios são fundamentais, pois eles promovem o diálogo e a transformação social a partir da educação.

Somado a todas essas questões, temos a chegada da Era Digital que tem impactado diretamente no ritmo das transformações sociais e influencia

comportamentos e expectativas por parte de todos os sujeitos envolvidos com a educação. São inúmeras as ferramentas e descobertas que levaram a inovação e desenvolvimento da humanidade. As tecnologias estão evoluindo com extrema rapidez, principalmente as chamadas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) que são recursos tecnológicos e ferramentas que permitem a interação e o compartilhamento de conteúdo, fato que tem mudado o comportamento e socialização humana.

A forma de criar e compartilhar informações, proporcionam constantes transformações na forma de viver o cotidiano, e conseqüentemente o campo educacional também é afetado. A cada geração de alunos, novas habilidades, comportamentos e expectativas em relação à educação aparecem.

O perfil do aluno de hoje em dia não é mais o mesmo que o sistema de educação está projetado a ensinar devido à disseminação de uma nova linguagem digital através da internet nas últimas décadas. As pessoas estão o tempo todo sendo estimuladas por imagens, vídeos, sons via televisão, computador, videogame e demais instrumentos digitais e é tanta movimentação e interação que ao chegar à sala de aula, onde os poucos estímulos são o da imagem de uma lousa e da voz da professora que o aluno não consegue manter o foco, nem o interesse na aula.

Conforme o que diz o PCN (Brasil, 2000), a televisão, o rádio, a informática aproxima as pessoas, por meio de sons e imagens, que anteriormente, ficava só na imaginação. Na contemporaneidade, a tecnologia exerce um poder de onipresença, criando, transformando e organizando processos e informações. Segundo Ferreira (2004), as tecnologias digitais podem ser utilizadas em vários conteúdos, não se tornando restrito a uma única matéria, mas tendo o objetivo de mostrar que aula não é só ministrada através da lousa, mas de recursos que possam despertar no aluno o interesse de aprender de outras maneiras.

Nessa perspectiva, o governo do estado da Bahia fez alterações nos documentos orientadores curriculares para EJA e uma nova proposta curricular foi implantada em 2022, através de portaria 44/2022. A referida proposta trouxe novos componentes curriculares, modificou a carga horária, além de reestruturar os Tempos Formativos para Etapas I, II e III.

Os Tempos Formativos I, II e III são cursos de matrícula anual, nos quais as aulas são presenciais e exigem frequência diária. O currículo é organizado em eixos temáticos, temas geradores e áreas de conhecimento. O centro do processo de

formação são as experiências de vida e estratégias de sobrevivência dos sujeitos jovens, adultos e idosos. O curso total é composto de três (03) segmentos distribuídos ao longo de sete (07) anos:

Quadro 03 - Tempos Formativos

1º Tempo Formativo (equivale ao 1º segmento do Ensino Fundamental)
2º Tempo Formativo (equivale ao 2º segmento do Ensino Fundamental)
3º Tempo Formativo (equivale ao Ensino Médio)

O Tempo Formativo I e II vai da alfabetização ao ensino médio, trabalhado na perspectiva de 03 Segmentos, 07 Eixos Temáticos, em 07 anos e de modo presencial, para jovens, adultos e idosos a partir de 18 anos, o curso tem uma carga horária anual de 800h.

Com as alterações realizadas na portaria 44/2022 na EJA, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio foram concebidos a partir dos seguintes paradigmas: dividido em três Segmentos:

Quadro 04 – Segmentos do Fundamental e Ensino Médio

Segmento I	compreendendo 03 (três) Etapas de Aprendizagem – I, II e III
Segmento II	compreendendo 02 (duas) Etapas de Aprendizagem – IV e V, ambos segmentos integram o Ensino Fundamental
Segmento III	compreendendo 02 (duas) Etapas de Aprendizagem - VI e VII que integram o Ensino Médio, constituindo-se num Currículo de 07 (sete) Etapas de Aprendizagem, em 07 (sete) anos.

4.2 AS TECNOLOGIAS DIGITAIS: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA EJA

A Organização Curricular da EJA está descrita na Política de EJA da Bahia, desde o ano de 2009, e nas demais portarias que a institucionaliza através das propostas dos Tempos Formativos I, II, Portaria SEC Nº 44/2022, do Tempo Juvenil I e II, Portaria SEC nº 150/2022 – Segmentos I, II, III e do Tempo de Aprender I e II, Portaria nº 995/2022, bem como, nos Diários de Acompanhamento do Percorso Formativo dos Estudantes da EJA e demais documentos orientadores da política, de

modo que esse novo documento reúne os organizadores curriculares da EJA norteadores das ofertas de ensino que o adequa às múltiplas realidades de vida e de trabalhos dos seus sujeitos de direito, em toda extensão do Território baiano.

A alteração realizada no Organizador Curricular da EJA, ao inserir o novo Componente Curricular Inclusão Digital, traz no seu texto a importância de considerar as diversidades e o ritmo de aprendizagem do educando, bem como os saberes adquiridos na informalidade de suas experiências dentro e fora da escola e na prática do trabalho criando espaços interativos, valorizando os seus progressos e promovendo a autoestima. No entanto, a questão é que o que consta no texto chega de forma equivocada para professores e alunos. As considerações a respeito das diversidades e ritmos de aprendizagem não ultrapassam os documentos oficiais, nem chegam ao chão da escola.

Entende-se que a inclusão digital por si só, na Educação de Jovens e Adultos, não fará transformação consistente se ofertada num viés de cumprimento de tarefas repetitivas, pouco envolventes, sem criatividade e até desumanizantes, chegando ao que Almeida (2015) chama de inclusão subalterna, onde não torna o sujeito autônomo e consciente.

Assim, pontua-se que para a inclusão digital fazer sentido na EJA, faz-se necessário a adoção de uma cultura própria no que se refere aos materiais de trabalho e às práticas cotidianas, a partir dos fenômenos vividos pelos/as educandos/as, “seja produzindo registros imagéticos e verbais, seja usando jogos para aprender, seja lendo e escrevendo em dispositivos digitais, como teclado de grandes computadores, notebook, ou de um celular” (Ribeiro, s.d. p. 1):

A inclusão e o uso prático das ferramentas digitais beneficia, demasiadamente, os sujeitos da EJA por torná-los empoderados na atuação em contextos socioculturais, econômicos e ambientais. Além disso, a superação das dificuldades fortalece o trabalho em equipe e cooperação entre seus pares (Garofalo, 2017).

É de fundamental importância que as ações realizadas através das tecnologias e ferramentas digitais sejam pautadas em uma metodologia de ensino que possibilite a relação ação/reflexão/ação promovendo uma compreensão pelo aluno de suas experiências e a construção do seu conhecimento, reconhecendo a riqueza presente na diversidade do público que compõe a EJA para que a igualdade e seus princípios sejam realmente alcançados por meio da democratização do conhecimento.

Acerca dessa lógica, Freire (1995) afirma que “o uso de computadores no processo de ensino aprendizagem, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa (...) depende de quem usa a favor de quê e de quem e para quê”. Logo, jovens e adultos encontrarão, a partir dos aprofundamentos em conhecimentos tecnológicos, meios criativos e dinâmicos para lidarem com situações cotidianas em seus contextos sociais e culturais. Além disso, podem vir a conquistar independência e autonomia na resolução de problemas.

O organizador curricular da Educação de Jovens e Adultos, elaborado em 2009 e reestruturado em 2022, evidencia que no contexto da EJA no ensino Médio o objetivo maior é que os sujeitos sejam capazes de refletir e atuar com autonomia sobre as transformações ocorridas nos contextos sociais, culturais, econômicos e ambientais, em função do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação. Paralelamente a isso, a BNCC reforça que é necessário desenvolver ações que fortaleçam nos estudantes as habilidades de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, 2017, p. 65)

Dentro da sala de aula, na hora do fazer pedagógico, como fazer os desdobramentos sobre o que orientam os documentos oficiais para ensinar os conteúdos necessários, considerando as especificidades dos sujeitos, tudo isso atrelado as tecnologias e ferramentas digitais? Vale ressaltar a inexistência de uma proposta pedagógica para o ensino da inclusão digital na EJA na rede estadual de ensino. O que se tem é um documento chamado de Ementário que foi pensado como material de apoio para o professor no ano de 2022, em face as mudanças pedagógicas propostas na nova arquitetura curricular das ofertas de ensino da EJA. Este documento traz um material ineficiente e inadequado a realidade dos alunos e professores da EJA.

Os sujeitos da EJA reconhecem o seu contexto histórico e cultural quando utilizam a comunicação, a criatividade, o senso analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, a colaboração, resiliência, produtividade e responsabilidade. Em vista disso o ensino em sala de aula necessita ser reinventado. Vivemos uma revolução em vários sentidos.

A tarefa docente é uma árdua prática educativa que acontece todos os dias no “chão da escola” e hoje, com as mudanças velozes da internet e o uso das tecnologias e ferramentas digitais, tornou-se mais complexo. É preciso incorporar no currículo matrizes curriculares, programas e projetos para a inclusão digital. Ademais, a educação atual que está na era digital requer conjuntamente uma boa formação do professor, uma parte desses profissionais possuem uma graduação muitas vezes restrita. As experiências, compromisso e formação continuada em serviço pode ser uma grande aliada na vida deles. Segundo Almeida (2002), muitos professores não se deram conta do tipo de opção teórico – pedagógica que os levará à efetivação deste propósito.

Na maioria das vezes, o modelo pedagógico assumido, no planejamento e na sala de aula, valoriza sobretudo os conteúdos e conhecimentos desarticulados, sem significados e descontextualizados, o que caracteriza uma educação tradicional sob a influência de um planejamento normativo, onde os objetivos e estratégias são formuladas a partir de um quadro teórico desvinculado do contexto. A ação docente dentro desse cenário vai se desenvolvendo sem que o professor se dê conta dos diferentes tipos de influência que sofre de ordem pedagógica técnica, filosófica política e principalmente tecnológica.

As escolas da rede baiana estadual de ensino carecem de formação urgente para os professores que ensinam na EJA e em especial para o ensino do componente curricular inclusão digital. O ementário disponibilizado pela SEC como apoio ao professorado é insuficiente, inadequado a realidade da EJA e demasiadamente superficial. Os conteúdos transmitidos ou discutidos não são o resultado de uma seleção no interior das culturas, não passam por um processo de recontextualização e especificidades próprias para que sejam assimiláveis aos alunos.

O processo de seleção, contudo, não é tão simples quanto parece: “as formas através das quais a sociedade seleciona, classifica, distribui, transmite e avalia o conhecimento educativo considerado público refletem a distribuição do poder e dos princípios de controle social” (Bernstein,1971). Por isso, qualquer proposta pedagógica deve ser discutida, problematizada pelos docentes e alunos, pois são eles que diariamente dão materialidade (ou não) às propostas oficiais.

Os docentes da EJA que hoje estão “tateando” sobre o que julgam ser importante para os alunos, precisam propiciar ao educando o conhecimento da tecnologia atual apresentando as competências que essa ferramenta pode

desenvolver, tais como: raciocínio lógico, habilidades manuais e estéticas, resolução de problemas por meio de erros e acertos, utilização da criatividade em diferentes situações, entre outras, isso por falta de orientação formativa e documental. Diante disso, o produto desse estudo que é a “construção de uma proposta pedagógica para a inclusão digital na EJA” será discutida, problematizada, pensada e reestruturada. Afinal, são os sujeitos da EJA que diariamente darão materialidade (ou não) às propostas oficiais.

A seleção cultural do currículo sofre determinações políticas, econômicas, culturais e sociais. Deste modo, a seleção conjunta de conteúdos que agreguem a realidade da EJA não é um ato desinteressado, mas é resultado de lutas e negociações. Perceber e colaborar efetivamente para que o currículo não esteja voltado exclusivamente para questões técnicas e metodológicas é um desafio posto à escola e a todos nós que fazemos parte da comunidade da Educação de Jovens e Adultos.

5. ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

"As coisas só são feitas se os dados que coletamos puderem informar e inspirar aqueles que estão em condições de fazer a diferença"

(Mike Schmoker)

Neste quarto capítulo da pesquisa, buscou-se fazer um apanhado do percurso metodológico compreendendo que era preciso compor cada parte do traçado, visando a coerência nas escolhas, tendo como pressuposto que a base da pesquisa foi compreender como uma proposta pedagógica pode superar os dilemas e potencializar as possibilidades para a inclusão digital na EJA. Na continuidade da seção, realizo a descrição dos instrumentos produzidos no processo de concretização através dos dispositivos selecionados e, por fim, a estrutura do processo da análise que propiciou a interpretação e compreensão dos sentidos atribuídos as falas dos sujeitos participantes (professor e alunos da EJA).

Pesquisar sobre EJA numa sociedade da informação é refletir antes sobre o direito ao conhecimento. Ao escrever sobre a educação de adultos na sociedade da informação, Flecha e Elboj (2000) citam as tentativas de teóricos para definirem essa sociedade e consideram que uma questão já se apresenta clara, trata-se do aumento da importância social e econômica da educação e da informação em uma sociedade que passou a ser definida como sociedade do conhecimento. Consideram que, nesta visão, o discurso da educação não é apenas psicopedagógico, mas econômico e social devido à estreita relação entre a economia, a sociedade e a cultura.

Segundo Flecha e Elboj (2000), nessa sociedade da informação, as mudanças tecnológicas acontecem rapidamente, não se tem como prever as necessidades de conhecimentos futuros, o que faz com que ocorra a necessidade contínua do desenvolvimento de novas habilidades.

A inserção dessas tecnologias na EJA clama o fortalecimento das funções equalizadora e qualificadora. Equidade pressupõe a igualdade frente à aquisição e à construção do conhecimento e qualidade demanda inclusão social, consciência crítica e aprendizagem ao longo da vida.

A problemática que a inclusão digital na EJA traz como possibilidade para o desenvolvimento da autonomia é o viés da análise de Silva e Burgos (2010). As

autoras compreendem que a inclusão digital permite exercer a cidadania e as interações online proporcionam a emancipação do sujeito. As autoras propõem pensar o planejamento didático pedagógico a partir do ambiente virtual de aprendizagem colaborativa e as possibilidades que ele oferece.

Neste sentido, para que haja interação entre professor e aluno no que se refere ao uso das tecnologias digitais, é importante que as escolas públicas sofram uma absoluta reestruturação. A falta de conhecimento de como utilizar o digital na prática de sala de aula por parte do professor e aluno, somadas à falta de estrutura, dificultam a utilização dessas importantes ferramentas e distanciam essa realidade de nosso tempo. O aluno da escola pública precisa estar incluído digitalmente porque, independentemente do segmento que irá atuar, mercadológico ou não, se faz necessário esse conhecimento numa sociedade que se transforma a todo momento e se reinventa a partir das tecnologias digitais.

É preciso responder aos anseios dessa sociedade informacional (Castells, 1996) na qual não cabe ao sujeito ser apenas um observador, mas lhe compete o papel de ser um agente participativo que contribui para a sua construção e seu funcionamento. Sendo a inserção das tecnologias digitais na EJA, inclusive, visualizada como um direito legal (Cruz, 2008; Franco, 2009) pertencente ao aluno da EJA:

[...] negar aos jovens e adultos, em seu retorno ao processo de escolarização, a possibilidade de adquirir os conhecimentos necessários a este novo código de comunicação da sociedade tecnológica, é negar-lhes o direito à plena cidadania, dada a penetração generalizada das tecnologias digitais na vida contemporânea (Cruz, 2008).

Numa abordagem qualitativa, esta modalidade de pesquisa de campo se mostrou necessária porque oportunizou incluir a aplicação de entrevistas, questionários e observações participantes. Conforme ressaltamos anteriormente, os esforços que investimos nesta pesquisa foram em direção a esclarecer a compreensão de como superar os dilemas e potencializar as possibilidades para a construção de uma proposta pedagógica para o componente curricular inclusão digital numa turma de EJA, de modo que os educandos possam conhecer e se apropriar dos conhecimentos abordados, no componente em questão, e possam transitar pelos espaços de forma autônoma, como também estabelecer e manter relações sociais e de aprendizagem por intermédio das tecnologias digitais.

5.1 ESCOLHA METODOLÓGICA

Para concretizar a investigação na qual se baseia esta dissertação, a escolha mais coerente foi o estudo de natureza qualitativa, uma vez que a pesquisa envolvia um universo de significados que não poderiam ser compreendidos a partir de estudos com variáveis (Minayo, 2002). Desta forma, buscou-se a análise dos significados que os sujeitos participantes atribuem aos conteúdos abordados no componente curricular inclusão digital relacionando-os com os dilemas e as possibilidades identificadas a partir das reflexões, elementos que prescindem de quantificações.

Devido ao conjunto de elementos que constroem as especificidades presentes no campo da pesquisa tomemos por base, enquanto referencial epistemológico, a multirreferencialidade a partir da qual é possível analisar situações, práticas e fenômenos envolvendo, conforme Ferreira (2019), uma leitura plural e ampliada da situação investigada a partir de dispositivos que valorizam a heterogeneidade.

A realização da investigação ocorreu a partir da Etnopesquisa Crítica/Formação que, segundo Ferreira (2015, 2019), propicia a relação entre pesquisador e pesquisado em um movimento mútuo de transformação e formação. Sem se constituir um método generalizante, Macedo e Guerra (2019) afirmam que na Etnopesquisa Crítica/Formação cada sujeito pode converter em si mesmo, dentro de suas probabilidades, e ao se autorizar, torna possível a compreensão da própria experiência que se constitui atividade formativa.

5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para traçar o caminho metodológico da pesquisa foi necessário fazer escolhas que pudessem auxiliar a responder, da melhor forma possível, à proposta apresentada intitulada “Os dilemas e as possibilidades para a inclusão digital na EJA: A elaboração de uma proposta pedagógica”.

Desta forma, a efetivação da pesquisa envolveu um contexto em que a pesquisadora já interagira com os sujeitos por trabalhar na coordenação pedagógica do colégio dominando a linguagem do grupo. Esse foi um elemento relevante que marcou a escolha metodológica, pois essa condição de imersão no contexto pesquisado propiciou uma profunda relação entre o pesquisador, o objeto da pesquisa e o contexto através da interação cotidiana.

Na escolha dos procedimentos metodológicos, considerando a possibilidade de um percurso de investigação pautado na multirreferencialidade enquanto possibilidade à efetivação da investigação, foi possível constituir um conjunto de informações para análise das narrativas e diálogos do professor e educandos da EJA sobre o tema investigado e os elementos produzidos através dos dispositivos escolhidos: Observação Participante; Aplicação do questionário; Entrevista semiestruturada. Como o itinerário investigativo foi experienciado na perspectiva da abordagem qualitativa e efetivado através da Etnopesquisa Crítica/Formação, estas escolhas propiciaram a criação de mecanismos para produção de informações alinhadas à especificidade do estudo.

De acordo com Macedo (2018) os dispositivos de produção de informações e compreensões são “[...] prolongamentos da capacidade do pesquisador pensar sua própria pesquisa, são estruturantes e propositivos no que concerne aos resultados e conclusões, por mais que esse detalhe importante seja quase sempre invisibilizado pelas formações metodológicas” (Macedo, 2018. p.28). Em vista disso, buscou-se organizar instrumentos que não se limitassem à simples ferramentas de coleta das informações, mas que possibilitassem a produção de informações expandindo a capacidade de responder à questão deste estudo.

5.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Tendo em vista estabelecer momentos de troca, discussões, reflexões entre pesquisador, educandos e professor foram realizadas durante o primeiro bimestre letivo, observações participantes nas turmas da EJA. O objetivo foi que, a partir das reflexões dos educandos e professor, juntamente com a participação da pesquisadora eles pensassem e externalizassem seus dilemas e anseios a respeito do componente curricular inclusão digital, como também uma análise dos conteúdos que esse componente aborda construindo sentidos a sua experiência formativa enquanto sujeitos.

A observação participante foi iniciada no dia 06 de março, no turno noturno, etapa VI na EJA. Neste primeiro dia, observou-se durante a aula que os alunos estavam dispersos e pareciam não compreender o que o professor estava explicando.

O assunto da aula era sobre Hardware¹ e havia muita dispersão numa parte significativa da turma. Por consequência, no trecho abaixo o aluno 01 inferiu sobre o que pensava em relação ao conteúdo abordado com a seguinte fala:

Pra mim está difícil entender esses nomes complicados dessas peças que ficam dentro do computador, eu acho muito difícil aprender isso, o professor só fala, fala e eu nem consigo me concentrar e decorar os nomes, eu quero aprender como mexer nos programas que tem nele e aprender programação pra ficar craque e arranjar um emprego que me pague uns dez salários-mínimos, aí sim eu vi serventia nessa aula. **(Aluno 01)**

Embora o objetivo de conquistar um emprego melhor e emancipação financeira, presente na fala do aluno, seja uma aplicação válida e importante a inclusão digital tem um papel muito mais amplo e significativo. É preciso considerar que para o professor é um grande desafio criar uma abordagem pedagógica para a inclusão digital que veja o aluno como um sujeito ativo, que pode não apenas consumir conteúdos digitais, mas também produzi-los, usando a tecnologia para expressar sua voz e se engajar em sua comunidade, já que as vezes o professor não recebeu nenhuma formação e está na sala de aula tentando acertar todos os dias o que e como ensinar aquilo que será significativo para o aluno.

Ensinar habilidades como pensamento crítico, ética no uso da tecnologia, segurança digital e capacidade de aprendizagem de forma autônoma deve estar no centro desse processo. Em “Pedagogia da Autonomia” (1996), Paulo Freire reflete sobre a criticidade a partir do viés do educador e do educando. Destacando que para o educador é imprescindível a reflexão crítica acerca de sua própria prática, isso porque o papel do educador não se limita a apenas ensinar conteúdos, mas ensinar a pensar certo, de modo que o educando possa estabelecer relações entre o que leu e o que ocorre na realidade ao seu redor. Como afirma Freire (1996, p.09), em sua célebre colocação, “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra” e para isso, o ensino crítico é elemento essencial para que essa leitura global possa ocorrer.

Desse modo, Freire demonstra que a reflexão crítica entre teoria e prática evidenciam que aprender criticamente é possível. Para uma pedagogia que seja baseada na criticidade, Paulo Freire (1996) destaca a necessidade de um ensino baseado na pesquisa, nas descobertas, nas inquietudes, na curiosidade e que valorize também os saberes socialmente construídos pelas classes populares, pela exploração

¹ Conjunto dos componentes físicos (material eletrônico, placas, monitor, equipamentos periféricos etc.) de um computador.

de conhecimentos existentes e produção de novos conhecimentos, principalmente diante do contexto atual de expansão tecnológica.

As mudanças advindas da educação são caminhos que percorrem para uma melhoria de vida, proporcionando a inclusão social e a autonomia. Na visão de Gadotti (1979, p.31) é com muito esforço que jovens e adultos trilham esse caminho.

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego [...] (Gadotti, 1979, p.31).

Os alunos de alguma forma têm uma ideia de como essas tecnologias funcionam, conseguem ter uma noção mais aproximada da extensão de suas potencialidades e possibilidades e têm pressa para “beber” dessa fonte e melhorar a sua vida dentro e fora da escola. Assim, a inclusão digital na EJA atua como uma mola propulsora que tem por finalidade aproximar o discente das tecnologias atuais, gerando um novo âmbito para esse aluno.

Para complementar, vale ressaltar também a fala de outro aluno da EJA sobre a não compreensão do conteúdo:

Também estou com dificuldade para entender essas coisas, porque eu não sei pra que isso vai servir pra mim. Assim como um monte de coisas que os professores ensinam a gente aqui, mas com essa matéria, quero aprender muitas coisas ainda que eu sei que não passa pela minha cabeça, mas eu sei que tem e que irão me servir em algum momento porque tudo agora é digital, mesmo sem gostar eu tenho que saber, eu preciso, senão eu vou ficar para trás. Tomara que essa matéria não seja difícil porque senão a gente nem quer assistir aula porque não vai entender mesmo, aí venho só pra fazer prova. **(Aluno 02)**.

Neste relato, é possível constatar que há uma lacuna na compreensão sobre o conteúdo abordado na aula. O estudante da EJA precisa se ver nas estratégias de ensino e reconhecer suas realidades, bem como compreendê-las criticamente para que a leitura de mundo seja realmente efetivada na educação para o público jovem, adulto e idoso, isto é, a escola precisa estar ao lado desses sujeitos para que possam da melhor forma compreender e atuar no mundo pelo qual fazem parte hoje. É preciso romper com o engessamento dos espaços físicos e das disciplinas, priorizando atividades, desafios, jogos, problemas de modo que o aluno possa ser um sujeito ativo diante de sua própria aprendizagem, seguindo seu ritmo e necessidades, bem como estabelecendo laços de cooperação ao passo que aprende com os outros em grupo,

prática que atualmente é denominada de metodologias ativas (Moran, 2015). Essas práticas são pensadas também para que se possa desconstruir nas escolas a hierarquização tradicional na relação professor-aluno diante da construção do saber.

O educador tem como função testemunhar “[...] o direito a comparar, de escolher, de romper, de decidir e estimular a assunção desse direito por parte dos educandos” (Freire, 2011, p.69). É preciso trazer para discussão as contribuições da obra “Pedagogia do oprimido” de Paulo Freire, em que o educador passa a condenar o modelo de educação bancária que propunha apenas o ensino unilateral por parte do professor, com a aplicação dos conteúdos sem a possibilidade de diálogo e questionamento por parte do aluno.

Em relação ao segundo dia de observação realizado no dia 20 de março, os alunos estavam ansiosos para assistir a aula no laboratório de informática. Segundo o professor regente, a aula do referido dia seria uma apresentação prática para que os alunos vivenciassem o que fora aprendido na aula teórica da semana anterior. Houve uma certa empolgação dos educandos e alguns alunos externaram que gostariam que todas as aulas acontecessem fora da sala de aula para que eles pudessem utilizar os computadores. Neste momento, uma aluna da turma da EJA, etapa VI, fez a seguinte observação sobre a não utilização com frequência da sala de informática:

A gente sabe que tem internet, sabe que tem máquinas no laboratório mas não utiliza, por que a gente não vem pra essa sala? Enxergo uma falha da escola isso viu? Eu queria mexer nos computadores, queria saber mais sobre computador. A gente utiliza somente o celular pra mexer na internet, nos computadores eu não sei mexer em nada, é capaz de se eu precisar fazer as coisas no computador eu passar vergonha. Se eu arranjar um emprego que precise dessas coisas não vou saber. Pensei que essa disciplina era pra isso, a gente precisa aprender fazendo. **(Aluno 03)**

Verificamos no relato da aluna que os sujeitos da EJA se sentem incapazes de manusear as máquinas, porque utilizam pouco os computadores que ficam no laboratório de informática. Neste sentido, o propósito é de pensarmos na viabilização do uso das tecnologias em sala de aula pelos professores, não apenas em laboratórios de informática, de forma isolada, mas que possam utilizá-las de maneira planejada, integrando-as aos conteúdos curriculares mais de duas vezes por semana. Ressignificando as aprendizagens, permitindo a interação dos educandos com ambientes e recursos contemporâneos que favoreçam a autonomia intelectual na EJA. Esses aspectos nos remetem à transformação, processo que requer disposição

para enfrentar os desafios e turbulências que aparecerão nesse percurso. Defendemos que é indispensável o uso das tecnologias digitais na educação, no entanto, é imprescindível que todos os envolvidos no processo de ensino/aprendizagem internalizem novos conceitos exigidos pela educação moderna. Torna-se primordial assumir novas posturas diante de uma necessidade premente, visando galgar caminhos para uma nova proposta com flexibilidade para lidar com situações que estão em constantes transformações.

É preciso destacar que, para a adoção efetiva da inclusão digital nas práticas de ensino, o adequado seria que o educador pudesse contar em seu ambiente de trabalho com recursos tecnológicos que hoje se popularizaram e fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, como é o caso dos computadores, notebooks e chromebooks. Todavia, nem todas as unidades escolares dispõem desses recursos para auxiliarem a prática pedagógica e apesar de tantos avanços tecnológicos na contemporaneidade, ainda há também sujeitos que estão à margem desses avanços enfrentando assim o que se conhece como exclusão digital – fenômeno que intensifica ainda mais as desigualdades sociais.

É necessário maiores investimentos para garantir que a inclusão digital de todos efetivamente aconteça, pois a conectividade por meio dos avanços no campo da informação e da comunicação tem a cada dia interferido em diversos setores da vida humana, seja no pessoal e/ou profissional. É, então na EJA que nos deparamos com o alunado de maior emergência às potencialidades advindas da educação tecnológica. Não basta apenas que o aluno da EJA anote teorias e memorize as informações que lhes foram repassadas, é preciso que esse adquira habilidade e competências para utilizar os instrumentos tecnológicos em seu processo de aprendizagem. Para Machado (2001, p.07), “a pedagogia das certezas está sendo substituída por uma pedagogia do problema” em que o saber pré-fixado é deixado de lado dando lugar à busca da informação para a construção contínua do conhecimento.

Ainda no mesmo dia, durante a aula, houve uma discussão interessante que surgiu a partir de um questionamento de um aluno que se considerava hábil nas tecnologias digitais. O aluno fez um relato relevante após perceber que a aula prática seria somente para nomear os componentes que ficam dentro do computador:

Professor eu já sei tudo sobre peças que formam o computador, gostaria de aprender nas aulas de inclusão digital como fazer as coisas, até mesmo da escola, sem precisar pedir ajuda aos colegas. Conheço muitos macetes e nomes de programas, mas fico um pouco perdido quando é pra usar a internet

e o computador para me ajudar nas coisas da minha vida na escola, pesquisar assuntos de estudo, fazer um texto e usar as manhas do computador pra o texto sair direito, sabe? Coisas que ajuda a gente fora da escola também eu tenho dificuldade, sempre preciso pedir ajuda a alguém, fico com vergonha as vezes. **(Aluno 04)**

Ao se pensar nos avanços no campo da comunicação e da informação é preciso considerar que as escolas não devem se restringirem a orientarem os estudantes acerca da operacionalidade de recursos e ferramentas digitais, mas desenvolverem nos alunos saberes para que possam transformar informações imediatistas e abundantes em conhecimento. Por isso, a compreensão dos discentes acerca das linguagens, finalidades, estruturas e poder da inclusão digital é tão importante, essencial não somente para o indivíduo, mas para a coletividade. Para além da inclusão dos alunos da EJA à era digital, é fundamental que o professor busque formação continuada nesta área, caso ainda não tenha domínio sobre as TIC. Neste sentido, Lourenço e Pelozo (2012, p.3) cita como desafio apresentado aos docentes que “[...] os mesmos se preocupem em ensinar o que nem sempre aprenderam, para que superando seus limites, possam se tornar cada vez melhores no exercício da prática pedagógica”. Diante do exposto, percebe-se então que o planejamento didático precisa ser revisto e os alunos devem ser orientados de modo a se tornarem capazes de refletir sobre as informações, conceitos, teorias, bem como usá-los em situações do cotidiano. De posse das tecnologias, que são ferramentas que favorecem o aprendizado dinâmico, é possível interligar saberes para pensar, mobilizar os conhecimentos buscando a solução para situações do dia a dia dentro e fora da escola.

Nesse limiar, corrobora Kensky (2010, p.46) quando afirma que “não há dúvidas que as novas tecnologias de comunicação e informação trouxeram mudanças consideráveis e positivas para a educação. Vídeos, programas educativos na tv, tablet, notebook, computador, sites educacionais e softwares diferenciados transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino e aprendizagem, onde, anteriormente predominava a lousa, o giz, o livro e a voz do professor”. Os estudos de Lara (2010) ressaltam a necessidade da educação escolar em buscar estratégias para o desenvolvimento da alfabetização digital de jovens e adultos que, atendam de fato, demandas da sociedade atual. Percebe-se uma brecha entre a escola e a imposição social, onde ao final da etapa da educação básica da EJA, o indivíduo continua inapto para as exigências sociais e de mercado de trabalho.

A terceira observação na turma ocorreu no dia 03 de abril, depois de alguns dias sem aula devido a paralisação dos professores. Os alunos estavam dispersos e a frequência foi abaixo do esperado. A aula aconteceu na sala e o conteúdo reservado foram as fraudes na internet e fake news. O professor levou para aula um pequeno apontamento para que os alunos não precisassem copiar da lousa. A partir da leitura e análise do material, os discentes foram desafiados a resolver uma situação problema. Por conseguinte, cabe destacar as seguintes falas dos estudantes:

Então essa aula de Inclusão Digital pode me ajudar nesses assuntos de fraude na internet. Hoje eu não sei como identificar e a quem posso pedir ajuda se eu for roubada. Outro dia cliquei no link e meu zap foi copiado pelos bandidos. Não sabia agora que a matéria Inclusão Digital dava esses macetes né? Não sabia que essa matéria servia pra isso também, queria que falasse mais dessas coisas **(Aluna 01)**

Eu acho que nessas aulas a gente devia ficar só na internet, usando a internet do laboratório e entrando nos sites, nas redes sociais, aprendendo a mexer nas coisas que vai servir pra gente ficar esperto. **(Aluno 03)**

A partir das falas dos(as) alunos(as), pode-se deduzir que os educandos da EJA percebem que a tecnologia, certamente, é importante. Mas tão importante quanto ela, é a conscientização de que a segurança na internet é urgente e necessária. É essencial tratar das mídias em sala de aula, pois os estudantes sem uma orientação adequada podem estar expostos a casos de desinformação, fake news, discurso de ódio, dentre outros elementos negativos que circulam na internet. Além dessa exposição a conteúdos não saudáveis, os alunos que ainda não vivenciaram práticas de ensino voltadas às mídias digitais, podem também contribuir para a viralização desse tipo de mensagem irresponsável quando não leem informações de forma crítica, acreditando em tudo que encontram na internet, ou até mesmo seguindo o mal exemplo de alguns hackers que aproveitam do alcance proporcionado pelo mundo virtual e do falso anonimato para cometerem crimes virtuais. Nesse mesmo sentido, Blanco (2020, p.8) demonstra que “o cidadão educado midiaticamente, ou seja, que sabe ler criticamente todas as informações que recebe, que utiliza corretamente as ferramentas de comunicação para fortalecer a sua autoexpressão e que participa de maneira consciente, ética e responsável do ambiente informacional, terá condições de exercer o seu direito fundamental à liberdade de expressão de forma plena” (Blanco, 2020, p. 8)

Um comportamento digital seguro deve ser parte fundamental do componente curricular inclusão digital. Portanto, quanto mais pessoas têm acesso à internet, mais

é fundamental educá-las sobre os riscos e boas práticas em relação à segurança online. Isso inclui a conscientização sobre golpes virtuais, proteção de dados pessoais, uso responsável das redes sociais e como identificar e evitar fake news². Nesta direção, o componente curricular em questão deve especialmente versar com detalhes sobre a segurança online dentro e fora do ambiente escolar.

Plantullo (2015) destaca a importância de políticas educacionais que integrem a cidadania digital no currículo. Isso inclui ensinar os estudantes sobre os aspectos legais do uso da internet, direitos autorais e ética digital, preparando-os para enfrentar os desafios da sociedade conectada. Por fim, conforme Bonilla (2011), os educadores têm o dever de orientar os alunos no uso seguro e ético das tecnologias digitais, enquanto têm o direito de receber formação contínua para se manterem atualizados sobre as melhores práticas em segurança. A educação digital e a conscientização são fundamentais no contexto atual, marcado pela presença constante de tecnologias digitais na vida dos indivíduos.

Encerrando a etapa das observações no colégio, **no dia 10 de abril** foi realizado a última observação na turma da EJA, o ambiente de aula estava bastante agitado por conta de uma redução na carga horária das aulas na EJA. O professor iniciou a aula perguntando aos alunos o que gostariam de aprender naquela aula. O professor foi surpreendido com o seguinte questionamento a respeito do componente curricular inclusão digital.

Eu espero que essa matéria me deixe mais preparado para as vagas do comércio, quero trabalhar em loja na parte do escritório, não quero serviço pesado, no computador eu vou fazer trabalho mais leve e acho que essa disciplina vai me dar algumas dicas de como conseguir uma vaga, onde eu ganhe mais e me canse menos, quando é que vai chegar esse assunto de como preparar a gente pra isso professor? **(Aluno 02)**

Perante o exposto, entende-se a partir da fala do aluno que o mesmo deposita todas as suas expectativas, com o objetivo de melhorar a vida, na aprendizagem das ferramentas tecnológicas digitais para que possa alcançar uma emancipação financeira e menos trabalho. É preciso educar o homem para além de atender as demandas do mercado de trabalho, e sim para a cidadania, para a sua integração à vida social e política da sociedade. É necessário que vá adquirindo a exata compreensão do significado das diversas práticas exercidas na sociedade, o real valor

²Informação falsa que é divulgada ou publicada como notícia, motivada por razões políticas ou para fins fraudulentos.

de sua existência e as imposições que lhe são determinadas. Por isso, educar para a cidadania requisita possibilitar ao homem fazer uso da razão para que possa usufruir de todos os benefícios, de forma crítica e reflexiva ser autor de seu pensamento e de suas ações.

Paulo Freire (1996) denuncia a educação escolar. Para o autor, a instituição escolar que deveria ser o local apropriado para uma educação libertadora, formadora da cidadania se transformou numa “indústria” de excluídos e marginalizados sociais. Infelizmente, a função política e social da escola tem sido a de beneficiar interesses contrários aos da classe trabalhadora, das classes subalternas através de currículos descontextualizados e de referenciais teórico-metodológicos que impedem a compreensão, a reflexão e a análise do cotidiano da vida dos educandos.

Para tanto, o sujeito precisa estar familiarizado com as funcionalidades proporcionadas pelas tecnologias para que compreenda a importância desta aprendizagem. Porém, estar familiarizado com as tecnologias atreladas a aprendizagem parece um dilema que a escola enfrenta diariamente por causa de vários fatores já citados aqui, como: inexistência de material pedagógico para o ensino do componente curricular inclusão digital, ferramentas tecnológicas insuficientes para utilização dos alunos no laboratório e sala de aula e falta de formação continuada e/ou em serviços para o professor que atua no ensino do referido componente. É necessário maiores investimentos para garantir que a inclusão digital de todos efetivamente aconteça, pois a conectividade por meio dos avanços no campo da informação e da comunicação tem a cada dia interferido em diversos setores da vida humana, seja no pessoal e/ou profissional. Contudo, é importante que essa fragilidade seja em caráter imediato, sancionada no país para que se possa avançar nas discussões, como no que se refere à dedicação e apropriação da inclusão digital em todas as unidades de ensino como direito dos estudantes, em especial na Educação de Jovens e Adultos, pois compõe sujeitos que vivenciam experiências diversas em casa, na rua, no trabalho, na família, na economia, na política, entre outros espaços que hoje enfrentam as influências positivas e negativas das mídias digitais. É então na EJA que nos deparamos com o alunado de maior emergência às potencialidades advindas da inclusão digital.

Em suma, os alunos esperam que através da inclusão digital podem surgir muitas possibilidades de emancipação social e profissional. Vale salientar que a emancipação então deve ser um fator essencial ao processo de ensino para os

sujeitos de todas as idades, pois essa é fundamental em toda a vida do indivíduo. A escola historicamente tem sido um mecanismo de dominação da sociedade e cerceamento de liberdades através das relações de poder e por isso, não têm adotado de forma decisiva uma educação para a emancipação. Sobre essa realidade, Adorno (1995) salienta perceber propostas educacionais que “sabotam o conceito de emancipação atuando assim não só de modo implícito, mas explicitamente contra os pressupostos de uma democracia.” (Adorno, 1995, p. 172).

Uma educação para a emancipação é oposta ao estilo autoritário de educar, mas defende um ensino sob viés democrático que priorize a autonomia dos sujeitos rompendo com as dependências, dominações e ausências de liberdade que o autor classifica como sendo uma fase denominada de menoridade. Logo, a educação para a emancipação é então a solução para o combate à menor idade dos sujeitos diante das amarras sociais e a conquista da então maioridade na formação dinâmica do eu.

Baseado nesse cenário, serão apresentadas algumas análises do questionário aplicado com o professor regente do componente curricular com o objetivo de investigar, analisar e refletir a respeito do ensino da inclusão digital nas turmas e dessa forma, pensar uma proposta pedagógica inclusiva para a EJA que seja relevante para o campo educacional e fundamental para garantir que todos os estudantes tenham acesso às tecnologias digitais e ao conhecimento necessário para utilizá-las, capacitando-os para o mundo contemporâneo e promovendo sua inclusão social e profissional.

5.4 O QUE DIZ O PROFESSOR

O centro da discussão desse tópico se configura na reflexão acerca da inserção do componente inclusão digital nas turmas da EJA, tendo como sujeito de análise o professor. A partir do questionário aplicado com questões abertas e fechadas para o professor 01, único educador responsável pelo ensino do componente curricular em questão no Colégio Estadual Carminda Mascarenhas, foi possível identificar os dilemas e as possibilidades conferidos por ele para o respectivo componente. Por meio destes, refletimos sobre três relevantes eixos de análise: compreensão sobre o componente curricular inclusão digital e a sua importância na EJA, suporte pedagógico para o ensino do componente curricular nas aulas e os dilemas e possibilidades para o ensino de inclusão digital na EJA.

5.4.1 Compreensão sobre o componente curricular Inclusão Digital e a sua importância na EJA

No presente subtópico analisaremos o primeiro ponto que discorre sobre a compreensão do professor a respeito do componente curricular inclusão digital e a sua importância na EJA. O questionário aplicado com o professor trazia um bloco de 05 questões abertas relacionadas diretamente à discussão do referido componente curricular na Educação de Jovens e Adultos. Iniciamos nossas considerações apresentando o resultado a indagação sobre o entendimento do docente referente a inclusão digital e qual a sua importância para os educandos da EJA. Como resposta ao questionamento, o professor disse:

É um componente fundamental para o acesso dos estudantes, principalmente aqueles de baixa renda, ao mundo digital através da transmissão de informações úteis ao dia a dia em que informações e serviços se encontram atrelados ao mundo digital. (**Professor 01**)

É sabido que a educação brasileira tem sido caracterizada pela divisão e interesses de classes, exclusão e reprodução do *status quo*, isso desde o período em que os jesuítas eram os principais educadores, perpassando pela reforma Pombalina (1759), até a criação da Constituição de 1988, em que há uma previsão legal da educação como direito de todos e dever do Estado. No entanto, a realidade educacional brasileira continua sendo marcada por desigualdade e pela falta de acesso à educação de qualidade para muitos brasileiros, especialmente em regiões mais pobres e periféricas do país (Nunes, 2014). Diante do relato do professor é possível constatar que há uma associação dos alunos da EJA a pessoas de baixa renda. Pode-se inferir através desse relato que é na escola que os problemas sociais se refletem e são reproduzidos. Esse caráter desigual marca a vida desses sujeitos por situações como reprovações, evasões e saídas. É na Educação de Jovens e Adultos que se formam conjuntos de medos, sonhos e desejos. Os alunos da modalidade acabam concebendo a escola como garantia de superação de sua condição histórico-social não concluída. A escola para esses sujeitos é justificada como uma melhoria de vida, de trabalho e de conquista pessoal. É um desafio para todos os envolvidos neste processo, mas, principalmente, para o sujeito que busca esperança e direitos que lhes foram negados.

Arroyo (2017) destaca que os sujeitos da EJA são adultos e jovens que possuem histórias e trajetórias diferentes. São sujeitos que possuem a autoestima baixa, que são tímidos e que enfrentam problemas de saúde, a escola é o espaço que deve trazer ações que respeitem essa diversidade e busque métodos que incluam a todos. Os sujeitos educandos da modalidade EJA apresentam percursos formativos diversificados e representam as camadas mais empobrecidas da sociedade. “Não é qualquer jovem e qualquer adulto. São jovens e adultos com rostos, com histórias, com cor, com trajetórias sócio étnico-raciais, do campo, da periferia” (Arroyo, 2006 p. 22).

Pensar os estudantes noturnos é entendê-los como protagonistas do trabalho pedagógico. A demanda da escola precisa levar em consideração os perfis e as diferentes dificuldades a fim de superar as condições que comprometem a vida desses alunos. Vale salientar que o giz vem cedendo espaço ao computador para se adequar ao mundo globalizado e digital que se conecta às novas tecnologias, sendo assim o professor precisa investir continuamente na construção e reconstrução de seus conhecimentos pedagógicos e tecnológicos, procurando dessa forma criar uma reflexão do impacto que essas inovações têm causado nas instituições de ensino, levando em consideração as condições de trabalho que lhe são oferecidas (Santos, 2003). Desta forma, é basilar o professor compreender o que é a inclusão digital e qual impacto ela pode causar na vida dos alunos.

Ensinar para jovens e adultos um componente curricular exige prioritariamente que o professor, antes de introduzi-lo nas aulas, entenda as suas funcionalidades e as consequências de seu uso nas relações sociais, na utilização no cotidiano e qual a relevância disso na vida desses sujeitos, pois somente a partir desse momento é possível debater de forma a transformar as aulas em eventos de discussão onde ocorra de maneira efetiva a participação de todos os indivíduos, propiciando assim a comunicação e a construção coletiva de saberes que só são possíveis a partir do momento que todas as partes se envolvem.

Portanto, é fundamental que a escola, conseqüentemente o professor, considere a existência dessa geração, já que ela impacta nos modos de ensinar e de aprender, pois se compreende muito cedo que há muitas fontes de informação e que tais fontes podem apresentar verdades diferentes e o professor precisa ser um mediador desse processo, auxiliando o estudante a filtrar as informações e a aprender a construir seus conceitos em rede. A necessidade da promoção de ações de inclusão

digital específicas para professores surge, dentre outras coisas, da compreensão de que a sociedade da informação é espaço para reflexão acerca das necessidades evidentes de democratização do acesso aos recursos informáticos, de um projeto de educação libertadora e particularmente de formação de professores para o uso crítico e criativo da informática na educação (Lacerda Santos, 2003). Quando questionado acerca da importância da inclusão digital para os alunos da EJA, o professor respondeu:

É extremamente importante, haja vista que o público da EJA costuma ser composto por estudantes com idade superior ao do ensino regular e por vezes sem nenhum conhecimento digital. Portanto, o ensino da inclusão digital aproxima esse público de informações referentes ao tema familiarizando-os e facilitando o contato deles com o mundo. (**Professor 01**)

A resposta dada pelo professor 01, demonstra que os alunos da EJA não possuem nenhum conhecimento digital. É preciso ter cautela para uma afirmação generalizada que os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), por vezes não possuem nenhuma noção do digital. Muitos alunos da EJA têm acesso a smartphones, computadores e outros dispositivos tecnológicos e utilizam a internet para diversas finalidades no seu cotidiano. Portanto, é importante lembrar que muitos alunos possuem habilidades básicas em tecnologia e demonstram um nível menor de conhecimento digital que não é totalmente nulo. Sendo assim, é fundamental reconhecer que as habilidades digitais podem variar entre os alunos da EJA, dependendo de seus interesses, nível de exposição e principalmente as oportunidades de aprendizado que tiveram ao longo da vida.

Quando se fala na importância da inclusão digital do aluno de EJA, não basta que ele aprenda apenas a criar uma apresentação de slides, editar um texto eletrônico, criar um blog ou navegar na internet. A inclusão digital está relacionada com uma profunda mudança social, econômica e cultural do sujeito. Segundo Lacerda Santos (2014), a inclusão digital caracteriza-se por uma mudança comportamental e atitudinal, que ocorre quando o sujeito atinge um nível de conhecimento e habilidades que lhe permita utilizar, processar e interagir com dados e informações utilizando-se de recursos tecnológicos aliados ao desenvolvimento de competências na área motora, cognitiva e afetiva. Por estas razões, a EJA precisa conhecer, entender e se apropriar das questões que tratam sobre a inclusão digital.

5.4.2 Suporte pedagógico para o ensino do componente curricular inclusão digital

Em continuidade as questões existentes no questionário, foi perguntado ao professor se ele tinha suporte pedagógico da escola e/ou Secretaria de Educação para o ensino do componente curricular inclusão digital, obtivemos a seguinte resposta:

O suporte aconteceu por meio da coordenação pedagógica que me cedeu algumas sugestões de conteúdos para abordar nas aulas. Me senti um pouco perdido porque não sabia por onde começar, a falta de material, a falta de formação para mim foi e continua sendo um empecilho, tudo seria mais fácil se eu tivesse passado antes por uma formação para me ajudar a ensinar. Sei que inclusão digital vai além de usar o computador, na prática não sei como fazer com os conteúdos, apesar de saber que é uma matéria importante para eles. Ainda estou tateando no escuro como levar isso para os alunos em forma de conteúdo. **(Professor 01)**

Diante do exposto, podemos inferir que o suporte pedagógico, seja ele advindo da Secretaria Estadual de Educação ou da coordenação pedagógica, é indispensável. Entretanto, muitas vezes o suporte que chega até o professor é inadequado, insuficiente ou em alguns casos, inexistente. Para amenizar e preencher essa lacuna é importante e urgente investir em formação continuada para os professores, proporcionando-lhes conhecimentos atualizados sobre tecnologia, metodologias de ensino inclusivas e adaptações necessárias para atender às necessidades variadas dos alunos da EJA.

O que é para a grande maioria da população jovem e letrada algo natural e de uso diário para alguns alunos de EJA, que tem menos ou nenhum contato com essas tecnologias e ferramentas digitais é extremamente novo, complexo e distante ao seu olhar. Usa-se de tecnologia diariamente, ela tornou-se parte do nosso cotidiano. Está presente em nossos trabalhos, escolas e vida social. Deste modo, um professor sem apoio pedagógico, sem formação continuada e/ou em serviço não consegue ir além da abordagem teórica sobre computador, fica limitado a discutir aspectos superficiais e pouco úteis para a vida dos alunos. Pensar Inclusão Digital na prática pedagógica é muito mais complexo que ligar uma máquina e escrever uma palavra, é uma reconfiguração no modo de ensinar e aprender.

Deste modo, compreendemos que assim como a EJA não pode ser vista apenas em sua função reparadora, o componente curricular inclusão digital também não pode ser visto pelo professor apenas sob a ótica da instrumentalização. Esse

público precisa caminhar pelo desenvolvimento da equidade e da qualidade, e por sua vez as tecnologias digitais precisam estar vinculadas à aprendizagem crítica, a um uso que permita ao sujeito romper com os muros da sala de aula, da escola e da autoestima negativa. Que consiga interligar o “saber de experiência feito” com o saber da experiência construída na escola. (Freire, 1996).

5.4.3 Dilemas e possibilidades para o ensino de inclusão digital na EJA

Com relação aos dilemas e possibilidades identificadas pelo educador para o ensino de inclusão digital nas turmas de EJA, obtivemos o seguinte relato do docente:

As dificuldades que encontro são frequentes, a principal delas é que não possuo formação na área de tecnologia, isso se torna um dilema e um desafio a transmissão do conhecimento para os estudantes. Como possibilidade, eu arrisco dizer que para o ensino desse componente deveria haver profissionais com formação específica para lecionar o referido componente curricular. Porque assim ele saberia por onde seguir, quais conteúdos e como ensinar relacionando com a vida dos alunos, o que consigo fazer na sala de aula ainda me dá muita insegurança, não sei se estou acertando, se estou chegando até eles. Falta tanta coisa, mas o principal é uma formação que poderia ser em serviço ou continuada que mostrasse como relacionar a teoria e a prática. (**Professor 01**)

Em consideração a resposta do professor 01 registrada no questionário, podemos deduzir que além da necessidade de relacionar teoria e prática evidenciada na resposta acima, é necessário corroborar que o professor enfrenta diversos dilemas práticos em suas atividades pedagógicas diárias. Alguns desses dilemas incluem: a acomodação das necessidades individuais dos alunos que possuem diferentes habilidades, conhecimentos e estilos de aprendizagem; Gerenciamento do tempo de aula para equilibrar o tempo entre o ensino dos conteúdos, a realização de atividades e o atendimento individualizado dos alunos; Manutenção da motivação dos alunos, especialmente quando consideram que os conteúdos não são relevantes para suas vidas e avaliação de forma justa e significativa, levando em consideração as diferenças individuais, os estilos de aprendizagem e a diversidade de habilidades existentes entre os alunos.

Esses dilemas práticos exigem dos professores habilidades que não foram aprendidas nos cursos de formação e por consequência, geram muitas dificuldades na hora de relacionar teoria e prática. O professor enxerga a teoria como algo abstrato

e distante da realidade da sala de aula e não consegue entender a prática como a aplicação concreta dos conceitos aprendidos.

Nessa linha de análise, Antoni Zabala (1998 p.16) afirma que a prática educativa “obedece à múltiplos determinantes, tem sua justificação em parâmetros institucionais, organizativos, tradições metodológicas, possibilidades reais dos professores, dos meios e condições físicas existentes, etc.” Além disso, o autor aponta que a formação inicial dos professores muitas vezes não prepara adequadamente para a integração teoria e prática. Os cursos de formação de professores costumam focar mais na teoria do que na prática, o que deixa os futuros docentes despreparados para conectar os conhecimentos adquiridos na formação com a realidade da sala de aula. Os professores precisam de orientação e apoio contínuo para encontrar maneiras eficazes de aplicar os conceitos teóricos na prática, mas nem sempre têm acesso a isso.

Em suma, as dificuldades que os professores têm para relacionar teoria e prática incluem falta de tempo e recursos, formação inadequada, falta de suporte e resistência a mudanças. Superar esses obstáculos requer um esforço conjunto entre educadores e instituições de ensino. “A escola precisa formar pessoas com potenciais muito flexíveis, que mudem, transformem e transitem em diversas situações, experiências e contextos” (Castells, 2009, p.13), mas acima disso, ela também precisa ter profissionais capacitados para prover a inclusão digital de seus alunos, assim como, oportunizar que esses alunos façam uma utilização adequada desses recursos digitais para que as inovações tecnológicas realmente melhorem a qualidade do ensino que a escola oferece (Cysneiros, 1999).

Contudo, quando falamos na capacitação do professor, não necessariamente ele precisa possuir altas habilidades com o manuseio de sistemas e aplicativos, mas precisa ter um conhecimento básico das possibilidades que as tecnologias digitais, atreladas a uma formação, possa oferecer um ensino que utilize ao máximo as potencialidades e possibilidades para um ensino mais inclusivo e significativo. Vale salientar que ter acesso a diversos dispositivos tecnológicos não será sinônimo de uma inclusão digital e um ensino eficiente. Toda a qualidade no processo de ensino e da utilização dos recursos tecnológicos nas turmas de EJA irá depender da funcionalidade que o professor atribui a cada dispositivo, aplicativo e software que tem a sua disposição.

5.5 O QUE DIZEM OS ESTUDANTES SOBRE O COMPONENTE CURRICULAR INCLUSÃO DIGITAL

Neste subtópico, buscamos analisar as narrativas de 03 alunos da educação de jovens e adultos, turma EJA, etapa VI, tendo em vista compreender, a partir das falas e de um referencial teórico, os sentidos atribuídos pelos educandos ao componente curricular inclusão digital. Os 03 alunos são moradores de bairros periféricos de Feira de Santana, trabalham na economia informal e retomaram os estudos depois de terem ficado cerca de 1 a 2 anos afastados do colégio. As entrevistas foram realizadas em horários previamente agendados, pós ou anteriores aos horários das aulas. Foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas para análises etnográficas estando todas elas em anexo. As questões da entrevista foram analisadas, a fim de responder ao objetivo desta pesquisa, por categorias: compreensão sobre inclusão digital, dificuldades para compreensão do componente curricular nas aulas e possibilidades que a inclusão digital oferece para a vida dos sujeitos da EJA.

5.5.1 Compreensão sobre inclusão digital

Ao serem convocados para falarem sobre a compreensão do componente curricular Inclusão Digital, os educandos entrevistados revelaram semelhantes pontos de vista a respeito do componente curricular em questão:

Aluno 01: A Disciplina Inclusão digital pra mim é importante porque fala sobre o mundo digital, hoje o mundo digital faz parte de nós e precisamos saber sobre ele, essa disciplina veio para nos ensinar quais melhores aplicativos existem na internet, se virar sem precisar estar pedindo ajuda pra ninguém.

Aluno 02: A inclusão digital pra mim é tudo hoje porque me ajuda em vários sentidos, como comprar uma passagem, reservar um hotel, atualizar-se com notícias da cidade, com o tempo, hoje se eu não quiser não preciso sair de casa nem ligar a tv para saber o que está acontecendo ao nosso redor porque está tudo na palma da mão, basta um click.

Aluno 03: Inclusão digital pra mim é tudo que eu posso fazer usando tecnologia digital, envolve tecnologia que no mundo hoje é tudo. Então eu acho isso, a Inclusão digital é tecnologia e eu preciso fazer parte disso, eu e todos que estão aqui, precisamos entender sobre e fazer parte disso, lá fora a gente não vai conseguir muita coisa caso não entenda e não saiba lidar com ela.

O aluno 01 sinaliza em sua resposta que a inclusão digital é extremamente importante, pois o digital está intrinsecamente ligado a muitos aspectos da vida

moderna. Segundo ele, o mundo é digital e saber sobre, significa também maior autonomia pessoal. Para o **aluno 02**, a inclusão digital é importante porque auxilia em várias áreas da vida, proporcionando maior controle e facilidade nas atividades cotidianas. Tudo está relacionado ao digital. O **aluno 03** demonstrou em sua resposta que a inclusão digital é uma urgência e complementa a necessidade de não somente ele, mas de todos, estarem digitalmente integrados sob pena de não conseguirem oportunidades fora do colégio.

O componente curricular inclusão digital na EJA não é apenas uma adição obrigatória ao currículo é considerada como processo condutor da inclusão social e do exercício da cidadania. Por isso, é mais do que o mero acesso, é potencializar formas de interação e aprendizagens dela decorrentes. Nesse sentido, Filho (2017, p.11) faz uma boa conceituação da inclusão digital, relacionando-a à alfabetização digital:

[...] iniciativas de inclusão digital são aquelas que visam oferecer à sociedade os conhecimentos necessários para utilizar com um mínimo de proficiência os recursos de informática e de telecomunicações existentes e dispor de acesso físico regular as tecnologias digitais.

A inclusão digital se assemelha, portanto, à ideia de alfabetização digital, numa equivalência com a perspectiva da alfabetização no processo de inclusão social, voltando o foco para aqueles que também se encontram no próprio contexto de exclusão social, acrescentando a temática da tecnologia digital no sentido de somar esforços para atenuar essa diferença. (Filho, 2017)

Percebe-se a necessidade dos alunos em estarem ambientados com a internet e tudo que ela pode oferecer. Neste espírito, compreender o sentido pleno da inclusão digital vai além de acesso e conexão. Warschauer (2006) aponta que, além do acesso, os sujeitos precisam ser ambientados às tecnologias digitais e formados para a sua utilização. Isso aconteceria através um mediador (em muitos casos, o professor), que deveria estar qualificado para isso, promovendo a aquisição de saberes e conhecimentos através das experiências de seus estudantes com as TIC.

5.5.2 Dificuldades para compreensão do componente curricular nas aulas

A partir das perguntas do roteiro de entrevista (documento em anexo), percebe-se que as dificuldades para a compreensão dos conteúdos pertinentes ao componente

curricular inclusão digital, nas aulas, eram relacionadas a nomenclaturas técnicas que os alunos não conheciam e por sua vez, não conseguiam associar e construir sentido para a sua vida enquanto sujeito.

Aluno 01: Pra mim a parte maior da dificuldade dessa matéria é entender nomes difíceis que eu não sei onde eu vou precisar usar. Também se um dia eu precisar e a disciplina for isso eu vou dizer que já nem quero aprender isso, eu quero entender coisas que eu sei que vai me servir pra eu melhorar enquanto pessoa depois que eu sair daqui. Acho difícil compreender coisas que eu penso que um curso técnico é que deveria ensinar e que eu vou escutar aqui e já vou esquecer quando a aula acabar.

Aluno 03: A dificuldade para mim é entender como posso a partir das aulas de inclusão digital, dá uma turbinada no meu currículo para conseguir um emprego melhor, hoje sou ajudante de pedreiro, mas queria trabalhar no comércio e depois colocar um negócio pra mim. Até o momento eu não consegui ainda fazer a ligação do que aprendi com o que eu imaginei quando vi que teria essa disciplina. Pensei que seria só aula prática pra eu aprender umas coisas e colocar no currículo que eu já estou fazendo para entregar em alguns lugares lá no bairro onde moro, estão pegando jovens aprendizes, quero melhorar de vida professora.

Pode-se inferir com base na resposta dada pelo **Aluno 01** que o conteúdo ensinado não foi compreendido porque não teve uma relação direta com a sua vida, não fez sentido para suas experiências cotidianas. Segundo ele, esse fato pode aumentar ou diminuir o interesse e a motivação pelo componente dentro da sala de aula. **O aluno 03** diz que a sua dificuldade é fazer uma associação entre a disciplina inclusão digital e o que esta pode oferecer ao seu currículo profissional para arranjar um emprego melhor. Ambos relatam de maneiras diferentes, aspirações semelhantes: a vontade de aprender conteúdos que ressoem com as suas experiências, com as necessidades diárias e os anseios profissionais.

Desta forma, **os alunos 01 e 03** enxergam que a aprendizagem de conteúdos que eles consigam relacionar com a realidade deles poderão ser mais relevantes, acessíveis e impactantes nas suas vidas. A perspectiva que aqui se desenha é, efetivamente, a de que compreensão que os alunos têm a respeito dos conteúdos abordados nas aulas de inclusão digital podem modificar de alguma forma o seu cotidiano, nas formas mais distintas e significativas possíveis.

Dentre outras possibilidades, pode-se concluir a partir das respostas, que o componente curricular em questão deve considerar que o aluno da EJA está inserido no mundo impregnado de tecnologias digitais que não se desvinculam de sua vida: é uma televisão, é um computador conectado à internet, é o celular de última geração

que agrega várias funções, relógio digital, aparelhos domésticos ligados a aplicativos e outros.

Ressalta-se ainda que, para onde o aluno da EJA for no mercado de trabalho, envolve tecnologias. A exemplo de um operador de caixa de supermercado, o aluno egresso da EJA vai manusear tecnologias digitais que estão a sua frente ou as mais sofisticadas como acopladas a um trator, a uma máquina colheitadeira, a um caminhão e a tantos utensílios empregados na sua vida de trabalho, na sua vida doméstica e na sua vida cultural. Portanto, os alunos da EJA esperam encontrar na escola, através da inclusão digital, conhecimentos que tragam benefícios para a vida pessoal e profissional.

Warschauer (2006) aponta que se faz necessário inserir as pessoas jovens e adultas nesse processo, porque “[...] o acesso as TIC, inclui uma combinação de equipamento, conteúdo, habilidades, entendimento e apoio social, a fim de que o usuário possa envolver-se em práticas sociais significativas” (Warschauer, 2006, p.64).

Para Libâneo (2001, apud Almeida e Freitas, 2012), a educação só é considerada de qualidade, quando as necessidades dos discentes são atendidas e desenvolvidas de acordo com suas capacidades cognitivas para que se engaje no mundo social, cultural e politicamente econômico. Porém, a realidade dentro das escolas aponta um verdadeiro despreparo tanto na insuficiência de recursos, quanto das escolas e dos professores na utilização e até mesmo na inexistência de materiais educacionais digitais no ensino (Giraffa, 2012). Para o autor, a falta de recursos tecnológicos presentes nas escolas, a falta de conhecimentos quanto ao uso da tecnologia e a resistência em mudar a forma tradicional de ministrar a aula são os grandes dilemas encontrados pelos docentes e alunos para o uso de tecnologia na prática pedagógica.

Nessa perspectiva, os usos que os alunos da EJA querem fazer ao assistir as aulas de inclusão digital têm a ver com o cotidiano que estão vivenciando, buscam novas formas de se comunicar, se relacionar com o outro, realizar atividades do dia a dia, arranjar um emprego melhor. Depositam na aula expectativas de se apropriarem de alguma forma das tecnologias digitais para que também possam se utilizar delas enquanto canal para se colocar no mundo, acreditam plenamente no potencial de criação de oportunidades de crescimento pessoal e de construção de conhecimento através do referido componente curricular.

5.5.3 Possibilidades que a inclusão digital pode oferecer para a vida dos sujeitos da EJA

Várias possibilidades foram apontadas pelos entrevistados com relação ao que a inclusão digital pode oferecer para a vida dos sujeitos da EJA. Possibilidades essas que ficaram evidenciadas nas respostas alicerçadas por sugestões dos educandos da EJA.

Aluno 01: Eu enxergo tantas possibilidades professora, posso até estar errado, mas através dessa disciplina eu tenho certeza de conseguir dar um boom na minha vida. Eu não tenho condições de pagar um curso técnico, esses de secretária, auxiliar administrativo. Deposito minhas fichas nessa disciplina que me dá uma ponta de esperança de aprender a pesquisar informações, mandar e abrir e-mail, usar alguns aplicativos que eu sei que todos devem saber usar, tipo esse de banco, do governo, sabe? Hoje eu só sei mexer no zap e ainda tenho dificuldades com algumas coisas, tipo, criar grupo mesmo eu não sei.

Aluno 02: Se eu pudesse escolher o que aprender, eu queria saber utilizar diferentes softwares e aplicativos, saber onde digitar um texto, saber fazer planilhas, aqueles programas de apresentação que os outros professores usam para explicar os assuntos, queria saber fazer para apresentar trabalhos. Sei lá, tantas coisas que eu queria, principalmente coisas que me ajudasse nas coisas do colégio e nas coisas do meu dia-a-dia. Eu queria tanto me sentir por dentro das coisas da atualidade professora. Eu acho que não saber mexer nessas coisas do digital é como se eu tivesse por fora das coisas de hoje sabe? Quando penso que tenho uma certa dificuldade fico agoniado.

Aluna 03: Eu só penso na facilidade que aprender as coisas dessa disciplina pode trazer pra mim, tenho uma mãe idosa e uma avó que mora comigo, hoje quase tudo que preciso fazer pra ajudar elas nos serviços públicos é online. Essa matéria poderia ensinar a gente a aprender a utilizar serviços públicos na internet, hoje minha maior dificuldade viu? Agendar consultas, fazer documentos, pedir uber é tudo online, tenho o aplicativo, mas não consigo agendar nada, me bato muito com essas coisas na internet sabia? Porque não sei. Se aprendesse essas coisas seria uma maravilha pra vida da gente né?

O **aluno 01**, colaborador da pesquisa, revela que enxerga no componente curricular em questão, possibilidades concretas de mudança de vida. Demonstra anseios de aprendizagem no âmbito tecnológico digital que refletem a importância da aquisição de competências tecnológicas digitais para a vida moderna. Importante salientar que no início da sua fala ele afirma a expectativa dessa aquisição de competências digitais ter um impacto significativo na sua vida.

Nesse contexto, é mister pontuar que o **aluno 01** demonstra plena convicção da necessidade de se apropriar dessas tecnologias no sentido mais amplo, para se

comunicar, para construção e desenvolvimento do conhecimento, enquanto competências necessárias para explorar e navegar e usufruir dos serviços nesse espaço. É importante pontuar que a aplicabilidade das Tecnologias Digitais na EJA pode contribuir para maiores oportunidades, despertando o entendimento crítico-reflexivo e a aprendizagem dos sujeitos. Contribui com a preparação dos sujeitos para o mundo do trabalho, compreendendo a relevância do trabalhador para que em sua percepção de tempo e espaço coloque em prática os conhecimentos adquiridos ao longo da sua formação, utilizando as TIC ao seu favor e explorando sua criatividade e autonomia. Levando em consideração o aprendizado ao longo da vida como um modelo inclusivo de ensino em todas as fases da vida, é insuficiente quando se trata da EJA. Assim:

A escola representa na sociedade moderna o espaço de formação não apenas das gerações jovens, mas de todas as pessoas. Em um momento caracterizado por mudanças velozes, as pessoas procuram na educação escolar a garantia da formação que lhes possibilite o domínio de conhecimentos e melhor qualidade de vida. Essa educação escolar, no entanto, aliada ao poder governamental detém para si o poder de definir e organizar os conteúdos que considera socialmente válidos para que as pessoas possam exercer determinadas profissões ou alcançar maior aprofundamento em determinada área do saber (KENSKI, 2012, p. 19)

A percepção sobre a inclusão digital na EJA, mostra uma distinção entre o campo da ideia para com a realidade da sala de aula. Tendo um afastamento das práticas pedagógicas que contribuam na valorização das experiências dos sujeitos, gerando assim uma crítica ao modelo de ensino enquanto estrutura governamental estabelecida.

De modo geral, os alunos entrevistados sinalizam, cada um a sua maneira, a necessidade de aprenderem e se apropriarem das tecnologias digitais porque entendem serem essenciais para a vida. **O aluno 02**, por exemplo, demonstra em sua fala que “não saber mexer no digital é estar por fora das coisas de hoje e que se sente agoniado por isso”.

Nessa direção, se faz importante trazer as reflexões de Arroyo (2007, p. 7) que insiste em afirmar: “a EJA tem que ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”. Para o citado autor, enquanto a escola continuar a pensar, através de suas propostas pedagógicas desconexas com as necessidades dos alunos, um sujeito inexistente, seus certificados e diplomas não assumirão seu verdadeiro papel.

Uma parte significativa dos alunos da EJA, em especial aqueles que não nasceram no século XXI, não conhecem as novas tecnologias e suas funcionalidades como ferramentas virtuais. Têm muitas dificuldades com aplicativos de celular e, até mesmo, com comandos usados do dia a dia, como os terminais eletrônicos dos bancos, aplicativos do governo, instituições privadas etc. Para tanto, eles precisam estar incluídos digitalmente, para que não se sintam analfabetos digitais (Silva, 2017).

A aluna 03 ao ser indagada sobre o que a inclusão digital, como componente curricular poderia oferecer para a sua vida, relacionou o componente com as facilidades que ela terá ao aprender os conteúdos ensinados. Conteúdos esses que ela utilizará para ajudá-las em atividades diárias. Ficou evidenciado nas falas do(a)s aluno(a)s entrevistado(a)s, o desejo de aquisição e aprimoramento de habilidades das tecnologias digitais porque é fundamental e urgente que os alunos da EJA se adaptem às demandas da sociedade atual e se tornem cidadãos informados, críticos e participativos no mundo digital.

Para tanto, é basilar ir além da inclusão, é indispensável que haja nas turmas o letramento digital. A escola, através da visão de inclusão digital deve focar em um processo de letramento. O letramento digital não é apenas “alfabetizar” digitalmente: “é necessário ensinar como utilizar os meios de navegação, as “infovias”, da internet e de outros recursos de TIC disponíveis atualmente” (Bastos; Rapkiewicz; Bevenuti, 2016). A inclusão digital pode ser capaz de tornar os jovens e adultos da EJA emancipados e autores do seu conhecimento e das suas informações.

Com base nesse estudo a partir das análises dos sujeitos participantes (professor e alunos da EJA), foi possível observar que ainda existe uma lacuna entre a teoria e a prática pedagógica relacionada ao ensino do componente. Logo que surge a necessidade de uma proposta pedagógica para a disciplina inclusão digital na EJA. Uma proposta que seja contextualizada, significativa, interdisciplinar, inclusiva e que estabeleça parcerias e promova uma avaliação formativa. Assim, será possível desenvolver as habilidades digitais dos alunos e contribuir para sua inclusão e participação mais justa e plena nessa sociedade da informação.

5.5.4 Apresentação da Proposta Pedagógica para a Educação de Jovens e Adultos.

A proposta pedagógica é o documento que apresenta a forma como o ensino ocorrerá na sala de aula e o que se pretende alcançar. Numa proposta pedagógica

estão contidos as diretrizes, objetivos e estratégias para o processo de ensino-aprendizagem em uma instituição de ensino. Ela funciona como um guia para professores e gestores, ajudando a garantir que as práticas educacionais estejam alinhadas com a filosofia e os objetivos da escola ou da educação em geral. Vale salientar que a escola tem autonomia para decidir as metodologias, ferramentas e estratégias educacionais que deve seguir numa proposta. Em suma, trata-se de um documento vivo que expressa sempre os valores que a constituem, e precisa estar intimamente ligada à realidade a que se dirige, explicitando seus objetivos de pensar criticamente esta realidade, enfrentando seus mais agudos dilemas e dificuldades.

Nesta pesquisa, sugere-se como produto, a elaboração de uma proposta pedagógica para o componente curricular inclusão digital cujo conteúdo a ser trabalhado foi construído a partir da compreensão de análise das falas existentes neste estudo. Nesse cenário, buscou-se esboçar uma proposta pedagógica para o componente curricular inclusão digital que estivesse alinhada com a pedagogia freiriana, uma vez que “ a pedagogia freiriana defende uma educação que desperta no educando a consciência crítica das situações política, econômica e social em que está inserido, como sendo verdadeiramente uma Educação como Prática da Liberdade (Cortella, 2011, p.10)”

Nesta pedagogia, a liberdade é uma matriz que propõe sentido a uma prática de ensino, a partir da participação livre e crítica dos envolvidos no contexto escolar. Nesse caso, o diálogo torna-se condição essencial, com a livre comunicação entre educador, educandos e pesquisadora.

A proposta pedagógica (documento em anexo), elaborada para o componente inclusão digital como produto educacional desta pesquisa, foi constituída a partir do lugar de onde as falas e as gamas de valores dos sujeitos estavam alicerçadas com base nos dilemas que enfrentam, nas dificuldades que carecem ser superadas, mas também nas possibilidades e conseqüentemente na direção que a orientam. Vale ressaltar que as falas que a constituem nunca serão falas finalizadas, porque não aponta “a” solução, o caminho definitivo para os problemas sociais que os sujeitos da EJA enfrentam. Aponta, isto sim, um caminho em constante mudança, uma rota a construir que se renova a todo instante.

Desta forma, como pesquisadora e mediadora, foi preciso aprimorar a capacidade de saber escutar. Para Freire (1996), a capacidade de saber escutar é indissociável do ato de ensinar, pois na verdade o sonho que nos anima é democrático

e solidário. Não é falando aos outros de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles.

Diante do exposto, a Proposta Pedagógica para o componente curricular inclusão digital foi construída buscando oferecer aos alunos da EJA uma formação minimamente adequada e possível em inclusão digital, capacitando especialmente os alunos para lidar com as demandas do mundo digital e promovendo a sua inclusão social e digital nessa sociedade informacional.

A ementa da proposta pedagógica para a inclusão digital na Educação de Jovens e Adultos (EJA) aborda temas significativos para a vida dos educandos como: introdução ao uso de computadores; Navegação na internet; Uso de aplicativos e programas básicos; Criação e edição de documentos; Comunicação digital; Segurança online e ética digital; A referida proposta também inclui sugestões de atividades práticas que promovam o desenvolvimento das competências digitais dos estudantes. No quesito **objetivo gerais**, a proposta versa sobre proporcionar aos alunos da EJA as habilidades básicas nas tecnologias digitais, de forma a inseri-los no mundo tecnológico, possibilitando a sua inclusão social e por que não dizer no mercado de trabalho. Além disso, busca-se fomentar o desenvolvimento do pensamento crítico e ético em relação ao uso da tecnologia.

Os **objetivos específicos** contidos na proposta, consideraram o aprendizado de fundamentos teóricos e práticos sobre o uso de computadores, a capacitação para o uso de aplicativos e programas básicos, a compreensão dos riscos e precauções necessárias ao navegar na internet, a utilização da comunicação digital de forma segura e responsável, entre outros indispensáveis para o cotidiano dos sujeitos envolvidos.

Na parte da **metodologia didática**, a proposta apresenta como sugestões aulas expositivas, demonstrações práticas, exercícios individuais e em grupo, atividades de pesquisa e criação de projetos, dentre outras estratégias. É importante salientar que a metodologia deve ser, quando necessário, adaptada às necessidades e características dos alunos da EJA, tornando o aprendizado acessível e significativo para eles.

No que se refere aos **Recursos Didáticos**, a proposta traz como possibilidades o uso de computadores e/ou tablets com acesso à internet, software educativo,

materiais impressos, vídeos, entre outros recursos que possam contribuir para a aprendizagem dos alunos.

No quesito **avaliação do aprendizado dos estudantes**, sugere-se a aplicação de atividades práticas, como criação de documentos, resolução de problemas utilizando a tecnologia, participação em discussões e debates sobre ética digital, entre outros. Também é importante que os critérios de avaliação sejam sempre claros e alinhados aos objetivos do componente curricular inclusão digital.

Em suma, é importante ressaltar que além do conteúdo comunicacional que apontaram as possibilidades para a inclusão digital dos alunos da EJA, a construção da proposta pedagógica também foi embasada em referências bibliográficas atualizadas e relevantes que enriqueceram ainda mais os conteúdos abordados e serviram como base teórica para a prática docente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Um passo à frente e você já não está no mesmo lugar.”

(Chico Science)

O empoderamento dos sujeitos para uma educação ao longo da vida, no digital, é uma realidade. Estamos inseridos em uma sociedade na qual as tecnologias digitais atuam de forma significativa na construção do conhecimento, no acesso à informação, na forma de comunicação, assim como adentram o nosso cotidiano, ampliam a nossa memória, reconfiguram as nossas necessidades de aprendizagem, fragilizam as nossas capacidades naturais de ser humano e modificam nossa concepção de tempo e espaço. Para esta sociedade tão ubíqua³, a apropriação e o domínio das tecnologias digitais podem representar um fator de inclusão ou exclusão social. Como resultado, somos influenciados a estabelecer vínculos, mesmo que de forma incipiente com o digital.

A escola como instituição social está inserida nesta sociedade e recebe as demandas que dela advêm. Os alunos que compõem a EJA, têm com esta sociedade uma relação de convivência e sobrevivência e depositam na escola todas as expectativas relacionadas ao digital no intuito de responder aos requisitos que ela lhes impõe, seja no mercado de trabalho, na realização de pagamentos, na locomoção pelos centros urbanos ou na comunicação por meio da cultura digitalmente letrada.

Partindo desse pressuposto, a questão norteadora desta pesquisa nos guiou a investigar **como a elaboração de uma proposta pedagógica poderia superar os dilemas e potencializar possibilidades para a inclusão digital na EJA?** Uma elaboração mediada pela escuta, pela efetiva participação dos alunos e professor regente, visando contribuir para a igualdade de oportunidades, criando condições para que os sujeitos da EJA tenham acesso e domínio ao mundo digital na contemporaneidade.

Entendemos que o processo de aprendizagem perpassa pela construção de um cidadão crítico, que conheça, se aproprie dos direitos e exerça os deveres na sociedade. Nessa acepção, reconhecemos a escola como uma grande aliada ao desenvolvimento desse sujeito crítico-social, com o papel de socializar e democratizar

³ Ubíqua é a feminina de ubíquo. O mesmo que: coletivo, generalizado, público.

o acesso ao conhecimento, incentivar os estudantes a apreender a cultura do direito à educação ao longo da vida.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa nos assessorou a delinear os processos necessários para a realização da investigação. Foi alicerçado na importância de compreender como a elaboração de uma proposta pedagógica através das reflexões dos alunos e professores pode superar os dilemas e potencializar as possibilidades para a inclusão digital na EJA. Para contribuir com o alcance do objetivo geral, aplicamos os objetivos específicos que consistiam em identificar os dilemas e as possibilidades e analisá-los a partir das considerações dos estudantes e professor regente da turma.

Os dilemas e as possibilidades para o ensino do componente inclusão digital identificados para professor e alunos foram diversos, porém proporcionalmente importantes e complementares para a elaboração da proposta pedagógica a que essa pesquisa propõe:

Quadro 05 - Dilemas e as possibilidades para o ensino do componente inclusão digital

PROFESSOR	
DILEMAS	POSSIBILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> • Inexistência de formação na área de tecnologias digitais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exigência obrigatória de formação em tecnologias digitais para o ensino do componente curricular.
<ul style="list-style-type: none"> • Alunos com pouco conhecimento em tecnologias digitais. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Falta de formação em serviço. 	
<ul style="list-style-type: none"> • Suporte pedagógico insuficiente e/ou inexistente. 	

ALUNOS	
DILEMAS	POSSIBILIDADES
<ul style="list-style-type: none"> • Conteúdos técnicos e desconexos com as vivências e experiências dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Inclusão Digital como possibilidade de mudança de vida.

	<ul style="list-style-type: none"> • Possibilidade de mais independência e autonomia na vida pessoal.
--	--

No tocante ao primeiro objetivo específico, os dilemas e possibilidades para o professor estão diretamente relacionados a inexistência de formação na área de tecnologia. Fato que o impossibilita de ir além da transmissão de conteúdo. Vale ressaltar também, que há falta de formação em serviço e/ou continuada para um alinhamento entre a teoria e prática, o que consequentemente causou insegurança na regência do componente. Como possibilidade para o ensino da referida matéria, o docente informou que o ensino da inclusão digital deve exigir profissionais com formação específica na área de tecnologias digitais.

Profissionais formados na área de tecnologias possuem o conhecimento necessário para ensinar tanto os fundamentos quanto as habilidades mais avançadas relacionadas ao uso de dispositivos e ferramentas digitais. Isso inclui desde a operação básica de computadores e smartphones até a utilização de softwares específicos e navegação segura na internet.

Os alunos da EJA, por razões diferentes, incluindo experiências pessoais, expectativas e necessidades, afirmam que as dificuldades são relacionadas a conteúdos técnicos e desconexos com as suas vivências, visto que as perspectivas deles com o componente em questão giram em torno dos instrumentos que lhes deem autonomia, desenvolvimento pessoal e profissional, com um enfoque para a empregabilidade. No quesito possibilidades, os alunos citam opiniões divergentes, mas que se complementam. Os alunos têm esperança de que ao aprender os conteúdos da inclusão digital, haverá uma promoção na melhoria da vida profissional, autonomia e independência na resolução de problemas diários.

O segundo e terceiro objetivos específicos corresponderam à análise dos dilemas e possibilidades apresentados pelos alunos e professor da EJA para a elaboração e apresentação da proposta pedagógica da inclusão digital. Primeiramente, dividimos as análises para o professor em três categorias: a compreensão sobre a importância da Inclusão Digital na EJA, o suporte pedagógico para o ensino da inclusão digital e os dilemas e possibilidades para o ensino.

Ao analisarmos as considerações do professor acerca da importância da inclusão digital na EJA, observamos que quando o professor pensa a inserção deste componente nas aulas, ele o compreende mediante objetivos superficiais (transmissão de informações e serviços úteis ao dia-a-dia dos alunos que se encontram atrelados ao mundo digital), superficiais porque não reflete sobre a relevância nos conteúdos, não estabelece uma abordagem teórica alinhada com a prática e por fim, não considera o acesso e a equidade, afinal a inclusão digital também abrange a questão do acesso a tecnologias, visto que, alunos de diferentes origens socioeconômicas podem ter níveis variados de acesso a dispositivos e internet, e isso pode afetar sua experiência e aprendizado nas aulas.

Em continuidade a análise sobre a importância da inclusão digital para EJA, o docente afirma que os alunos na sua maioria, têm pouca ou nenhuma familiaridade com o digital. Diante disso, nota-se que há uma percepção equivocada, ingênua e generalista, que subestima as capacidades dos alunos criando um descompasso significativo no processo de ensino e conseqüentemente da aprendizagem. Nesta perspectiva, é basilar que os professores reconheçam e valorizem a familiaridade pré-existente dos alunos com tecnologias digitais. Isso pode ser alcançado através de escuta, avaliações iniciais, incorporação de tecnologia no ensino e uma adaptação curricular na proposta pedagógica de ensino.

No aspecto suporte pedagógico para o ensino da inclusão digital, o professor revelou “tatear no escuro uma forma de transmitir os conteúdos para os alunos”. Diante disso, é importante salientar que o suporte pedagógico, seja ele advindo da Secretaria Estadual de Educação ou da coordenação pedagógica, é indispensável e inegociável, entretanto, muitas vezes esse suporte que chega até o professor é inexistente, inadequado, ou em alguns casos, insuficiente.

Superar esse desafio requer um investimento contínuo através de políticas públicas na capacitação dos professores, no desenvolvimento de recursos adequados e na criação de comunidades de apoio e aprendizagem. Com essas medidas, é possível melhorar a qualidade do ensino de inclusão digital e proporcionar aos alunos as habilidades necessárias para se tornarem autônomos e protagonistas na construção do conhecimento.

A análise das respostas dos alunos sobre a inclusão digital, foram divididas também em três categorias: A compreensão sobre o componente e as dificuldades e possibilidades encontradas com o ensino da inclusão digital. De uma forma geral, os

alunos consideraram que a importância da inclusão digital reside na possibilidade deles, entre outros aspectos, facilitar a vida pessoal, aumentar as oportunidades de trabalho, promovendo uma independência na resolução de atividades diárias que exigem conhecimento com tecnologias digitais.

A cerca da categoria que versou sobre as dificuldades encontradas no componente inclusão digital, as informações coletadas mostraram que os alunos têm uma carência forte de ver uma conexão direta entre o conteúdo que aprendem e suas experiências de vida. É importante lembrar que muitos desses alunos já têm vivências práticas e responsabilidades que influenciam sua percepção sobre a utilidade do aprendizado de qualquer conteúdo, de qualquer área.

Entre as possibilidades apresentadas pelos alunos sobre as aulas de inclusão digital, as respostas eram complementares sobre aprendê-la. Para os alunos, um portal com várias oportunidades é aberto e impactam positivamente diferentes aspectos de suas vidas. Em suma, a inclusão digital é vista pelos alunos como um catalisador para um desenvolvimento mais amplo e inclusivo, permitindo que acessem recursos, oportunidades e redes que antes do componente ser implementado, estava fora de alcance.

Ao analisar estas vozes muitas vezes tão ocultadas, foi possível compreender uma realidade silenciada nas salas de aula da EJA, o que coloca em evidência um currículo obrigatório e incompreensivo que não reconhece a realidade destes jovens e adultos. É preciso ouvir e considerar as vivências e as considerações realizadas por estes educandos, entendê-los neste processo, reconhecendo-os como caminhantes os quais desconhecem seus direitos a uma inclusão digital e social. Uma luta silenciosa e individual, na maioria das vezes.

Reconhecer e atender a esses objetivos pode tornar o ensino de inclusão digital na EJA mais relevante, motivador e eficaz, promovendo um aprendizado significativo que realmente impacte a vida dos alunos dentro e fora dos muros da escola. Contudo, é preciso repensar como as propostas curriculares têm sido pensadas e implementadas nos espaços escolares e até onde estes caminhantes da EJA, marcados por itinerários de negações, têm sido vistos e ouvidos dentro destes espaços formativos.

A pesquisa constata ainda a necessidade do componente curricular em questão, ser inserido e trabalhado interdisciplinarmente na escola, que não seja um componente fechado, engessado com conteúdos técnicos e pontuais. A inclusão

digital nas turmas da EJA não pode ser compreendida apenas como processo de instrumentalização do aluno, necessita ser apreendida no contexto do direito legal, da resposta às necessidades básicas de aprendizagens, como fator de inclusão para a aprendizagem ao longo da vida.

Para estudos futuros, compreendemos a importância de serem investigadas práticas pedagógicas que surgirão através da aplicação da referida proposta elaborada com a participação coletiva (alunos e professores) nas aulas de inclusão digital e dentro da rotina do professor. É certo que as pesquisas decorrentes das propostas de intervenção dos pesquisadores são relevantes e significativas, mas também é fundamental que se investigue posteriormente o que foi consolidado através da construção do documento fruto dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Emancipação e educação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. Belo Horizonte: Recimam, 2008.
- ALMEIDA, Ana Maria Bezerra de. et al. **Dialogando com a escola: reflexões do estágio e ação docente nos cursos de formação de professores**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2020.
- ALMEIDA, Gracia; FREITAS, Maria do Carmo Duarte (org). **Docentes e discentes na sociedade da informática**. Rio de Janeiro, 2012.
- APPLE, Michael. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARDOINO, J. **Abordagem Multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas**. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. Trad. Rosângela B. de Camargo. São Carlos, SP: EdUFSCar, 1998.
- ARROYO, M. **Imagens Quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres**. Ed. Vozes, Petrópolis, 2004.
- _____, M. G. **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: Soares, L. J. G.; Giovanetti, M.; Gomes, N.L. Diálogos na Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 1 edição 2005a.
- _____, M. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. p. 221- 230. In: **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005b, 362p.
- _____, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
- BATISTA, E. C; Matos, L. A. L; Nascimento, A. B. **A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, TRI III 2017. ISSN 1980-7031. Disponível em: <https://rica.unibes.com.br/rica/article/view/768/0> . Acesso em: 10 jul. 2021.
- BASTOS, D. L. R. ; RAPKIEWICZ, C. ; BENVENUTI, J. **Integrando QR Code na educação na EJA: um projeto-piloto voltado para entendimento da língua portuguesa**. In: WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA ESCOLA, 22., 2016, Uberlândia. Anais... Uberlândia: [s.n.], 2016.
- BLANCO, P. **Guia da Educação Midiática**. FERRARI, A. C.; OCHS, M.; MACHADO, D. (org.). 1. ed. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020. p. 8. Disponível em: <https://educamidia.org.br/guia>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. Campinas: Autores Associados, 1999.

BENVENUTI, J.; RAPKIEWICZ, C. **Letramento digital na EJA: integrando Cultura Digital, Língua Portuguesa e Literatura**. In: WORKSHOP DE INFORMÁTICA NA ESCOLA, 23., 2017, Recife. Anais... Recife: [s.n.], 2017. p. 964.

BONILLA, Maria Helena Silveira; Pretto, Nelson de Luca. **Inclusão Digital: Polêmica Contemporânea**. Salvador. EDUFBA. 2011 v.2.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (ORG.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parecer CEB 11/2000. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Educação. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 21 dez. 1996. Disponível em: <Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf?sequence=3>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. Conselho Nacional de Educação Continuada. Parecer nº 11, de 10 maio de 2000. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2000a. Disponível em: <<portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcceb01100.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2014.

_____. Ministério da Educação **Proposta curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5ª a 8ª série: introdução**. Brasília: MEC, 2000b.

CABRAL FILHO, Adilson Vaz. **A Sociedade e tecnologia digital: entre incluir ou ser incluída**. Liinc em Revista, v.2, n.2, setembro 2006, p.110-119 <http://www.ibict.br/liin>: Disponível em: 55 . Acesso em: 14 out. 2017

CASTELLS, M. **A Galáxia Internet: Reflexões sobre Internet, Negócios e Sociedade**. 2003.

_____, Manuel. **Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional**. In: CASTELLS, Manuel (org.). **Novas perspectivas críticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____, Manuel. **A Sociedade em Rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COUPOFY (Estados Unidos). **Social Media in Real Time**. Disponível em: <<http://www.coupyfy.com/social-media-in-realtime/>>. Acesso em: 01 de jul 2024

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

COUTO, Edvaldo; FERRAZ, Maria do Carmo Gomes; PINTO, Jucinara de Castro Almeida. **Tecnologias digitais e a promoção da eficácia e da equidade no contexto escolar**. Textura, Canoas, v. 19, n. 40, p. 173-188, maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2MwcUFo>>. Acesso em: 21 out. 2019.

CRUZ, Regina Mara Ribeiro. **Limites e Possibilidades das Tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

CYSNEIROS, P. G. **Informática Educativa**, UNIANDÉS – LIDIE, vol. 12, N. 1, 1999.

CUNHA, R. S.; GURGEL, R. D. F. G. **Práticas de Inclusão Digital na Educação de Jovens e Adultos**: minicurso de Introdução à Informática, In: Congresso Brasileiro de Informática na Educação, 5., Workshop De Informática na Escola, 22., 2016, Uberlândia. Anais... Uberlândia: SBC, 2016.

COELHO, Livia Andrade. **As relações dos alunos da EJA com as tecnologias digitais: implicações e possibilidades na vida de cada um**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9254>. Acesso em: 28/11/2021.

CORTELLA, M. S. **Paulo Freire: um pensamento clássico e atual**. Revista e-curriculum. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Programa de Pós-graduação Educação: Currículo, 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/7590-18570-1-SM%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/7590-18570-1-SM%20(2).pdf)>. Acesso em: 11. maio. 2020.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios**. Revista portuguesa de educação. vol. 16 n. 002. Universidade do Minho: Braga, Portugal. 2003, p. 221-236.

FERREIRA. Maria da Conceição Alves. **As Tendências pedagógicas/comunicacionais da docência online no mundo contemporâneo**. Jan/Jul 2013. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/735>. Acesso em 20 de Outubro de 2023.

FERREIRA, Maria da Conceição Alves. **A pesquisa e o itinerário investigativo em espaços multirreferenciais**. Revista Observatório, Palmas, v. 5, n. 1, p. 74-93, jan-mar, 2019. FERREIRA, Maria da Conceição Alves. O itinerário investigativo: a Etnopesquisa Crítica/ Formação. Práxis educacional, Vitória da Conquista, v. 11, n. 20, p. 311-332, set/dez, 2015.

FRANCO, Mônica Gardelli. **A apropriação das tecnologias de informação e comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido**. As diretrizes da Unesco. 2009. Tese (Doutorado em Educação -Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva. **Alfabetização digital**: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs.). Letramento digital: aspectos sociais e práticas pedagógicas. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Artmed, 2009.

FLECHA, Ramon; ELBOJ, Carmen. **La educacion de personas Adultas em la sociedade de la informacion**. Revista de Educacion XXI, vol. 3, 2000. Disponível em: Acesso em: 08 out. 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011

_____, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1982
GIL, AC. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo:Atlas;1999.

_____, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf. Acesso em 10 jul. 2018

_____, M. **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. 10.ed.- São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2007.

GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2005.

GADOTTI, M. **Educação de Jovens e Adultos**: teoria, prática e proposta. 10.ed.- São Paulo, Cortez: Instituto Paulo Freire, 2007.

_____, Moacir. **A educação contra a Educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GODSON, Ivor. **Currículo**: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1999.

GIRAFÁ, Lucia Maria Martins; FERREIRA, Anderson Jackle et. all. **(Re) invenção Pedagógica?** Reflexões acerca do uso de tecnologias digitais da educação. Porto Alegre: Ed. PUCRS, 2012.

HERITAGE, J. Etnometodologia. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, p. 321-392, 1999.

HADDAD, S. Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998) In: LANZARIN, Jane. **A Terceira Idade na EJA: O idoso e a tecnologia no ambiente escolar**. Curitiba – PR, 2016. 88 fls. Dissertação de Mestrado – Mestrado Profissional em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional Uninter. UNINTER, 2016.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

LACERDA SANTOS, G. **A gestão de relações educativas apoiadas pelo computador por meio da pedagogia de projetos**. In: LACERDA SANTOS, G. **Tecnologias na Educação e formação de professores**. Brasília: Editora Plano, 2003.

LARA, Pedro José de. **Os desafios da Educação de Jovens e Adultos na sociedade da informação**. 2010. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2014.

LEMOS, A., Cibercidades, in Lemos, A., Palacios, M., **Janelas do Ciberespaço**. Comunicação e Cibercultura., Porto Alegre, Sulina, 2000.

LOCKE, John. **Segundo tratado sobre o governo civil**. Trad. de Magda Lopes e Marisa Lobo da Costa. Petrópolis. Vozes, 1994.

LOURENÇO, Érica; PELOZO, Rita de Cassia Borguetti; VIEIRA, Kátia Solange Borges; VIEIRA, Rosimeire Garcia. **Inclusão digital na educação de jovens e adultos**. Revista Científica Eletrônica De Pedagogia - Ano X – Número 19 – Janeiro de 2012 – Periódicos Semestral. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/qZzQpPOjZQxYsU3_2013-7-10-16-16-54.pdf. Acesso em: 09/08/2024.

_____, A. **Cibercultura. Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea.**, Sulina, Porto Alegre., 2002.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. 2ª ed. Salvador-BA: Edufba, 2004.

MACEDO, R. S. **Análise Contrastiva e Estudos Multicasos: da crítica à razão comparativa ao método contrastivo em ciências sociais e educação**. Salvador: EDUFBA, 2018.

_____, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Brasília: Líber Livro, 2012.

MEDEIROS, Carolina Beltrão de; STEINER NETO, Pedro José; ZOTTO, Ozir Francisco de Andrade. **Usando questionários virtuais em pesquisas quantitativas**. In: BALAS 2000 CONFERENCE, 1., 2000, Caracas. Anais BALAS CONFERENCE. Caracas: Balas Conference, 2000. p. 1-3.

MIRANDA, Gilberto José. Elaboração e aplicação de questionários. In: NOVA, Silvia Pereira de Castro Casa et al(org.). **Trabalho de Conclusão de Curso: uma abordagem leve, divertida e prática.** São Paulo: Saraiva Educação, 2020. p. 216-229.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs). **Currículo, cultura e sociedade.** São Paulo: Cortez, 1999. 7-38

MACEDO, Roberto Sidnei; GUERRA, Denise; MACEDO, Társio Roberto. **Redes e formação: argumentos e experiências multirreferenciais.** Revista Observatório, Palmas, v. 5, n. 1, p. 110-133, jan-mar. 2019.

MACHADO Elian de Castro; SOARES, Clovis e FILHO, Sá. **O computador como agente transformador da educação e o papel do objeto de aprendizagem.** Uni>vérsia |BRASIL: Notícias de atualidade. 2001. Disponível em:<
<http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2001/12/17/493049/omputador->

MORIN, Edgar: **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação.** Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORAN, J. M. ET al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Vol. 6, Campinas: Papirus, 2009.

MORAN, J. M; MASETTO, M. T. BEHRENS, Marilda A. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** Vol. 5, São Paulo: Papiros, 2002.

NASCIMENTO, Sandra Mara do. Educação de Jovens e Adultos, EJA na visão de Paulo Freire. Paranavaí – PR, 2013. 43 fls. Monografia de Especialização - Especialização em Educação: **Métodos e Técnicas de Ensino** – Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. UTFPR, 2013.

NASCIMENTO, Claudio O. C.; JESUS, Rita de C. D. P. de **Expressões Culturais e experiências curriculares:** as rodas de saberes e formação como referência.

NUNCIATO, R.C. **Inclusão Digital:** Uma Experiência com Alunos da EJA. Campinas. Universidade Estadual de Campinas. 2009.

NUNES, R. B.. **História da educação brasileira: o negro no processo de constituição e expansão escolar.** In: XXII EPENN, 2014, Natal - Rio Grande do Norte. XXII Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 2014. v. 22. Disponível em:
<https://www.fe.ufg.br/nedesc/cmvm/controle/DocumentoControle.php?oper=download&cod=1001>. Acesso em: 08/10/2024.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Organização curricular e práticas pedagógicas na EJA: algumas reflexões.** In: PAIVA, Jane; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. (Orgs.)

Educação de jovens e Adultos, Petrópolis: DP et Alii, 2009.

PRETTO, Nelson De Luca. **Uma escola sem/com futuro**: educação e multimídia. São Paulo, SP: Papirus, 1996.

PRENSKY, M.: Digital Natives Digital Immigrants. In: PRENSKY, Marc. **On the Horizon**. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001a). Disponível em. Acesso em 15 de novembro de 2023

PLANTULLO, Vicente Lentini; **“Estelionato Eletrônico”**. Segurança na Internet. Curitiba Ed. Juruá 2015.

RIBEIRO, M. R. F. A sala de aula no contexto da cibercultura: formação docente e discente em atos de currículo. - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Flávia Andréa dos. **O professor e as tecnologias digitais na educação de jovens e adultos**: Perspectivas, possibilidades e desafios. 2016. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2016.

SANTOS, M. L. **Do giz à Era Digital**. São Paulo: Zouk, 2003.

SACRISTÁN, J.G. **O currículo**: uma reflexão sobre a prática. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SACRAMENTO, Maria da Conceição Alves Ferreira do. **A teoria dos fractais e etnopesquisa/formação de professores**: Uma articulação possível? Revista da FAEEBA, Salvador, Ano 09, n. 14, p. 99-104, jul/dez, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SOUSA, D. R.; SILVA, R. N.; FANTACINI, R. A. F. **Ensino colaborativo**: benefícios e desafios. Educação, v. 6, p. 91-105, 2016.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura**. Teresina: EDUFPI, 2019. E-book. Disponível em: http://www.edmeasantos.pro.br/assets/livros/Livro%20PESQUISAFORMA%C3%87%C3%83O%20NA%20CIBERCULTURA_E-BOOK.pdf. Acesso em: 10 novembro. 2023.

SANTOS, Flávia Andréa dos. **O professor e as tecnologias digitais na educação de jovens e adultos**: Perspectivas, possibilidades e desafios. 2016. 191f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal De Pernambuco, Recife, 2016.

SILVA, Tomaz T. **O que produz e o que reproduz em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

SILVA, Adriana Carvalho da; BURGOS, Mirian Patrícia. **Inclusão digital na EJA - trilhando os caminhos da autonomia**. In: I Congresso Internacional da cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos, 2010, João Pessoa. I Congresso

Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos. Anais... João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2010. v. I

SILVA, M. R.. **Blog como dispositivo pedagógico promovendo inclusão digital na EJA da escola pública em Pernambuco**. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

TAJRA, S. F. **Informática na Educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade**. 8ª ed. São Paulo: Érica, 2008.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

XAVIER, A. **Letramento digital e ensino**. Disponível em: <https://www.ufpe.br/nehte/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>. Acesso em: set. 2023.

VIEIRA, Sonia et al. **Como elaborar questionários**. São Paulo: Atlas, 2009. 175 p.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre : ArtMed, 1998.

ANEXO 01 – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N.º 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: Olhana Raphaela de Y. Silva
Documento de Identidade n.º: _____ Sexo: F ~~M~~ ()
Data de Nascimento: 05/08/2004
Endereço: _____ Complemento: _____
Bairro: Olhos d'água Cidade: F. de Santana CEP: _____
Telefone: () _____

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:

Os Dilemas e as Possibilidades para a Inclusão Digital na EJA:
A Elaboração de uma Proposta Curricular

2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Maria da Conceição Alves F. do Sacramento.

Cargo/Função: Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos

III – EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) Olhana Raphaela de Y. Silva está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: Os Dilemas e as Possibilidades para a Inclusão Digital na EJA: A Elaboração de uma Proposta Curricular de responsabilidade da pesquisadora Karla Suane da Silva Santos, mestranda da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo Compreender os dilemas e as possibilidades acerca da implantação da inclusão digital como disciplina regular na EJA e a partir desses conhecimentos construir uma proposta curricular para a referida disciplina.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios que será a **construção de uma proposta curricular para a disciplina Inclusão Digital nas turmas de EJA**. Caso aceite o Senhor(a) responderá um questionário, será entrevistado e esta entrevista será gravada em áudio pela aluna Karla Suane da Silva Santos, do curso de pós graduação em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA. Devido a coleta de informações o senhor poderá se sentir constrangido e não será obrigado a responder se não quiser. Sua participação é voluntária e não

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/piataformabrasil>

haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Professora Orientadora Dra. Maria da Conceição Alves Ferreira do Sacramento
Endereço: Imbuí **Telefone:** (71) 99639-5268 **E-mail:** msacramento@uneb.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 01, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3612-1330, (71) 3312-1300, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **Os Dilemas e as Possibilidades para a Inclusão Digital na EJA: A Elaboração de uma proposta Curricular** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

Salvador, 08 de maio de 2024

Heliana Raposo de F. Silva
 Assinatura do participante da pesquisa

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link: <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

Karla Suone da Silva Santos
Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Marina de Fátima Alves Tavares
Assinatura do professor responsável
(orientador)

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : [http](http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil)



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N.º
466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: Nicolos de Oliveira Almeida
Documento de Identidade n.º. Sexo: F () M (x)
Data de Nascimento: 10/09/2005
Endereço: Rua Souza Rodrigues Complemento: Prox. ao Atacadão
Bairro: Lagoa Subaé Cidade: F. de Santana CEP: _____
Telefone: () _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:

Os Dilemas e as Possibilidades para a Inclusão Digital na EJA:
A Elaboração de uma Proposta Curricular

2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Maria da Conceição Alves F do Sacramento.

Cargo/Função: Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) Nicolos de Oliveira Almeida está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **Os Dilemas e as Possibilidades para a Inclusão Digital na EJA: A Elaboração de uma Proposta Curricular** de responsabilidade da pesquisadora Karla Suane da Silva Santos, mestranda da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo Compreender os dilemas e as possibilidades acerca da implantação da inclusão digital como disciplina regular na EJA e a partir desses conhecimentos construir uma proposta curricular para a referida disciplina.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios que será **a construção de uma proposta curricular para a disciplina Inclusão Digital nas turmas de EJA**. Caso aceite o Senhor(a) responderá um questionário, será entrevistado e esta entrevista será gravada em áudio pela aluna Karla Suane da Silva Santos, do curso de pós graduação em Educação de Jovens e Adultos – MPEJA. Devido a coleta de informações o senhor poderá se sentir constrangido e não será obrigado a responder se não quiser. Sua participação é voluntária e não

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia . aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Instituição.. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Professora Orientadora Dra. Maria da Conceição Alves Ferreira do Sacramento

Endereço: Imbui **Telefone:** (71) 99639-5268 , **E-mail:** msacramento@uneb.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 01, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3612-1330, (71) 3312-1300, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **Os Dilemas e as Possibilidades para a Inclusão Digital na EJA: A Elaboração de uma proposta Curricular** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

Salvador, 24 de abril de 2024

Nicolon de Oliveira Almeida
Assinatura do participante da pesquisa

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

Karla Suone da Silva Santos
Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Marina de Fátima Alves Tavares
Assinatura do professor responsável
(orientador)

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : [http](http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil)

haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Instituição.. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Professora Orientadora Dra. Maria da Conceição Alves Ferreira do Sacramento
Endereço: Imbuí **Telefone:** (71) 99639-5268, **E-mail:** msacramento@uneb.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 01, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3612-1330, (71) 3312-1300, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **Os Dilemas e as Possibilidades para a Inclusão Digital na EJa: A Elaboração de uma proposta Curricular** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

Salvador, 07 de maio de 2024


Assinatura do participante da pesquisa

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a Instituição.. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Professora Orientadora Dra. Maria da Conceição Alves Ferreira do Sacramento
Endereço: Imbuí **Telefone:** (71) 99639-5268 , **E-mail:** msacramento@uneb.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 01, Água de Meninos, Salvador- BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3612-1330, (71) 3312-1300, e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **Os Dilemas e as Possibilidades para a inclusão Digital na EJa: A Elaboração de uma proposta Curricular** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a mim.

Salvador, 07 de maio de 2024


Assinatura do participante da pesquisa

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

Karla Suone de Silva Santos
Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Maria da Penelope Duarte Torres
Assinatura do professor responsável
(orientador)

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil>

APÊNDICES



APÊNDICE 01 - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

- **Interações Sociais**

- Interação dos alunos (colaborativas, conflitivas, hierárquicas, etc.).

- **Tipos de atividades**

- Atividades realizadas;
- Descrever as ações dos participantes, a ordem das atividades, prática pedagógica do professor.

- **Reações e Emoções**

- Emoções expressas pelos participantes (sinais de alegria, tristeza, frustração, entusiasmo, etc.);
- Clima emocional geral do ambiente (Positivo, negativo, tenso, relaxado).

- **Comunicação**

- Os temas ou tópicos dos conteúdos abordados;
- O ritmo das atividades;
- Falas dos alunos sobre o componente curricular.

- **Notas Reflexivas**

- Interpretações sobre o que está sendo observado;
- Questões ou hipóteses novas que podem surgir durante a observação;
- Desafios ou limitações enfrentados pelos alunos.

APÊNDICE 02 – QUESTIONÁRIO - PROFESSOR



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, MESTRADO PROFISSIONAL - MPEJA

QUESTIONÁRIO - PROFESSOR

O presente questionário insere-se num estudo que incide sobre a problemática: **OS DILEMAS E AS POSSIBILIDADES PARA A INCLUSÃO DIGITAL NA EJA: A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA**. Tem como objetivo construir uma proposta pedagógica para a disciplina Inclusão Digital na EJA. Ciente do fato do componente Inclusão Digital não se resumir meramente a utilização dos dispositivos e aplicativos, alertando também que é importante desenvolver habilidades como o pensamento crítico, a capacidade de resolver problemas, a criatividade e a comunicação digital. Dessa forma, pensar uma proposta pedagógica sobre inclusão digital para a EJA é relevante para o campo educacional e fundamental para garantir que todos os estudantes tenham acesso às tecnologias digitais e ao conhecimento necessário para utilizá-las, capacitando-os para o mundo contemporâneo e promovendo sua inclusão social e profissional. Espera-se que este estudo forneça elementos teóricos e metodológicos que contribuam para a construção do documento (proposta pedagógica) e que colabore para que os sujeitos se sintam parte da sociedade, ampliando seus horizontes e inserindo-os em uma vida social mais ampla. A tua cooperação é preciosa para a concretização deste trabalho, por isso, solicito-te que disponibilizes um pouco do teu tempo para responderes a este questionário, expressando as tuas opiniões sobre cada enunciado. Não existem respostas certas e erradas, mas apenas um conjunto de questões sobre as quais pretendo conhecer o que pensas. Solicito que respondas com precisão às questões apresentadas. Este questionário só poderá contribuir para a investigação referida, desde que esteja completamente preenchido. O questionário é anónimo e será utilizado, apenas, para fins científicos. Grata pela sua colaboração.

QUANTO TEMPO DE EXPERIÊNCIA NO MAGISTÉRIO: 02 anos e 05 meses

QUAL FORMAÇÃO/GRADUAÇÃO: Ciências Biológicas

POSSUI FORMAÇÃO EM INCLUSÃO DIGITAL/CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO OU ÁREA AFIM: NÃO

1. QUAL A SUA COMPREENSÃO SOBRE O COMPONENTE CURRICULAR INCLUSÃO DIGITAL? VOCÊ ACHA O ENSINO DO COMPONENTE IMPORTANTE PARA A EJA?

É um componente fundamental para o acesso dos estudantes, principalmente aqueles de baixa renda ao mundo digital através da transmissão de informações úteis ao dia a dia em que informações e serviços se encontram atrelados ao mundo digital. Sobre a importância dele eu penso que é extremamente importante, haja vista que o público da EJA costuma ser composto por estudantes com idade superior ao do ensino regular e por vezes sem nenhum conhecimento digital. Portanto, o ensino da Inclusão digital aproxima esse público de informações referentes ao tema familiarizando-os e facilitando o contato deles com o mundo.

2. QUAIS DIFICULDADES VOCÊ, ENQUANTO PROFESSOR, CONSEGUE IDENTIFICAR A RESPEITO DO COMPONENTE INCLUSÃO DIGITAL NA EJA?

As dificuldades que encontro são frequentes, a principal delas é que não possuo formação na área de tecnologia, isso se torna um dilema e um desafio a transmissão do conhecimento para os estudantes.

3. QUAIS POSSIBILIDADES VOCÊ, ENQUANTO PROFESSOR DO COMPONENTE CONSEGUE VISLUMBRAR A RESPEITO DO ENSINO DA INCLUSÃO DIGITAL NA EJA?

Como possibilidade eu arrisco dizer que para o ensino desse componente deveria haver profissionais com formação específica para lecionar o referido componente curricular porque assim ele saberia por onde seguir, quais conteúdos e como ensinar relacionando com a vida dos alunos, o que consigo fazer na sala de aula ainda me dá muita insegurança, não sei se estou acertando, se estou chegando até eles. Falta

tanta coisa, mas o principal é uma formação que poderia ser em serviço ou continuada que mostrasse como relacionar a teoria e a prática.

4. QUAIS SUGESTÕES VOCÊ DARIA PARA O ENSINO DO COMPONENTE CURRICULAR INCLUSÃO DIGITAL NA EJA?

Aumento da carga horária destinada a disciplina, elaboração de um documento norteador para o ensino do componente, além da introdução de profissionais com formação específica para lecionar Inclusão Digital é fundamental. Quem pouco conhece ou entende sobre tecnologias digitais se sente perdido sobre o que fazer, o que ensinar.



APÊNDICE 03 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA (ALUNOS EJA/ETAPA VI)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA (ALUNOS EJA/ETAPA VI)

Nome: NICOLAS DE OLIVEIRA ALMEIDA

Data: 24 de abril de 2024

Sexo: (X) M () F **Idade:** 26

Município onde nasceu: Feira de Santana

Trabalha com: Desempregado

Estado Civil: Solteiro **Em qual bairro você mora:** Lagoa Subaé

Fale um pouco da sua trajetória enquanto aluno da EJA: Sou Nicolas de Oliveira Almeida, estudo aqui desde o fundamental desde o 9º ano. Dei uma parada nos estudos por causa do trabalho e retornei ano passado pra vê se consigo terminar. No momento estou desempregado, fazendo uns bicos pra garantir um trocado. Moro na Lagoa Subaé, um pouco longe da escola e as vezes eu não venho porque fico com preguiça e meu bairro é um pouco violento. Tô também na esperança de conseguir um trampo que me dê uma condição financeira melhor.

O que você entende por Inclusão Digital?

A inclusão digital pra mim é tudo hoje porque me ajuda em vários sentidos, como comprar uma passagem, reservar um hotel, atualizar-se com notícias da cidade, com o tempo, hoje se eu não quiser não preciso sair de casa nem ligar a tv para saber o que está acontecendo ao nosso redor porque está tudo na palma da mão, basta um click.

Você sente dificuldade para entender o Componente Inclusão Digital?

Sinto sim professora.

Se sim, quais dificuldade você encontra para compreender os conteúdos no componente curricular Inclusão Digital?

Professora eu sinto dificuldade em tudo que nem sei contar aqui direito pra falar a verdade

Você acha o componente curricular Inclusão Digital útil para sua vida de estudante?

Sim e muito e é por isso que quero aprender tudo que eu puder.

Quais possibilidades você enxerga para a sua vida ao assistir as aulas de Inclusão Digital?

Se eu pudesse escolher o que aprender, eu queria saber utilizar diferentes softwares e aplicativos, saber onde digitar um texto, saber fazer planilhas, aqueles programas de apresentação que os outros professores usam para explicar os assuntos, queria saber fazer para apresentar trabalhos. Sei lá, tantas coisas que eu queria, principalmente coisas que me ajudasse nas coisas do colégio e nas coisas do meu dia-a-dia. Eu queria tanto me sentir por dentro das coisas da atualidade professora. Eu acho que não saber mexer nessas coisas do digital é como se eu tivesse por fora das coisas de hoje sabe? Quando penso que tenho uma certa dificuldade fico agoniado.



APÊNDICE 04 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA (ALUNOS EJA/ETAPA VI)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA (ALUNOS EJA/ETAPA VI)

Nome: Ohana Rafaela de J Silva

DATA: 08/05/2024

Sexo: () M (x) F **Idade:** 30

Município onde nasceu: Feira de Santana

Trabalha com: Desempregada

Estado Civil: Solteira **Em qual bairro você mora:** Olhos d'água

Fale um pouco da sua trajetória enquanto aluno da EJA: Sou Ohana Rafaela, aluna da EJA, voltei a estudar esse ano, parei ano passado porque faltei muito e achei que já não dava mais para recuperar. Esse ano eu voltei e pretendo concluir. Escolhi estudar aqui porque acho um colégio bom e fica perto da minha casa. Atualmente estou desempregada, nunca trabalhei de carteira assinada mas pretendo arranjar um emprego após terminar meus estudos. Moro com minha mãe e tenho muita vontade de ajudar ela nas coisas do digital.

O que você entende por Inclusão Digital?

Inclusão digital pra mim é tudo que eu posso fazer usando tecnologia digital, envolve tecnologia que no mundo hoje é tudo. Então eu acho isso, a Inclusão digital é tecnologia e eu preciso fazer parte disso, eu e todos que estão aqui, precisamos entender sobre e fazer parte disso, lá fora a gente não vai conseguir muita coisa caso não entenda e não saiba lidar com ela.

Você sente dificuldade para entender o Componente Inclusão Digital?

Sinto sim, na disciplina inteira. Tenho dificuldades em tudo posso dizer.

Se sim, quais dificuldade você encontra para compreender os conteúdos no componente curricular Inclusão Digital?

A dificuldade para mim é entender como posso a partir das aulas de Inclusão Digital, dá uma turbinada no meu currículo para conseguir um emprego melhor, hoje sou ajudante de pedreiro mas queria trabalhar no comércio e depois colocar um negócio pra mim, até o momento eu não consegui ainda fazer a ligação do que aprendi com o que eu imaginei quando vi que teria essa disciplina, pensei que seria só aula prática pra eu aprender umas coisas e colocar no currículo que eu já estou fazendo para entregar em alguns lugares lá no bairro onde moro, estão pegando jovens aprendizes, quero melhorar de vida professora.

Você acha o componente curricular Inclusão Digital útil para sua vida de estudante?

Não só acho como tenho vontade de aprender tudo que ela ensina.

Quais possibilidades você enxerga para a sua vida ao assistir as aulas de Inclusão Digital?

Eu só penso na facilidade que aprender as coisas dessa disciplina pode trazer pra mim, tenho uma mãe idosa e uma avó que mora comigo, hoje quase tudo que preciso fazer pra ajudar elas nos serviços públicos é online. Essa matéria poderia ensinar a gente a aprender a utilizar serviços públicos na internet, hoje minha maior dificuldade viu? Agendar consultas, fazer documentos, pedir uber é tudo online, tenho o aplicativo, mas não consigo agendar nada, me bato muito com essas coisas na internet sabia? Porque não sei. Se aprendesse essas coisas seria uma maravilha pra vida da gente né?



APÊNDICE 05 – ROTEIRO PARA ENTREVISTA (ALUNOS EJA/ETAPA VI)

ROTEIRO PARA ENTREVISTA (ALUNOS EJA/ETAPA VI)

Nome: ALISSON SOUSA

Data: 07 de maio de 2024

Sexo: (x) M () F **Idade:** 22

Município onde nasceu: Feira de Santana

Trabalha com: Mecânica de automóveis

Estado Civil: Solteiro **Em que bairro você mora?** Tomba

Fale um pouco da sua trajetória enquanto aluno (a) da EJA: Sou Alisson, estudo aqui no colégio já tem uns 02 anos, parei de estudar na época da pandemia e retornei somente no meio de 2022. Moro no Tomba, escolhi vim pra cá porque aqui fica no centro da cidade, perto do meu trabalho, então eu já saio de lá e venho direto pra cá. Estou aqui pra concluir meus estudos e ter uma oportunidade melhor. Pretendo melhorar enquanto profissional, quem sabe até mudar de emprego, dá uma vida melhor pra minha mãe e meu irmão.

O que você entende por Inclusão Digital?

A Disciplina Inclusão digital pra mim é importante porque fala sobre o mundo digital, hoje o mundo digital faz parte de nós e precisamos saber sobre ele, essa disciplina veio para nos ensinar quais melhores aplicativos existem na internet, se virar sem precisar estar pedindo ajuda pra ninguém.

Você sente dificuldade para entender o Componente Inclusão Digital?

Sinto em algumas situações

Se sim, quais dificuldade você encontra para compreender os conteúdos no componente curricular Inclusão Digital?

Pra mim a parte maior da dificuldade dessa matéria é entender nomes difíceis que eu não sei onde eu vou precisar usar, também se um dia eu precisar e a disciplina for isso eu vou dizer que já nem quero aprender isso, eu quero entender coisas que eu sei que vai me servir pra eu melhorar enquanto pessoa depois que eu sair daqui. Acho difícil compreender coisas que eu penso que um curso técnico é que deveria ensinar e que eu vou escutar aqui e já vou esquecer quando a aula acabar.

Você acha o componente curricular Inclusão Digital útil para sua vida de estudante?

Sim. Eu acho que vai me ajudar demais.

Quais possibilidades você enxerga para a sua vida ao assistir as aulas de Inclusão Digital?

Eu enxergo tantas possibilidades professora, posso até estar errado, mas através dessa disciplina eu tenho certeza de conseguir dar um boom na minha vida, eu não tenho condições de pagar um curso técnico, esses de secretária, auxiliar administrativo, deposito minhas fichas nessa disciplina que me dá uma ponta de esperança de aprender a pesquisar informações, mandar e abrir e-mail, usar alguns aplicativos que eu sei que todos devem saber usar, tipo esse de banco, do governo, sabe? Hoje eu só sei mexer no zap e ainda tenho dificuldades com algumas coisas, tipo criar grupo mesmo eu não sei.

APÊNDICE 06 – FOTOS DA ESCOLA

Foto 01 - Portão de entrada



Foto 02 – Laboratório de informática



APÊNDICE 07 – PROPOSTA PEDAGÓGICA

**PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DO COMPONENTE CURRICULAR
INCLUSÃO DIGITAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

APRESENTAÇÃO

"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da beleza e da alegria."

Paulo Freire

A Proposta Pedagógica para o componente curricular Inclusão Digital na EJA foi elaborada de forma coletiva a partir de discussões entre alunos e professor, reflexões, tomada de decisões grupais e união de forças pela construção de um documento referencial norteador da ação educativa, voltado para o ensino da Inclusão Digital nas turmas de EJA. Nele estão contidos objetivos gerais, específicos, metodologia didática, sugestões de conteúdos, recursos e avaliação do aprendizado. Esta proposta está sujeita a constante revisão e atualização por parte da comunidade escolar, uma vez que é um produto educacional do mestrado profissional da Educação de Jovens e Adultos.

Como um documento norteador da práxis pedagógica, que se desenvolveu intencionalmente nas relações e mediações que aconteceram no interior da sala de aula durante o processo de investigação, ele explicita a forma como o ensino dos conteúdos relacionados a Inclusão Digital ocorrerá e o que se pretende alcançar. Além disso, explicita o compromisso político intencional dos sujeitos da EJA (alunos e professor) com a construção da escola pública, enquanto espaço de transmissão e apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos, historicamente produzidos e sistematizados pela humanidade.

Dessa forma, o objetivo dessa Proposta Pedagógica é oferecer aos alunos da EJA conteúdos significativos e minimamente adequados e possíveis para compreensão em Inclusão Digital. A referida proposta traz abordagens de temas expressivos para a vida dos educandos, buscando sempre fomentar o desenvolvimento do pensamento crítico e ético em relação ao uso das tecnologias digitais.

JUSTIFICATIVA

A integração das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na sociedade provocaram mudanças consideráveis nos mais diversos setores. Neste cenário, é preciso que as pessoas acompanhem o desenvolvimento e estejam aptos a utilizarem as tecnologias digitais de forma substancial. Entretanto, mesmo com a expansão dos últimos anos, alguns grupos não possuem acesso ou não sabem utilizar as TIC, tornando-se excluídos digitais. Dessa forma, torna-se indispensável que práticas de inclusão digital sejam desenvolvidas objetivando a integração destes neste novo modelo de sociedade. Portanto, a elaboração de uma proposta pedagógica para a Inclusão Digital é extremamente importante por várias razões, dentre elas se destacam:

- Promoção da Igualdade de Acesso;
- Desenvolvimento de Habilidades Digitais Essenciais;
- Aumento da Relevância e motivação nos estudos;
- Autonomia para uma aprendizagem independente;
- Preparação para o Mercado de Trabalho;
- Apoio para a Inclusão Social;
- Adaptação às novas realidades educacionais;
- Apoio a Formação Contínua (alunos e professores);
- Fortalecimento da Capacidade de Resolver Problemas.

A elaboração de uma proposta pedagógica para a inclusão digital não apenas integra a tecnologia no processo educacional, mas também promove uma educação mais inclusiva, relevante e eficaz para os alunos da EJA nesta sociedade informacional.

OBJETIVO GERAL:

Promover aos alunos da Educação de Jovens e Adultos as habilidades básicas para as tecnologias digitais de forma a inseri-los no mundo tecnológico, possibilitando a sua inclusão social e mercadológica, sem perder de vista o desenvolvimento do pensamento crítico e ético.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Aprender os fundamentos teóricos e práticos sobre o uso dos computadores, notebooks, smartphones, etc com acesso a internet.
- Adquirir habilidades essenciais como uso de sistemas operacionais, navegação na internet,
- Construir competências essenciais para resolução de problemas do cotidiano
- Compreender quais são os riscos e precauções necessários para navegar na internet
- Utilizar a comunicação digital de forma segura e responsável

METODOLOGIA DIDÁTICA

A presente Proposta apresenta como metodologia didática estratégias que incentivem os estudantes a pensar, a produzir conhecimento e a elaborar hipóteses sobre a realidade. Estimula nos alunos atividades como pesquisas de campo, levantamentos bibliográficos e documentais, construção do próprio material didático, sessões dialogadas de estudo e problematização.

RECURSOS DIDÁTICOS

Os recursos didáticos se mostram como instrumentos facilitadoras do processo de aprendizagem e agem motivando, despertando a curiosidade e estimulando o aluno no desenvolvimento das atividades. Para o ensino do componente curricular Inclusão Digital, os recursos didáticos podem ser utilizados como atividade de fixação do conteúdo e como suporte para a realização de atividades propostas.

A proposta traz como possibilidades o uso de computadores e/ou tablets com acesso à internet, software educativo, materiais impressos, vídeos, entre outros recursos que possam contribuir para a aprendizagem dos alunos.

AVALIAÇÃO

Avaliar os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na disciplina de inclusão digital requer uma abordagem diferenciada, que considere as particularidades e necessidades desse público. Nesse quesito sugere-se a aplicação de atividades práticas, criação de documentos, resolução de problemas utilizando a tecnologia, participação dialogada em debates sobre ética digital, oficinas, portfólio digital e projetos práticos como a criação de um blog, apresentação de slides, ou uso de ferramentas de redes sociais para um objetivo específico, entre outros que devem ser combinadas para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e motivador.

A presente proposta também traz a sua versão digital. Através do Qr code abaixo, o professor, coordenador pedagógico e gestão escolar pode baixar o arquivo para ter acesso ao documento facilitando ainda mais a prática pedagógica no ensino do componente curricular Inclusão Digital.

SUGESTÕES DE CONTEÚDOS PARA 1º TRIMESTRE

EIXOS	CONTEÚDOS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	METODOLOGIA DIDÁTICA
Habilidades Básicas Computador	Uso de Dispositivos: <ul style="list-style-type: none"> • Operação básica no uso computadores, tablets e notebooks • Utilização de teclados, mouses e telas sensíveis ao toque. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver habilidades de operações básicas em computadores, tablets, notebooks • Explorar diversas ferramentas computacionais 	<p>Atividades com aulas práticas no laboratório de informática.</p> <p>Resolução de situações hipotéticas do cotidiano (demandas de um escritório, comercio, etc.)</p>
	Sistemas Operacionais: <ul style="list-style-type: none"> • Navegação em sistemas operacionais comuns (Windows, Linux). • Gerenciamento de arquivos e pastas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Entender qual navegador pode ser conveniente ao uso; • Aprender a organizar e armazenar documentos em pastas 	<p>*Resolução de situações do cotidiano</p> <p>*Criação de slides sobre a disciplina Inclusão Digital ou um tema específico da vivência dos alunos da EJA</p> <p>*Realização de pesquisa com os alunos utilizando os aplicativos e programas adequados</p>
	Aplicativos e Programas: <ul style="list-style-type: none"> • Introdução a processadores de texto (ex.: Microsoft Word, Google Docs). • Uso de planilhas eletrônicas (ex.: Microsoft Excel, Google Sheets). <ul style="list-style-type: none"> • Criação e edição de apresentações (ex.: Microsoft PowerPoint, Google Slides). 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a utilizar os aplicativos e programas adequados para digitar texto, fazer planilhas e criar slides de apresentação. 	<p>*Realização de pesquisa na net para atividades de classe;</p> <p>*Quiz com os alunos para encontrar os sinônimos de palavras;</p> <p>*Palestras sobre segurança na web</p>
2. Navegação e Pesquisa Online	Uso da Internet: <ul style="list-style-type: none"> • Navegação segura na web e uso de navegadores. • Pesquisa eficaz utilizando motores de busca (ex.: Google). Avaliação de Fontes: <ul style="list-style-type: none"> • Fontes confiáveis e verificação de informações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver habilidades de busca, seleção, registro e organização de informações; • Aprender a navegar de forma segura na web através de navegadores confiáveis. 	

	<ul style="list-style-type: none"> • Fake news e desinformação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar fontes seguras de navegação • Compreender o conceito de fake News e desinformação 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade prática sobre como identificar fake news
--	--	--	--

SUGESTÕES DE CONTEÚDOS PARA O 2º TRIMESTRE

EIXOS	CONTEÚDO	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM	METODOLOGIA DIDÁTICA
Comunicação Digital	<p>Correio Eletrônico:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criação e gerenciamento de contas de e-mail. • Redação, envio e organização de mensagens. <p>Redes Sociais e Ferramentas de Comunicação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Uso básico de redes sociais (ex.: Facebook, Twitter). • Comunicação via mensagens instantâneas e videoconferências (ex.: WhatsApp, Zoom). 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a criar conta de email • Gerenciar as contas de e-mail • Organizar e enviar mensagens através das redes digitais • Aprender a comunicar-se através das redes sociais 	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade prática no laboratório de informática • Solicitar que todos os alunos digitem respondam uma atividade e envie por e-mail para o professor • Resolução de uma situação problema utilizando o Instagram ou face book • Realizar com toda a turma vídeoconferência usando o WhatsApp, Zoom, etc.
Segurança e Privacidade Online	<p>Segurança Digital:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Proteção contra vírus, malware e phishing. • Configuração de senhas seguras e autenticação de dois fatores. 	<ul style="list-style-type: none"> • Entender o que é segurança digital • Compreender e identificar o que é vírus e como proteger-se contra vírus • Aprender a configurar 	<ul style="list-style-type: none"> • Exibição de vídeos sobre segurança digital; • Instalar coletivamente com professor e colegas de sala um antivírus. • Exibição prática com a participação de

	<p>□ Privacidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Gerenciamento de configurações de privacidade em redes sociais e aplicativos. • Direitos e responsabilidades em ambientes digitais 	<p>senhas seguras</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entender como gerenciar configuração de privacidade segura nas redes sociais 	<p>todos, sobre a configuração de privacidade nas redes sociais (instagram, facebook, etc)</p>
<p>Ferramentas e Recursos Educacionais Digitais</p>	<p>Plataformas de E-Learning:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Navegação e uso de plataformas de aprendizagem online (ex.: Moodle, Google Classroom). <p>Recursos Educativos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Vídeos educativos, tutoriais e audiobooks. • Acesso a bibliotecas digitais e bases de dados acadêmicas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aprender a navegar em plataformas digitais • Produzir vídeos educativos • Aprender a acessar bibliotecas digitais, realizar cadastro de dados 	<ul style="list-style-type: none"> • Criar situações problemas e/ou atividades em plataformas digitais (google classroom) para os alunos responderem • Realizar atividades de pesquisa direcionada em bibliotecas digitais

SUGESTÕES DE CONTEÚDOS PARA O 3º TRIMESTRE

<p>Inclusão e Acessibilidade</p>	<p>Tecnologias Assistivas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Ferramentas de acessibilidade para pessoas com deficiência (ex.: leitores de tela, softwares de ampliação). <p>Educação Inclusiva:</p> <ul style="list-style-type: none"> Conteúdos e ferramentas digitais para atender a diferentes necessidades dos alunos. 	<ul style="list-style-type: none"> Conhecer os tipos de tecnologias assistivas para pessoas com deficiência 	<ul style="list-style-type: none"> Produzir trabalho direcionado com o uso de tecnologias assistivas para pessoas com deficiência Apresentar seminário com as tecnologias assistivas para pessoas com deficiência.
<p>Desenvolvimento de Competências Críticas</p>	<p>Resolução de Problemas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Abordagem de problemas digitais comuns e estratégias para resolução. <p>Pensamento Crítico:</p> <ul style="list-style-type: none"> Avaliação crítica da informação digital e capacidade de formular opiniões informadas 	<ul style="list-style-type: none"> Resolver problemas digitais do cotidiano Desenvolver o pensamento crítico através de informações digitais 	<ul style="list-style-type: none"> Resolução de situações problemas digitais do cotidiano Simulação de um júri para resolução de problemas digitais
<p>Contexto e Aplicações Práticas</p>	<p>Aplicações no Mundo Real:</p> <ul style="list-style-type: none"> Habilidades digitais usadas no mercado de trabalho e na vida cotidiana. <p>Projetos e Atividades Práticas:</p>	<ul style="list-style-type: none"> Aplicar adequadamente as habilidades digitais no cotidiano. Participar de projetos e atividades práticas envolvendo as habilidades 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver projetos e atividades práticas utilizando as aprendizagens adquiridas (Feiras de tecnologia, eventos de sensibilização sobre a importância da inclusão digital)

	<ul style="list-style-type: none">Desenvolvimento de projetos que integrem as habilidades digitais aprendidas, como pesquisas, apresentações e trabalhos colaborativos.	digitais desenvolvidas	<ul style="list-style-type: none">Desenvolvimento de sites para organizações locais, criação de campanhas de conscientização digital, e produção de conteúdo multimídia (vídeos, podcasts) sobre questões locais.
--	---	------------------------	---



Tenha acesso a Proposta Pedagógica para o ensino do componente Inclusão Digital apontando a câmera do celular para o Qr code.

REFERÊNCIAS

LIMA, Marilia Freires de. ARAÚJO, Jefferson Flora Santos de. **A utilização das tecnologias de informação e comunicação como recurso didático-pedagógico no processo de ensino-aprendizagem.** ISSN: 1984-6290 Qualis B1 - quadriênio 2017-2020 CAPES DOI: 10-18264/REP. Disponível em <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/23/a-utilizacao-das-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-como-recurso-didatico-pedagogico-no-processo-de-ensino-aprendizagem>. Acesso em 20 de Julho de 2024.

FREIRE, Paulo . **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BAHIA. **O Documento Curricular Referencial da Bahia (DCRB) - Volume 2** - Etapa Ensino Médio. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. – Rio de Janeiro : FGV Editora, 2020. 556 p. Disponível em: http://dcrb.educacao.ba.gov.br/wp-content/uploads/2022/08/DCRB-09_08_22_COM-MATRIZES.pdf. Acesso em 20 de Julho de 2024.

BAHIA. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. **Organizador Curricular da Educação de Jovens e Adultos 2022.** Disponível em https://cursos.educacao.ba.gov.br/pluginfile.php/550481/mod_resource/content/1/Organizador%20Curricular%20EJA%202022.pdf. Acesso em 20 de Julho de 2024.